

Defesa Nacional

339



DE JULHO

942

NÚMERO

338

Diretores responsáveis

Gen. Heitor A. Borges

Cel. Orozimbo M. Pereira

Sen. Cel. Lima Figueirêdo

Sen. Cel. Djalma Dias Ribeiro

Major Batista Gonçalves

A DEFESA NACIONAL

Fundada em 10 de Outubro de 1913

Ano XXIX

Brasil — Rio de Janeiro, 10 de Julho de 1942

N.º 338

SUMÁRIO

Pá

Editorial
O segundo período de instrução ou período de Companhia — Cel. T. A. Araripe
O observador avançado — Tradução — Cap. Lindolfo Ferraz Filho
Combate em localidades — Major Augusto Magessi
Os botes de assalto do Exército dos EE. UU. — Cap. Newton Faria Ferreira
Elementos de pedagogia militar — Cap. Gerardo L. Amaral
Reflexões sobre a doutrina do emprego dos carros de combate — Major Olimpio Mourão Filho
Com a mandioca podemos fabricar o mais barato de todos os explosivos poderosos — Cap. Alfredo Fauroux Mercier
Tiro de acordo na Artilharia de Costa — Cap. Hermes Guimarães
Cavalaria em Creta — Tradução — 1.º Ten. Fernando Belfort Bethlehem
Efeitos de bombas explosivas
Livros do Exército — 1.º Tenente Umberto Peregrino
Noticiário e Legislação

EDITORIAL

Todos os anos o Exército se associa às festividades com que a Marinha de Guerra recorda 11 de junho de 1865, que é, sem dúvida, a sua efeméride máxima. Não vai nisso apenas uma atitude sentimental ditada pela pura e ininterrupta camaradagem que sempre ligou as forças nacionais de terra e mar, ou pelo orgulho patriótico que toca todos os brasileiros ante o extraordinário feito dos nossos marinheiros que pelejaram em Riachuelo. Além desses elementos, certamente poderosos e sensíveis, há outros oriundos da nossa realidade militar e que devem estar presentes em todos os pensamentos do Exército no tocante à Marinha de Guerra nacional.

Com efeito, as operações em comum, a cooperação reciproca nas campanhas do passado, sobretudo na guerra do Paraguai, em que foi decisiva, desde a transposição do rio Paraná, o forçamento da passagem em Humaitá, o ataque à posição de S. Fernando, o desembarque em S. Antônio, após a travessia do Chaco, para só falar nas contribuições de maior vulto, correspondem a um imperativo da nossa defesa.

Em nenhum outro país há de ser tão íntima, tão ampla e tão necessária essa cooperação entre Marinha e Exército. O Brasil não admite, na estruturação das suas

forças militares, qualquer simplificação. Enquadrado geograficamente no tipo continental marítimo, repele os sistemas de defesa com predominância naval, mas também de pouco lhe valeria uma organização terrestre, por mais poderosa que fosse, que não tivesse como base o apoio numa forte marinha. A fronteira marítima, ainda quando debruçada sobre um oceano, é hoje extremamente crítica e vulnerável sob o prodigioso ameaçamento das distâncias. Por outro lado, na era da guerra técnica, insaciável consumidora de máquinas, combustíveis e munições, os acessos marítimos representam as próprias vias respiratórias de uma nação do tipo brasileiro.

E se estreitarmos mais o quadro, isto é, se nos ativermos determinadamente ao Brasil, vamos encontrar o acréscimo de uma notável rede fluvial, tanto copiosa como volumosa. São gigantescos caminhos líquidos que perfuram o nosso território até os pontos mais centrais, ou são grossos cursos d'água que deslizam ao longo das nossas fronteiras terrestres, servindo-lhes de linha divisa.

Tudo isso é preciso defender, é preciso estar em condições de utilizar em nosso proveito. Compreende-se perfeitamente que daí decorre a organização de um sistema baseado na perfeita combinação de forças terrestres e navais. Vem a ser, pois, sobretudo com a consciência dessa realidade que o Exército olha e participa da vida da Marinha de Guerra nacional.

Bem sabemos o que significou militarmente o choque memorável de Riachuelo, com a vitória absoluta da nossa esquadra: aniquilamento do poder naval inimigo e consequente domínio da mais importante das nossas vias de comunicações aproximadas.

Mas será particularmente interessante, nesta oportunidade, recapitular o esforço da nossa Marinha quando teve de enfrentar, de súbito, uma nova campanha, de grandes proporções, sem estar convenientemente aparelhada.

Em verdade vinhamos de uma luta no Estado Oriental e não dispunhamos de navios apropriados à guerra fluvial que se ia travar. Nossa material, "quer em qualidade, quer em quantidade", estava, advertia o Ministro da Marinha, Araujo Brusque, no seu relatório de 1864, "muito longe de satisfazer as necessidades do serviço".

Mas a Marinha de Guerra soube honrar suas responsabilidades. Não só combateu em todas as ocasiões com grande denodo e eficiência, como empreendeu, num gigantesco esforço, o seu próprio aparelhamento, lançando-se à construção naval em acelerada escala. Para isso o Arsenal recebeu prontas e notáveis ampliações. Novos maquinismos, novas ferramentas, novos laboratórios, novos depósitos foram instalados. Também se fez apelo às oficinas particulares. E o resultado traduz o vulto da empresa. Ao fim da guerra haviam sido construídos: um vapor, três encouraçados, duas bombardeiras, uma

corveta, seis monitores, uma corveta encouraçada, um rebocador, sendo que um dos encouraçados foi lançado ao mar em menos de cinco meses, as bombardeiras em pouco mais de três e um dos monitores com cinco.

Agora, precisamente, assistimos a uma quadra de ressurgimento da nossa Armada. Vêmo-la enriquecer-se dia a dia de novas unidades. E o que é mais, são navios construídos nos nossos estaleiros — matéria prima nacional, mão de obra nacional, desenhos e direção de técnicos brasileiros.

Por maiores que sejam as dificuldades, os tropeços, as falhas que ainda experimentamos nessa tarefa, devemos julgá-la sobretudo pelo seu sentido, que é o duma sabia política de autonomia, de maioridade, de independência em tudo aquilo que se entenda fundamentalmente com a defesa do país. Que somos capazes de realizar a construção naval de que necessitamos não há dúvida. O exemplo do passado e as avançadas realizações do presente nos afiançam isso de uma forma absolutamente positiva.

E são esses os pensamentos a que somos levados na data gloriosa da batalha de Riachuelo.

Armada e Exército se identificam nos ideais comuns, não menos do que se estimam em velha e sadia camaradagem, porque se confundem historicamente nos grandes lances pelejados em conjunto e se preparam para os que vierem no futuro.

O segundo período de instrução ou período de Companhia

(R.E.C.I., 1.ª Parte, Introd. n.ºs 96 a 98 e R.I.Q.T. 26 e 27)

Pelo Cel. T. A. ARARIPE

I — Estas notas, redigidas em grande parte em 1933, na Escola das Armas (Escola de Infantaria), têm por fim orientar os Cmto. de corpos na direção da instrução do 2.º período, dando uniformidade no desenrolar da mesma nesta D. I..

II — OBJETIVO DA INSTRUÇÃO DURANTE O 2.º PERÍODO

O objetivo da instrução durante o 2.º período consiste em:

- a) tornar mobilizáveis as sub-unidades (Cias. de Fuz. e Mtrs., Pel. e Cia. Extra), isto é, aptos a enquadrar reservistas e a entrar em campanha;
- b) instruir os quadros nas diferentes funções de comando, tornando-lhes familiares os processos de execução características da tática da arma.

III — DECOMPOSIÇÃO DA INSTRUÇÃO

O segundo período é consagrado:

- a) **De preferência:**
 - 1 aos **Exercícios táticos de conjunto** (exercícios de combate, serviço em campanha, organização do terreno e aplicação do tiro real nas Cias. de Fuz.º e de Mtrs.);
 - 2 **treinamento das Sub-unidades Exanumerárias** (Pel. e Cia.);

- 3 instrução dos quadros;
- 4 prosseguimento da instrução corrente (Educação Física, Ordem Unida, Maneabilidade, Tiro, Ed. Moral e Instrução Geral);
- b) Subsidiariamente:
 - 1 aperfeiçoamento da instrução individual;
 - 2 continuação dos exercícios táticos de pelotão.

IV — ASSUNTOS A SEREM MINISTRADOS

Como se sabe, não é possível tratar-se, no curto prazo de dois ou três meses, de todas as situações e tarefas que podem caber à companhia em campanha.

Contudo, é conveniente tratar dos casos típicos, mais comuns na guerra, assim, por exemplo, é útil que se cuide, pelo menos uma vez, nos 2.º e 3.º Períodos, da segurança em marcha, da segurança em estação, da defesa contra carros e contra aviões, da aproximação, do ataque, etc..

Para facilitar o adestramento dos quadros, é conveniente que essas situações variem de ano a ano, de modo a permitir que aqueles adquiram o discernimento no apreciar as situações e os processos, bem como o espírito de decisão.

Damos a seguir uma lista dos principais assuntos que podem ser tratados nos 2.º, 3.º e 4.º Períodos (ver o item V):

A — Nos exercícios táticos de conjunto: —

a) Para as Cias. de Fuz.º:

- 1 Marchas longe do inimigo, de dia e à noite; altos horários; grandes altos; proteção contra a aviação e contra carros;
- 2 Estacionamento: preparo, estacionadores; instalação e serviço no estacionamento;
- 3 Marcha perto do inimigo; a Cia como elemento de primeiro escalão da Vanguarda, de Retaguarda e de Flançoguarda móvel ou fixa; alto guardado; proteção de

um escoamento; medidas contra a aviação inimiga e carros;

- 4 A Cia. nos postos avançados, longe e perto do inimigo;
- 5 A Cia. na aproximação coberta ou não, executada através de terreno desprovido ou não de organizações; em grande percurso, de dia e de noite; travessias de zonas batidas por artilharia, aviação e metralhadoras, e de zonas infeccionadas de gases; proteção contra as vistas e ataques aéreos;
- 6 A Cia. na tomada do contato com ou sem auxílio da cavalaria; encontro das primeiras resistências inimigas; manobras por infiltração; encontro de uma linha contínua de fogos;
- 7 A Cia. no ataque em primeiro escalão; dispositivo inicial; saída da base de partida; modificações do dispositivo de acordo com as necessidades do momento; reforçamento do escalão de fogo; continuação da progressão depois da limpeza sumária do terreno conquistado; cooperação dos carros de combate (figurados); emprego das frações de metralhadoras postas, eventualmente, à disposição da Cia.; manutenção do escalonamento; emprego da reserva e seu papel; redução de uma resistência que detenha um ou mais pelotões de primeiro escalão; parada a um contra-ataque; reconstituição da reserva, durante o combate; etc.;
- 8 A Cia. na ocupação e conservação do terreno conquistado; reagrupamento e reconstituição dos pelotões; emprego do fogo; tomada do dispositivo; restabelecimento da ordem, do escalonamento em profundidade e das ligações; remuniciamento; conservação ou re-tomada do contato; balizamento; reabastecimento; plano de fogo; execução progressiva dos trabalhos de organização do terreno; organização da observação, das ligações e das transmissões; procedimento da defesa em caso de ataque inimigo; execução de um contra-ataque; parte com esboço de instalação; serviço na posição, roteiro, etc.; organização rápida de um

- ponto de apoio fechado, no caso de insucesso, para resistir a todo o transe, etc.;
- 9 A Cia. no aproveitamento do êxito e na perseguição; conservação do contato; continuaçāo viva do movimento; manobras das resistências isoladas; retomada do contato; etc.;
- 10 A Cia. na manobra em retirada ou no combate em retirada; etc.;

b) Para a Cia. Mtr.:

Serão apreciadas as mesmas situações acima, atuando a Cia. fracionada em Secs. ou Pels., postos à disposição das Cias. Fuz.^º ou em bloco.

Neste último caso, tratar-se-á particularmente de:

- 1 Na ofensiva, instalação da base de fogos; comando e repartição do fogo; deslocamento; ligação com as Cias. Fuz.^º de primeiro escalão;
- 2 Na defensiva, missões dos Pels. e Secs. Mtr. e Mtr. dentro do plano de fogos; cooperação com as Cias. de primeiro escalão; atuação nos contra-ataques, defesa contra aviões e carros; etc.;

c) Objetivos capitais dos exercícios de conjunto:

Esses exercícios têm por fim treinar o capitão: na coordenação dos seus pelotões, em vista da execução da missão que recebeu;

- na tomada de decisões e expedição de ordens, por ocasião dos incidentes do combate;
- no emprego de sua reserva;
- na preocupação de manter a coesão de sua sub-unidade;
- na utilização dos seus meios de observação;
- na utilização dos meios de transmissão para se manter em comunicação constante com o seu Cmt. de Btl. e com as unidades vizinhas.

Além disso, eles visam:

- treinar os pelotões a combater em ligação entre si;
- treinar o grupo de comando e do T. C..

d) Regras para a execução dos exercícios táticos:

1.^a — Em regra, caberá ao comandante do corpo formular o programa dos exercícios que interessam à companhia, ao batalhão e ao regimento e em funcionar todas as especialidades necessárias no combate: observação, transmissão e, eventualmente sapadores e serviço de saúde (R. E. C. I., 1.^a Parte, Introd. 124).

2.^a — Todos esses exercícios devem ser realizados segundo situações de guerra previamente estabelecidas e estudadas. Levar uma tropa ao terreno sem ter feito antes os estudos acima indicados, é cansá-la sem que advenha disso vantagem para a instrução que se deseja fazer.

Conseguir-se-á ótimo rendimento se for adotada a seguinte progressão:

- Estabelecimento pelo comandante do batalhão de um quadro de Exercício, de preferência, enquadrado no Tema de conjunto organizado pelo comandante do regimento para os exercícios táticos, dos quadros e de conjunto e consequente organização e preparação pelo mesmo de um exercício de quadro para a sub-unidade interessada;
- execução da carta e no terreno pelos quadros da companhia interessada do exercício de quadro indicado acima, sob a direção do comandante do batalhão;
- organização e preparação pelo mesmo comandante do batalhão do exercício com tropa — de conjunto de acordo com as soluções dadas e observações feitas nos exercícios de quadros;
- execução com tropa do exrcício estudado.

3.^a — Algumas vezes e, principalmente, quando não for possível o comandante do batalhão exercer as funções de diretor dos exercícios, essa função será preenchida pelo próprio comandante da companhia interessada, o qual designará um dos subalternos para atuar como comandante da mesma durante o exercício.

4.^a — Alguns exercícios, sobretudo os de exame, serão realizados sem que sejam precedidos dos exercícios de quadros previstos na alínea b acima, mas, em todos eles é imprescindível que haja a organização e preparação indicadas nas alíneas a e c.

5.^a — Nesta mesma ordem de idéias e com intuito de preparar os quadros para atuarem em regiões de que não existem cartas, convirá realizar exercícios de quadros ou de conjunto no terreno, sem que os executantes possam consultar previamente a carta. Tal procedimento será aplicado particularmente nos corpos de localidades em que não existam cartas. O comandante do batalhão poderá repetir o exercício com outra companhia ou com a mesma, a título de correção ou aperfeiçoamento.

6.^a — As companhias irão ao terreno executar os exercícios táticos em duas condições:

- com efetivos de guerra ou reforçados;
- com os próprios efetivos.

Para dar à companhia o efetivo reforçado lançar-se à mão de elementos das outras companhias, oficiais e praças.

Esse processo deve ser a regra dos corpos de efetivo minguado, e, então, há conveniência que o exercício aproveite todos os elementos do corpo, uns como executantes diretos, outros na representação do inimigo e figuração dos incidentes, e ainda outros como árbitros e observadores de procedimento.

Com os próprios efetivos, as companhias irão no terreno, organizando com efetivo de guerra uma ou mais de suas frações e os elementos indispensáveis do grupo de comando representando, se preciso, por graduados e soldados as demais frações para efeito de ligação. Nos exercícios executados desse modo, cuida-se de verificar minuciosamente o papel de cada fração na situação já estudada para o conjunto da companhia.

8.^a — Os apoios de fogo da própria infantaria, da cavalaria ou da artilharia, bem como a cooperação da aviação devem ser estudados convenientemente e, sempre que pos-

sível, recorrer-se-á aos oficiais dessas armas, os quais convi-
rão que assistam aos estudos perparatórios dos exercícios.

De modo semelhante se procederá quando se tiver que
cuidar do remuniciamento, alimentação, levantamento e eva-
cução dos feridos, em relação aos contadores e médicos.

B — Treinamento das Sub-Unidades Extranumerárias: —

A instrução técnica dos homens e das turmas é intensi-
ficada neste período para alcançar melhor rendimento de
utilização.

Os exercícios táticos dessas frações e sub-unidades de
comando podem ser feitos como aplicação, nos exercícios de
conjunto; mas, além disso, haverá sempre exercícios espe-
ciais de treinamento das diferentes turmas, dentro de situa-
ções táticas figuradas.

C — Instruções dos Quadros: —

Neste período, os Cmts, de R. I., Btl e Cia. podem
dispor dos oficiais, sub-tenentes e sargentos para dar maior
intensidade aos trabalhos de aperfeiçoamento da instrução
dos mesmos oficiais e, principalmente os subalternos, não
ficam mais sobrecarregados com a instrução de recrutas e
das turmas de especialistas e de cabos, como acontecia no
primeiro período. O mesmo ocorre com os sargentos.

E' preciso ter sempre em vista que, tanto o estudo de
problemas técnicos como o dos táticos, devem na sua maior
parte, ter relação com os exercícios de conjunto. Assim,
por exemplo, os estudos técnicos de eficiência de armamen-
to devem ser feitos à luz de casos concretos estudados ou
executados em outras sessões; os exercícios na carta ou
no terreno dirigidos pelo Cmt. do R. I. devem servir de pre-
paração para as situações que serão estudadas pelos Cmts.
de Btls.; estes, por sua vez, organizarão as suas sessões de
instrução dos quadros de modo que os estudos feitos sir-
vam de base aos exercícios de quadros das Cias., bem co-

mo aos exercícios de conjunto. De maneira idêntica os próprios exercícios de quadros das Cias. servirão, como já indicamos, de preparação dos seus exercícios com tropa.

Essa concatenação de esforços é indispensável e exige apenas um pouco de previsão nos programas dos diferentes chefes.

D — Instrução corrente: —

Durante o período continuam a obedecer a marhac normal:

- a Educação Física e principalmente as Aplicações Militares;
- a Instrução de tiro e Armamentos, dedicado especialmente ao tiro de combate e aos exercícios táticos com tiro real;
- a Ordem Unida e Maneabilidade, para manter o treinamento e aperfeiçoar a execução da Escola de Cia.;
- a Educação Moral e a Instrução Geral, que nunca se interrompem.

Exercícios de Maneabilidade: — Os exercícios de Maneabilidade das Cias. merecem uma referência especial.

Eles visam unicamente a preparação da Cia. para os exercícios táticos. Têm, pode-se dizer, o verdadeiro aspecto desses exercícios, porque para corresponder a sua finalidade, deve ser feito segundo uma hipótese tática simples (aproximação sob as vistas e fogos de inimigos cujos observatórios e posição estão no terreno, ataque a uma determinada posição, medidas contra a aviação e carros inimigos, etc.). Se essa hipótese não é transmitida aos executantes, ela sempre existe na cabeça de quem dirige esses exercícios.

Os movimentos são inspirados por essa hipótese e pelas formas do terreno. Sobretudo, esses exercícios caracterizam-se por muita vivacidade e flexibilidade de espírito e de ação.

E — Aperfeiçoamento da instrução individual: —

Durante este período consagra-se ainda um esforço importante à instrução individual, com o tríplice objetivo:

- sanar as deficiências notadas durante os exames de recrutas ou nos exercícios de conjunto;
- conservar o treinamento adquirido pelos homens;
- aumentar a habilidade dos homens classificados nas diferentes funções da companhia e formar **soldados de** escol especializados, bem como habilitar alguns destes como especialistas.

F — Continuação da instrução dos Pels.:

Os exercícios táticos de pelotão serão intensificados neste período.

Em regra, o capitão aproveitará as próprias situações criadas para companhias, para dentro delas estudar parcialmente a ação dos pelotões, quer como uma repetição dos exercícios que serão realizados pelo conjunto, quer como uma repetição de exercício já realizado por esse mesmo conjunto.

V — Escalonamento dos Assuntos no tempo

Neste período, mais do que no primeiro, a instrução é condicionada pelo serviço e pela situação do corpo em terreno e outros meios de instrução.

Em regra, cada Cia. disporá apenas de um ou dois dias da semana para realizar um exercício de conjunto (tropa). Os outros dias serão destinados à preparação do exercício (no caixão de areia e com quadros na carta e no terreno), aos exercícios de pelotão, à instrução individual, etc..

Dentro destas condições, o Cmt. fixará os objetivos a serem atingidos, de preferência, em cada quinzena.

A título de exemplo, damos os resultados parciais a serem atingidos em corpo que tem facilidade de terreno para a instrução e não tem dificuldades quanto ao serviço.

RESULTADOS PARCIAIS A APRESENTAR

A) — Exercícios táticos do conjunto

NO FIM DA				
1. ^a Quinzensa	2. ^a Quinzensa	3. ^a Quinzensa	4. ^a Quinzensa	
As Cias, devem ter realizado marcha de estrada à noite os P. A. perito do inimigo como elemento de Vg. Aproximação não coberta (Fz., Mtr. e Mrt.)	As Cias, devem ter realizado todos os exercícios de maneabilidade do R. E. C. I, 1. ^a Parte, Inst. Técnica 258 e 267. Aproximação coberta (Fz., Mtr. e Mrt.)	As Cias, devem ter realizado aproximação à noite (longo percurso através campo). Marcha de estrada de longo percurso.	Tomada de contacto. (Fz., Mtr. e Mrt.)	As Cias, devem ter realizado o ataque de posição sumariamente organizada. Defesa do terreno conquistado (sub-quarteirão da P.R.) estudo minucioso do plano de fogos (inclusive o da artilharia) Golpe de mão.

B) — Treinamento das Sub-Unidades Extranumerárias

NO FIM DA			
1.ª Quinzensa	2.ª Quinzensa	3.ª Quinzensa	4.ª Quinzensa
Durante todo o período será feito o aperfeiçoamento técnico, dos especialistas.			
Iniciar-se-á a Instrução técnica de cabos e soldados de fileira que possam ser especializados como observadores, sinaleiros, telefonistas, sapadores, condutores, ferradores.		A maior parte dos cabos e soldados a serem especializados deverá poder tomar parte nos exercícios das Unidades de comando.	Deverá haver, pelo menos um número de soldados capazes de substituir eventualmente os especialistas, igual à dotação destes, previstas no R.E.C.I.
Exercício da Secção Extra, Pel. Extra e Cia. Extra na aproximação.	Exercício da Secção Extra, na tomada de contacto.	Exercício de Pel. de Comando na tomada de contacto exercido da Sec. Extra no ataque.	Exercício da Secção Extra, na defensiva. Exercício do Pel. Extra no ataque.

C) — Aperfeiçoamento da Instrução Individual

Assuntos	Primeiro mês	Segundo mês
Educação Física . . .	Ter perfeitamente treinadas 3 lições de Aplicações Militares, principalmente a parte do ataque e da defesa.	Ter perfeitamente treinadas 3 lições de Aplicações Militares.
Educação Moral e Instrução Geral . . .	Continuação da doutrinação por palestras curtas, casos concretos, exemplos. Aperfeiçoamento das regras de procedimento e dos outros conhecimentos que os homens devem ter.	
Instrução de Tiro — Ar-mamento . . .	Revisão periódica do aprendido no 1.º período. Emprego das armas — adaptação dos fogos ao terreno e aos objetivos. Continuação dos Tiros de Instrução.	Todos os homens, inclusive os Sgts., graduados, especialistas, artífices e empregados devem ter realizado os tiros previstos para cada categoria e arma. Execução do tiro de combate para todas as armas.
Instrução sobre Deveres do Reservista . . .	Deveres do reservista em caso de convocação.	

VI — Regras para elaboração dos programas dos Btls. e quadros de trabalhos das Cias.: —

a) — O Cmt. do Corpo, das unidades e sub-unidades devem estudar com cuidado a escala dos serviços ordinários e extraordinários, para saber, com antecedência, pelo menos de uma quinzena, os dias em que poderão dispor desta ou daquela Cia. para os exercícios de conjunto e quando poderão dispor da maior parte dos homens das Cias. para os exercícios de Pels. ou Secs. ou para a instrução individual.

Os exercícios de conjunto serão feitos com o efetivo-de guerra, devendo a Cia. designada ser completada em quadros e soldados das outras Cias. do mesmo Btl..

Em alguns exercícios a Cia. Mtr. de um Btl. poderá ser completada com as Secs. da outra Cia. Mtr., de maneira a aproveitar-se da constituição de guerra.

Na utilização do pessoal convirá levar em conta as necessidades da arbitragem, da figuração do inimigo e da tropa amiga.

b) — O Cmt. do corpo, designará com antecedência e por quinzena os dias destinados à instrução dos quadros, a cargo do R. I., à das Secs., dos Pels. e da Cia. Extra (unidades de comando), bem como o tempo de instrução do Curso de Candidatos a Sargentos, que interessem ao conjunto do corpo, os dias em que os Btls. disporão dos estandes, dos terrenos de instrução e aqueles em que poderão fazer jornadas completas.

Do mesmo modo, serão previstos os dias de treinamento de marcha (diurna ou noturna) uma por quinzena, por Cia. ou todo o Btl. com os seus respectivos T. C..

c) — Os **especialistas** receberão a instrução técnica ministrada pelos instrutores especializados (em princípio, os mesmos que funcionaram no curso do 1.º período) e a dirigida pelos Cmts. das Sub-Unidades, Pel. Extra e Cia. Extra, segundo horário harmonizado pelo Sub-Cmt..

Os músicos, os corneteiros, os condutores não devem ser esquecidos quanto ao treinamento das respectivas especialidades.

d) — Quanto aos **empregados e artífices**, deve ser regulado o seu comparecimento à instrução complementar, à instrução comum nas Cias. e aos exercícios importantes. Para a primeira devem ser designados os instrutores.

e) — Quanto aos **cabos**, também deve ser regulada a sua instrução de aperfeiçoamento nas Cias. nas funções de comando, de monitores (processos de instrução inclusive quanto à educação física, conhecimentos práticos de observação, topografia e de transmissões).

O mesmo acontece quanto aos cabos especialistas, artífices e empregados.

f) — O C. C. S. se regulará por programa especial.

g) — A instrução de aplicação dos sargentos e subtenentes será feita, parte nas sub-unidades e parte em sessões especiais (exercícios do C. C. S., exercícios de especialistas, trabalhos orientados por instrutores designados, topografia, transmissões, escrituração, tática, etc.).

h) — A instrução dos **retardatários** será completada nos Q. G. nos Btl. que os possuirem.

i) — O sub-Cmt. do corpo organizará por quinzena um Q. T. falante, dia a dia e hora a hora, no qual figurarão os encargos do serviço e todas as instruções que interessarem ao conjunto do corpo, evitando os choques muito comuns entre as necessidades dos diferentes elementos do corpo.

“Quem defende o Brasil não morre”. — PEDRO I

O OBSERVADOR AVANÇADO

Pelo Major JOHN F. BIRD, Art.

Traduzido do "Field Artillery Journal", Julho de 1941

Do Cap. LINDOPHO FERRAZ FILHO

O que há sobre o observador avançado? Nossos regulamentos de campanha o ignoram. Nós o necessitamos? Quem é ele? Que auxiliares necessita? Que equipamento e material de transmissões terá? Para quem ele observa? Como procede quando vê? O presente artigo procurará responder algumas dessas questões.

1 — NÓS O NECESSITAMOS? PORQUE PRECISAMOS DE OUTRAS OBSERVAÇÕES ALÉM DAS QUE SÃO FORNECIDAS PELO OBSERVATÓRIO DA BATERIA?

Os oficiais que fazem o curso em Fort Sill (1) naturalmente ficam com a idéia de que sempre haverá uma elevação de onde se possa ver as posições inimigas; da qual o Cmt. do Gr. pode escolher um ponto de regulação (alvo auxiliar) e d'onde os Capitães possam regular suas baterias.

A grande região das futuras manobras de nossas tropas não será em Fort Sill; tão pouco aí será o teatro da guerra. Nos Estados de Carolina do Sul, Georgia, Louisiana o terreno é bem diferente, como podem atestar aqueles que tomaram parte nas manobras da Primavera.

Gastamos muito tempo olhando para os nossos queridos amigos Medecine Bluffs, Mission Ridge e Feigel Point (2). Infelizmente para nós, eles não estavam lá.

(1) Escola de Artilharia de Campanha Americana, situada no Estado de Oklahoma.

(2) Os amigos referidos são as elevações que dominam o campo de instrução de Fort Sill, tal como Monte Alegre, Jacques, Jovino, Engenho Novo, etc. em nosso Campo de Gericinó.

A região das manobras, em sua parte Sul, é plana e coberta por densos bosques de grandes pinheiros. Tudo que podíamos ver eram árvores e, ocasionalmente, uma pequena clareira.

Alguns dos Cmts. de Baterias pensavam que do alto desses pinheiros poderiam ter excelentes observatórios. Essas suposições foram postas à prova e vimos então que, do alto desses pinheiros, tudo que podíamos ver eram novos pinheiros.

Os artilheiros sabem que copas de árvores não são recomendadas como pontos de regulação ou alvos auxiliares.

Algum outro tipo de observador terrestre seria necessário.

— A solução foi dada com o **Observador Avançado**. Entretanto os observadores careciam de experiência, tanto quanto os textos regulamentares; quasi sempre não sabiam como realizar seu trabalho; algumas vezes cegos estavam observando para cegos.

Neste Verão as manobras serão realizadas, novamente, na mesma degião e, quer gostemos ou não, teremos que usar o observador avançado.

Muitas vezes oficiais novos e pouco experientes serão mandados à frente para observar e só levarão uma vaga idéia daquilo que supõem devem fazer e como o farão. Como os regulamentos de campanha ainda permanecem silenciosos a esse respeito, escrevemos este artigo com o intuito de auxiliar aqueles que irão desempenhar a função de observador avançado de bateria.

2 — QUEM É O OBSERVADOR AVANÇADO DE BATERIA?

Na organização das baterias de campanha há quatro oficiais, quer nas de canhões de 75 m/m, quer nas de obuses 155 m/m.

São eles:

— o comandante da bateria

- o oficial de reconhecimento
- o executivo (nossa Cmt. de L. F.)
- o assistente do executivo.
- Qual desses oficiais deverá ser o observador avançado?

O comandante da linha de fogo não pode ser. Ele é responsável pelo treinamento e trabalho das guarnições das peças e deve permanecer aí com elas, desde que estejam em ação.

Qualquer dos outros 3 oficiais poderá exercer essa função, dependendo apenas da situação tática do momento.

— Cmt. da Bia. poderá muito bem agir como observador avançado, se sua bateria não estabeleceu um observatório. Por exemplo: uma bateria em apoio a uma vanguarda. Nessa situação, o comandante da infantaria e o principal posto de observação da bateria estarão à frente (avançado) e, certamente, que o Cmt. da bateria quererá estar lá, junto ao infante.

Contaremos um incidente passado com uma bateria que marchava com uma vanguarda para prestar-lhe apoio durante o deslocamento para certa região. A marcha teve início à noite, na suposição de que a região de fim de marcha seria atingida antes de um possível contato com o inimigo. Como acontece muitas vezes, o inimigo aparece inesperadamente.

Sem ser percebido, ele se moveu durante a noite e conseguiu, rapidamente, tomar contato logo ao amanhecer. A vanguarda foi apanhada em plena marcha de estrada.

A estrada tinha cerca de 10 m. de largura e nada mais havia que essa brecha no denso bosque de pinheiros.

Não havia nem posição de bateria e nem observatório escolhidos. O Cmt. da Bia adotou a única solução possível: colocar dois canhões em posição, um de cada lado da estrada. Feito isto, avançou pela estrada até um ponto em que pudesse ver a ação da infantaria e daí conduziu o tiro de seus 2 canhões, empregando a rádio-telefonia como meio de transmissões.

Embora isto tenha sido feito com um pouco de confusão, satisfez plenamente o árbitro de artilharia, que havia criado o incidente. O inimigo foi recalcado.

— Entretanto, em muitas ocasiões, o comandante da bateria preferirá permanecer com sua bateria, para dirigir-lhe o emprego tático.

— O oficial de reconhecimento tem como funções normais:

- organizar e instalar o observatório
- confeccionar o croquis panorâmico da região atribuída à bateria
- observar o tiro.
- conduzir o tiro da bateria, se o Cap. estiver ausente.

Se o comandante da bateria permanecer no observatório, o sargento de tiro poderá exercer as funções do oficial de reconhecimento.

— O Tenente auxiliar do Executivo é o responsável pela marcha e deslocamento da coluna. Essa principal função não lhe toma todo o tempo, de sorte que embora ele aí seja necessário, frequentemente será empregado como observador avançado.

— O Comandante da Bateria decidirá quem será o observador avançado, baseando sua decisão na maior ou menor disponibilidade e eficiência de seus oficiais. Todo aquele que é designado para ir à frente, deve estar treinado nessas funções, de modo a poder resolver os problemas que surjam na região de ação do observador avançado.

Sabemos que qualquer um dos oficiais da bateria poderá agir como comandante da bateria, oficial de reconhecimento ou comandante da linha de fogo; devendo pois conhecer e estar em condições de exercer essas funções; igualmente também acontecerá com esta função de observador avançado.

Além do treinamento normal que é dado a qualquer oficial de bateria, para exercer as funções de observador avançado ele necessita instrução sobre os métodos usados

no tiro de Grupo (central de tiro), para poder cumprir as diferentes missões de tiro. Deverá saber onde irá colher informações e que fará delas, quando as obtiver. Com estes conhecimentos tornar-se-á um eficiente colaborador da central de tiro do Gr.

Precisa conhecer a rede de transmissões, as linhas que o Gr. e as baterias estenderam; a constituição das equipes de rádio e onde estão localizadas, seus sinais de chamada, frequência, códigos a utilizar e outras particularidades. Estes conhecimentos ajudá-lo-ão, em caso de não conseguir estabelecer ligação com o posto com o qual teria que trabalhar, pois estaria em condições de lançar mão de um outro posto para auxiliá-lo.

Deve conhecer os processos e métodos de tiro contra objetivos visíveis e o procedimento apropriado para obter rapidez na transmissão das mensagens.

3 — QUE AUXILIARES O OBSERVADOR AVANÇADO NECESSITA?

Sua equipe é constituída de 1 sargento e 2 soldados, com instrução apropriada para desempenhar suas funções, suportar as emoções da linha de frente e resistir o máximo à fadiga.

— O sargento será encarregado da equipe. Deve ter treino de observador, leitura de cartas e de fotografias aéreas, locação de pontos, avaliação de distâncias, transmissão e recebimento de mensagens por sinalização a braços ou ótica e de auxiliar de rádio-telefonista. Observa a região de objetivos e deverá estar em condições de conduzir o tiro, se necessário.

— Os soldados são empregados: um, como rádio-telefonista e o outro como auxiliar. Trabalham com um pequeno aparelho transmissor-receptor, modelo S. C. R. 194, que é comumente conhecido por "falar-andando". Serão também treinados em: sinalização a braços ou ótica, de modo a poder constituir, com o sargento, uma turma de tra-

balho; leituras de cartas e transmissão de mensagens; assim como possuirem qualidade pessoal para orientar-se com facilidade.

Os quadros de organização não mencionam a equipe do observador avançado, entretanto muitos artilheiros acham que ele deve existir tal como as demais equipes do grupo (transmissões, esclarecedor-observador, etc...)

Enquanto os referidos quadros de organização não consignarem a equipe, ao Cmt. da Bateria caberá decidir quem escolherá para esse importante trabalho. Uma maneira de seleção aconselhada seria: o sargento esclarecedor-observador, um soldado rádio-telefonista dos órgãos de comando do Capitão e um outro soldado auxiliar.

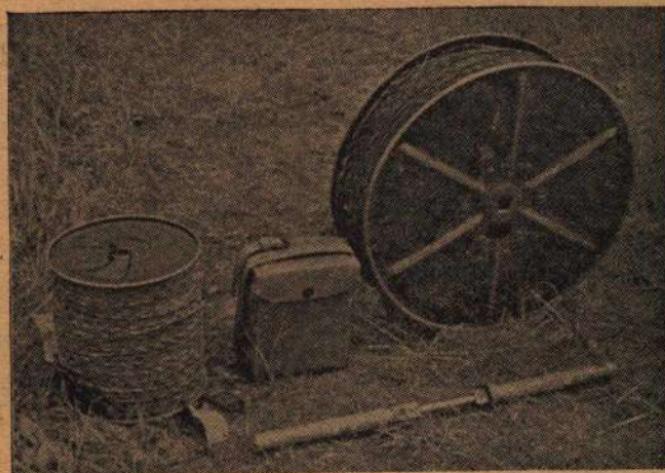
4 — TRANSMISSÕES

As transmissões são de ordem vital para o observador avançado; sem elas suas observações não têm valor. Logo que possível, deverá instalar uma linha telefônica, cujos detalhes de execução serão decididos de acordo com cada situação. Frequentemente será dificultoso e algumas vezes até impossível; mas a iniciativa da equipe pode realizar e manter essa ligação. A deficiência de estradas ou de raiões desenfiadas são outros fatores que dificultam a utilização da viatura telefônica, especialmente se a região for muito matosa ou montanhosa.

Em futuro próximo, com a criação de um novo tipo de fio telefônico, bastante leve — o W 130 — resolveremos este problema satisfatoriamente. Esta espécie de fio é feita especialmente para ser usada nas linhas de frente. Meia milha de fio pesa cerca de 25 libras, de sorte que a equipe poderá carregar quantidade suficiente para as necessidades. Uma milha desse fio, carregada nas bobinas "standard" (DR 4) e adaptadas a um eixo para carregamento e utilização, pesa cerca de 80 libras. Vide figs. ns. 1 e 2.

Apesar do revestimento do fio ser menos espesso que o empregado no cabo pesado de campanha, ele é também

impermeável. Sua resistência ao ser esticado é um pouco menor, mas isto não é um sério problema para seu uso.



Bobina comercial de fio telefônico W-130; telefone de campanha, bobina DR-4 e haste auxiliar. A bobina comercial transporta meia milha de fio e pesa 25 libras



Fio telefônico sendo transportado pela equipe do observador. A bobina DR-4 transporta uma milha de fio e todo o conjunto que vemos pesa cerca de 80 libras.

Pensamos que a tarefa de lançar fios nas linhas de frente, ficará muito facilitada; permanecerá então o único problema e já bastante conhecido: a rutura das linhas pelos projetis e viaturas.

Em outras ocasiões o observador avançado terá que empregar seu aparelho de rádio, dobrando as transmissões por sinalização ou estafetas.

Levará sempre um dos 3 aparelhos de rádio-telefonia de que é dotada a bateria — modelo S. C. R. 194 e mais conhecido por "falar andando".

5 — EXEMPLO

Para melhores esclarecimentos das funções do observador avançado, suponhamos a situação do croquis anexo, em que o 1.º R. I. tem um Gr. de Art. Motorizado (75 ou 105 m/m) em apoio direto.

O terreno em questão é semelhante à região Sul da área em que se realizaram as manobras.

O Cmt. do Grupo determinou o emprego dos observadores avançados.

Na Bateria "C", que é a da esquerda, o Capitão designou o Tenente auxiliar do comandante da linha de fogo para exercer essa função, tendo-lhe dado como auxiliares o sargento observador, um dos soldados rádio-telefonistas e um outro auxiliar.

Além da viatura para transporte e o material de transmissões necessários, o Tenente "C" decidiu levar o seguinte:

- carta da região (fotografia aérea) da zona de ação
- material de desenho (réguas, transferidor, pinos, etc.)
- caderneta de mensagens
- código de transmissões
- tabelas de tiro, para seu material
- binóculo, bússola e pistola

- alimentação fria e água para cada membro da equipe
- ferramenta de sapa.

Na guerra passada verificou-se que, se por um lado o observador não podia ver durante a escuridão, seria capaz de conseguir infirmações pelo ouvido. Quando o inimigo atira à noite, o comandante do Grupo necessita que seu observador avançado lhe diga onde estão sendo dados os tiros. Algumas vezes o fogo será seguido de um ataque; no entanto ele poderá ser dificultado se desencadearmos uma barragem em tempo, simplesmente pela informação do observador avançado que ouviu quando o ataque se iniciou.

Se a equipe permanecer na frente durante a noite, necessitará de alimentação e local para dormir. Se a equipe não puder transportar o material necessário, o Capitão tomará a si as providências exigidas.

Antes de deixar a região da bateria, o Tenente "C" precisa de certas informações, que em geral são dadas pelo Capitão e constam do seguinte:

- últimas informações sobre o inimigo e nossas linhas de frente
- zona de observação de sua bateria
- descrição e local dos alvos auxiliares, assim como de todas as concentrações previstas
- cuidadosa locação das baterias do grupo
- missão do Grupo.

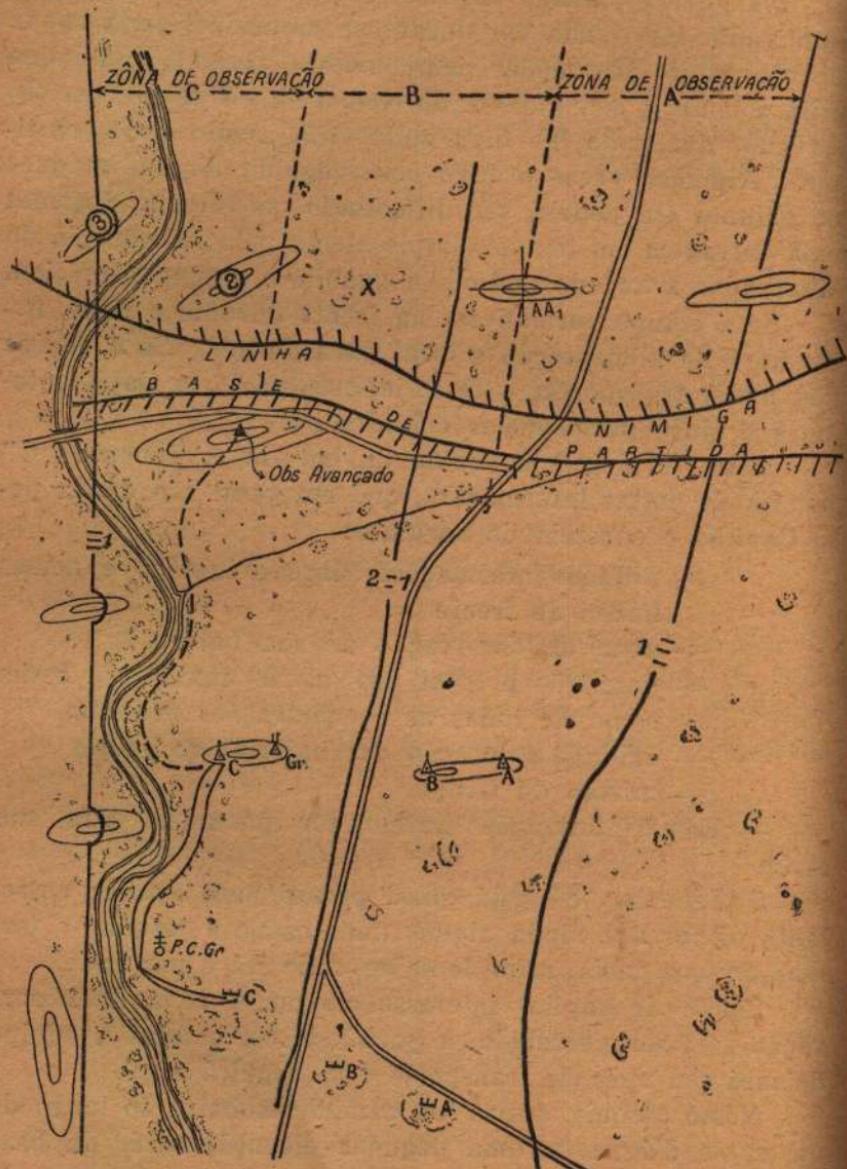
— Estas informações devem ser passadas para sua carta.

O Tenente "C" está quasi pronto para partir; entretanto dispensará ainda alguns minutos para estudar o terreno em sua carta, afim de saber onde irá e por onde.

Sendo de capital interesse chegar à zona de observação sem ser percebido, a partir de certo local a equipe deixará seu meio de transporte e proseguirá a pé.

Nosso croquis mostra um caminho coberto ao longo de um curso d'água, e, uma pequena elevação atrás da base de partida. Como esta elevação está dentro da zona de

observação da bateria "C", o Tenente "C" seguirá pela estrada desenfiada e conduzirá sua equipe até lá.



Se as baterias possuirem veículos como os da Fig. 3, isto é, carros Blitz-Buggy, conhecidos por "bantan" (3), estes serão os naturalmente indicados para conduzir a equipe do observador avançado, pois conseguem atingir lugares onde não vão os caminhões comuns.



Carro "bantan" de $\frac{3}{4}$ de tonelada, com bobina modelo DR-5 adaptada.
Essa bobina tem capacidade para 2 milhas de fio W-130.

Prossigamos com o Tenente "C" e observemos sua ação ao atingir a retaguarda das linhas de infantaria. Sem dúvida, procurará algum oficial do Batalhão que ocupa este quarteirão; possivelmente um Cmt. de Pel. de 1.º escalão ou o Cap. Cmt. da Cia. da esquerda.

Estes oficiais que já estão, há algum tempo, aí na região, reconhecendo-a, podem dar-lhe valiosas informações, de que muito necessita.

Por sua vez comunicará aos mesmos sua situação, informando-os de sua permanência aí no quarteirão e que poderão contar com sua assistência e apoio. Haverá assim esse entendimento, do qual surgirá a cooperação artilharia-

(3) Já adquirimos alguns desses veículos nos U.S.A. e, presentemente, fazem parte da Ala Motorizada, recentemente organizada, e que seguiu para Recife em 15-2-942.

infantaria em benefício da ação comum. Esse contato deverá ser tão rápido quanto possível para não retardar o estabelecimento da observação.

O Tenente "C" quer agora encontrar-se com o comandante do Pelotão da esquerda.

— Que informações quererá desse infante?

Certamente quererá saber a situação atual de seu pelotão, pois a informação que recebeu antes de sua partida, na bateria, pode não ter sido exata ou as linhas podem já ter sido mudadas. Verificará sua posição no terreno e fará as necessárias correções.

Este infante, no reconhecimento de sua zona de ação, não encontrou posições que tivessem boa observação sobre a região inimiga. Esta informação evitará que o Tenente "C" perca tempo na escolha de seu observatório, percorrendo locais impróprios e já reconhecidos.

Se o Cmt. do Pel. já assinalou objetivos importantes, como metralhadoras, armas automáticas e outros de interesse, comunicará ao observador avançado, servindo-lhe de grande ajuda.

Uma vez obtidas todas as informações necessárias do Cmt. do Pel., o Tenente "C", por sua vez, põe-no ao par de sua missão, assim como do apoio que a artilharia poderá prestar.

Vai agora o Tenente "C", com sua equipe, reconhecer seu observatório. Uma vez decidido o melhor local de observação, determina ao soldado rádio-telefonista que instale aí o aparelho de rádio e que procure ligação com a Central de Tiro do Grupo ou com sua Bateria, conforme o que havia sido combinado anteriormente.

Logo que consiga esta ligação, informa sua posição (local), usando mensagem cifrada, visto tal informação interessar ao inimigo. Enquanto espera essa ligação, o Tenente "C" mostra ao sargento observador os pontos principais da zona de ação, orienta sua carta, marca os alvos auxiliares e as diversas concentrações já previstas, que procura identificar no terreno.

Está assim o observador avançado pronto para iniciar o cumprimento de sua missão. Estuda detidamente o terreno, loca as instalações inimigas e objetivos que lhe foram mostrados pelo infante, assim como os outros que tenha conseguido observar.

Os demais membros da equipe, auxiliam-no na observação da zona inimiga, principalmente o sargento observador.

E' aconselhável que seu aparelho de rádio não transmita antes do ataque e, para isso manda as mensagens para a retaguarda através de um outro meio qualquer de transmissão da bateria; certamente que este será o meio a ser empregado (sinalização a braços, ótica ou mensageiro).

Se a ligação telefônica foi estabelecida por sua equipe gado. Se o terreno é tal que permite à viatura de transmissões da bateria trazer a linha (fio) até a frente, deve o Tenente "C" entender-se com o sargento telefonista da bateria, para a instalação da linha, assim como marcar o ponto que a mesma deva atingir. Para o caso, escolheu próximo à junção dos cursos d'água. Aí deixou o soldado auxiliar para avisar o caminhão das transmissões e guia-lo até o referido local. Muitas vezes, por falta de estradas, será necessário desenrolar o fio a mão até o ponto escolhido à frente, ou também por questões de desenfiamento.

— Quanto tempo deve permanecer o Tenente "C" neste local inicial ?

Lembremo-nos que a missão do observador avançado é observar e ajustar tiros sobre os objetivos. Se permanecendo neste local ele pode observar um, aí deverá ficar; entretanto, se seguindo com a infantaria consgue melhor local de observação, deverá mudar-se.

Frizemos: deverá ir onde melhor possa cumprir sua missão.

No nosso caso o Tenente "C" decidiu permanecer na sua posição inicial, até que a elevação número 2 seja tomada. Vide Croquis. Em seguida mudar-se-á.

6 — DESIGNAÇÃO DE OBJETIVOS

— Como o observador avançado designa os objetivos que vê?

Há vários processos, entretanto exporemos 4 dos mais usados.

1.º — Em relação a um ponto de referência conhecido;

Para usar este processo impõe-se que o observador avançado veja o ponto ou os pontos de referência do Grupo ou da Bateria.

Suponhamos que o Tenente "C" vai designar o objetivo "X" em relação ao alvo auxiliar número 1 (A.A. 1). Para isso, estima, em metros, a situação relativa daquele ponto em relação à esse, isto é, à direita (esquerda), curto (longo) (4) e transmite:

"Armas automáticas — A.A. 1 — Esquerda 400 — Curto 100" o que quer dizer que existem armas automáticas a esquerda 400 metros e a frente 100m do alvo auxiliar número 1. Ainda mais, que está em condições de observar estas armas, conduzir o tiro se quiser neutralizar-las e que pode atirar logo que estiver pronto.

O Cmt. do Gr., que é o diretor de tiro, é quem decide se deve ou não atirar, ou, o Cmt. de Bateria, caso o tiro esteja descentralizado. Uma vez decidido atirar, o observador deverá ser cientificado.

No presente caso o Cmt. do Gr. decidiu atirar com todo o Grupo, fixando em 100 tiros o consumo de munição para o objetivo, o que equivale a 8 tiros por peça. ($4 \times 3 \times 8 = 96$ ou 100). O tiro será conduzido pela C.T., que envia, por telefone ou rádio, a seguinte mensagem ao Tenente "C":

"Concentração número 4 — O Grupo atirará por 8 — A bateria "B" vai regular".

A bateria "B" atira e o Tenente "C" observa e comunica:

(4) N.T. — Em múltiplos de 50 metros. Vide Artigo publicado nessa Revista, número de Fevereiro do corrente ano, sob o título: "Notas da E.A." — Conduta do tiro com observação avançada.

“Direita 100 — Curto 100” (5)

A bateria “B” faz as correções e atira novamente; o Tenente “C” comunica:

“Esquerda 50 — Bom em alcance — Eficácia” (5)

O Grupo atira em seguida, tendo as baterias “A” e “C” introduzido previamente as correções encontradas para “B”. O tiro foi desencadeado e o Tenente “C” comunica:

“Está obtido o resultado”. (5)

2.º — **Em relação à uma concentração prevista ou à um objetivo já batido.**

A maneira de proceder é idêntica à usada no processo anterior; exceto quanto ao ponto de referencia que, no caso, será o local da concentração ou do objetivo batido. Pode ser, por exemplo, a junção ou o cruzamento de duas estradas, a parte mais alta de uma elevação, um bosque, etc, etc.

O Grupo ao designar as concentrações previstas deve numerá-las e comunicar às baterias, que, por sua vez, fornecem ao observador avançado, antes dele deixar a posição da bateria. No nosso croquis, os pontos marcados 1, 2 e 3 são concentrações previstas.

A maneira de designar os objetivos será a mesma.

3.º — **Por coordenadas retangulares.** (6)

Neste processo, o observador loca o objetivo em sua carta (geralmente por inspeção), lê as coordenadas hectométricas e comunica ao Grupo ou Bateria.

“Morteiros de infantaria — 32.96”.

Se usarmos uma fotografia aérea, a designação será feita em relação à uma quadriculagem arbitrária, traçada na fotografia.

“Morteiros — B. J. — 32.96”.

O Grupo (bia.) loca o objetivo por suas coordenadas, numera o objetivo para o caso de uma futura referencia e

(5) N.T. — As observações do tiro já são de conformidade com as aludidas “Notas da E.A.”, elaboradas pelos Caps. Antonio H. de A. Morais, Lindolpho Ferraz Filho Borges Fortes.

(6) N.T. — Tambem podemos designar objetivos por coordenadas polares, processo grandemente generalizado entre nós, principalmente usando o T.U.

decide quando vai desencadear o tiro, dando ciência ao observador, caso vá atirar.

As observações serão dadas do mesmo modo, já descrito.

4.º — Escolhendo um ponto na região dos objetivos (7)

Haverá muitas ocasiões em que o observador avançado não conseguirá identificar os alvos auxiliares, pontos de regulação, região das concentrações previstas ou qualquer outro ponto conhecido do Grupo ou da bateria. Isto aconteceu muitas vezes nas manobras da Primavera e acontecerá nas do próximo Verão, onde o observador verá apenas uma clareira entre as árvores e terá que escolher aí seu próprio ponto de referência.

Poderá fazer de duas maneiras:

- a) Pedindo ao Gr. (Bia.) que atire uma rajada sobre um dos A.A. ou concentração prevista.
- b) Enviando dados para atirar sobre um determinado ponto, que ele próprio tenha locado (escolhido).

No primeiro caso o Gr. designa uma bateria para atirar no local pedido, cientificando-o qual bateria e a munição empregada.

Para concluir este artigo desejamos chamar atenção sobre certos pontos.

— As convenções de tiro previamente estabelecidas ou mensagens apropriadas (8) economizam tempo e devem ser usadas.

— Não se deixe apaixonar por esse processo.

— Se esquecer algumas das convenções ou sinais dos códigos, transmita as mensagens com palavras suas.

— O principal objetivo é realizar o trabalho do observador.

Salientemos que este artigo foi escrito não sómente com a idéia de que ele enrrra os únicos métodos e procedimentos do observador avançado, mas simplesmente servirá como um ponto de partida.

(7) N.T. — Veja no artigo já citado: Designação de objetivos — letra "d" e 1.º Exemplo.

(8) N.T. — Sinais convencionais feitos pelos aviões e painéis — Regulamento n.º 84.

COMBATE EM LOCALIDADES

Pelo Major AUGUSTO MAGESSI

SEGUNDA PARTE

ATAQUE DE LOCALIDADES

A — EXPOSIÇÃO TEÓRICA :

§ 1.º — CONCEPÇÃO DE CONJUNTO DA MANOBRA :

- Combinação de ataque frontal com desbordamento.
- Processo de desbordamento.

§ 2.º — EXECUÇÃO DA MANOBRA :

- Ação Frontal.
- Desbordamento.

§ 3.º — TRAÇADO DE ZONAS DE AÇÃO.

§ 4.º — EMPREGO DE CARROS DE COMBATE

§ 5.º — AUXÍLIO PRESTADO PELAS OUTRAS ARMAS À INFANTARIA :

- Artilharia.
- Engenharia.

B — DEMONSTRAÇÃO :

Anexo N. I : CASO CONCRETO — Ataque à Cidade de CRAVINHOS.

Anexo N. II: CASO VIVIDO — Ataque a CARENCY
(9-12 de Maio de 1915).

COMBATE OFENSIVO

§ 1.º — CONCEPÇÃO DE CONJUNTO DA MANOBRA

Completamos o estudo deste caso particular do combate, considerando o outro aspecto da situação: O ATAQUE DE LOCALDADES.

Estabelece o R. E. C. I. — 2.ª parte — N.º 673: — “Deve-se operar tanto quanto possível, por desbordamento ou então por envolvimento, combinando a manobra de flanco com o ataque a um ponto da orla”.

O R. I. Francês — 2.ª parte — N.º 474, diz a mesma cousa, porém não alude a um ponto da orla, e sim, à própria orla.

Quer dizer, os regulamentos preceituam: UMA AÇÃO DE FLANCO (torneante, e se possível, envolvente); UMA AÇÃO DIRETA contra a orla frontal.

Ora, se a ação de TORNEAR ou então de ENVOLVER é hoje em dia de uso corrente e perfeitamente compreensível, o mesmo se não dá com a AÇÃO DIRETA CONTRA A ORLA FRONTAL.

E nós transcrevemos aqui, na íntegra, as palavras do Ten.-Cel. Desré, a este respeito:

“Personnellement, dans tous les exercices auxquels nous avons pris part, et chaque fois que le cas concret étudié comportait l'attaque d'une localité, à la question posée devant nous: “Comment concevez vous l'attaque de cette localité?”, nous avons toujours entendu la même réponse: “Je la déborde”.

Entretanto, se considerarmos o adversário instalado defensivamente e bem abrigado numa localidade, disposto a se bater com a tenacidade exigida em caso tal, compreenderemos sem dificuldade que o só DESBORDAMENTO não conduzirá a uma DECISÃO IMEDIATA; será necessário,

simultaneamente, FIXAR a defesa inimiga na ORLA FRONTAL DA LOCALIDADE.

A vantagem deste processo é evidente; porque, uma vez sujeito ao duplo perigo NA FRENTE e NO FLANCO ou NOS FLANCOS, não poderá o inimigo, com facilidade, rocar seus MEIOS DE FOGO de um lado para outro; terá sua atenção dividida e, sobretudo, não manterá NIVEL MORAL comparável ao que teria se o ataque se manifestasse d'uma só direção.

Numerosos casos vividos na Grande Guerra serviram para confirmar esta asserção.

(Um exemplo: o ataque de CARENCY pela 70.^a D. I., em Maio de 1915).

Assentado assim, o processo de ataque, vejamos agora, em particular, como se executa e qual o fim do DESBORDAMENTO.

1.^º) Em primeiro logar, como definir o DESBORDAMENTO? E' um MOVIMENTO TÁTICO, progressão além da frente ocupada pelo inimigo, ameaçando seus flancos e, se possível, suas retaguardas, de modo a colocá-lo em situação delicada para se manter em suas posições.

2.^º) Qual o seu fim? Abalar o moral do defensor das orlas e do interior da localidade.

Este movimento, porém, — repetimos — por si só não conduz à decisão imediata; E' PRECISO COMBINÁ-LO COM O ATAQUE FRONTAL (A AÇÃO DIRETA) PARA, EM DEFINITIVO, FORÇAR O INIMIGO, OU A SE RENDER OU A BATER EM RETIRADA.

3.^º) Em que consiste o processo de DESBORDAMENTO, isto é, qual o modo de executá-lo no ataque de localidades? Deve obedecer ao quadro abaixo:

PROCESSO DE DESBORDAMENTO
COMPREENDENDO:

Cobertura pelo terreno

Variável com a configuração do terreno nos arredores da localidade. Consiste na utilização de CAMINHAMENTOS FAVORÁVEIS, permitindo à infantaria encarregada do desbordamento, atingir sem perigo o flanco do inimigo e atuar pelo fogo a curta distância (450 m. no máximo) contra a orla desbordada e o ponto de apoio da retaguarda.

Condições a satisfazer por 1 caminhamento:

- 1.ª Não ser de DIREÇÃO muito diferente com relação ao traçado da orla lateral a desbordar;

Cobertura pelo fogo

Consiste em se aplicar na orla lateral a ser torneadada, uma POSSANTE NEUTRALIZAÇÃO.

Uma vez neutralizadas as armas automáticas que protegem os flancos da defesa inimiga, far-se-á a PROGRESSÃO COM MEIOS DE FOGO A CURTA DISTÂNCIA DAS ORLAS LATERAIS, ameaçando diretamente e de perto, o defensor.

Esta ação de fogo, bem entendido, nem sempre dá resultado absoluto.

2.^a Estender-se ao longo da orla ou conduzir à sua proximidade (300 a 450 m. no máximo) (1).
No esquema anexo, tirado do trabalho do Ten.-Cel. **Decré**, temos:

Na fig. 1 — um exemplo de caminhamento divergente e inutil;

Na fig. 2 — pelo contrário, um caminhamento favorável a uma ação desbordante, porque permite à Inf. chegar sem grande perigo no flanco, até a região A. e daí atuar pelo fogo.

Frequentes foram na G. Guerra, os casos em que uma só arma automática intacta ou mal neutralizada, foi suficiente para deter unidades inteiras.

De qualquer maneira, porém, devemos convir que o emprego das a. a. de longe, a 1.500 ou 2.000 m. da ORLA DA LOCALIDADE ocupada pelo inimigo, torna o desbordamento quasi inutil. E' preciso efetuá-lo mais perto possível da ou das orlas.

(1) Distância correspondente ao alcance útil do moderno lança-granadas.

A SIMPLES INSPEÇÃO DA FIG. 2, faz-nos concluir que no DESBORDAMENTO, a COBERTURA PELO TERRENO e a COBERTURA PELO FOGO se completam; pois, se assim não fosse, os órgãos de fogo inimigos de flanqueamento exterior (caso da S. M. 6 que enfia o caminhamento favorável) impediriam toda progressão. A região A, que proporciona posição vantajosa para se atuar eficazmente contra a orla inimiga depois de torneada, deve, sem dúvida alguma, materializar o OBJETIVO MÍNIMO para a unidade de infantaria encarregada do desbordamento da localidade.

Enfim, para firmar CONCEPÇÃO DE DESANDAMENTO mas, nem por isso estabelecer DOUTRINA, lembramos que, embora os caminhamentos favoráveis sejam frequentes nas operações ofensivas e portanto aconselhem o desbordamento, casos há, de certo particulares, em que O TERRENO DESFAVORAVEL, impede ESTE RECURSO TÁTICO.

§ 2.º — EXECUÇÃO DA MANOBRA

Como vimos no § 1.º, a MANOBRA CONSISTE na combinação de duas ações, tanto quanto possível simultâneas:

— UMA AÇÃO FRONTAL e UMA AÇÃO TORNEANTE, sendo que esta é de AMPLITUDE VARIÁVEL com as facilidades oferecidas pelo terreno e, em todos os casos, compreende uma progressão de ELEMENTOS DE INFANTARIA ao longo de uma ou das duas orlas laterais da localidade atacada.

I — AÇÃO FRONTAL

No quadro da manobra, a ação frontal consiste, para o assaltante, em:

1.º — TOMAR PÉ NA ORLA FRONTAL; isto é, "MORDER" a localidade, de maneira a conseguir o primeiro objetivo da operação: FIXAR O INIMIGO.

2.º — ATRAVESSAR RAPIDAMENTE a localidade, — alheando-se, se possível aos redutos interiores, e SE APODERAR DAS SAÍDAS OPOSTAS afim de repelir pelo fogo todo contra-ataque vindo do exterior.

3.º — Proceder à limpeza da localidade, fazendo cair os REDUTOS INTERIORES.

1.º e 2.º — O ataque direto, sendo muito penoso para infantaria, deve ser executado com o MÍNIMO de meios DESTA ARMA, o MÁXIMO de ação DE FOGOS da artilharia e, sempre que possível, com AUXÍLIO DOS CARROS.

Uma vez empolgada a orla da localidade, o assaltante tem contra si dois perigos:

- um, de CONTRA-ATAQUES IMEDIATOS executados pelos pelotões de reserva dos Pontos de Apoio das orlas;
- outro, de CONTRA-ATAQUE PREPARADO pelas reservas exteriores.

— Para repelir os CONTRA-ATAQUES IMEDIATOS, guardam-se as VIAS DE ACESSO com FRAÇÕES DE INFANTARIA PREVIAMENTE DESIGNADAS, dentre as que tenham tomado parte no ataque à orla.

— Para deter os CONTRA-ATAQUES VINDOS DO EXTERIOR (vide quadro da manobra), OUTRAS FRAÇÕES receberão a missão DE GANHAR SEM PERDA DE TEMPO A ORLA POSTERIOR DA LOCALIDADE ou uma cortadura importante (caso a localidade seja de grande extensão), — evitando quanto possível as resistências intermediárias impostas pelos redutos interiores, — e aí se instalar creando um sistema de FOGOS que impeça o desembocar dos pontos de apoio da retaguarda.

DA PRESTEZA COM QUE A INFANTARIA ASSALTANTE ATINGE A ORLA POSTERIOR e aí se aferrar, depende o bom exito da operação. Este TEMPO é, entretanto, dos mais penosos para esta arma que, não obstante valer-se

de seus próprios fogos e do das armas irmãs, não está livre DAS CILADAS E DOS FOGOS DOS REDUTOS INTERIORES.

3.º — Finalmente, DESDE QUE O ASSALTANTE TENHA SE APODERADO DE TODAS AS SAÍDAS DA LOCALIDADE, OUTRAS UNIDADES, TAMBEM PREVIAMENTE DESIGNADAS começarão a LIMPEZA da localidade, cujo OBJETIVO é fazer caír os REDUTOS INTERIORES. Por vezes os carros fazem o sítio de casas organizadas.

NESTA FASE origina-se, propriamente, o terrível COMBATE DE RUAS.

Apoiadas sempre que possível pelos carros, as pequenas unidades de infantaria procuram ganhar os CRUZAMENTOS e PRAÇAS.

Evitam as ruas muito estreitas.

Progridem em colunas por um, ao longo das casas, de ambos os lados das ruas, os homens de um lado vigiando as janelas e saídas do lado oposto. Os carros avançam pelo meio das ruas. ARMAS AUTOMATICAS (em geral F.M.) fazem a proteção das pequenas colunas, efetuando a neutralização sistemática das janelas.

Desde que uma resistência mais seria se apresente, por exemplo, uma "barricada", evita-se o fogo dos defensores e se procura neutralizá-lo pelo das armas automáticas, morteiros, lança granadas e, se for o caso, da artilharia de acompanhamento imediato. (1) Ao mesmo tempo, pequenas unidades auxiliadas por sapadores de Engenharia ou de Infantaria, progridem através das casas, se necessário abrindo brechas nos muros e cercas, nas paredes, por maneira a lançar o adversário do flanco ou de vez.

(Vide R.E.C.I. — 2.ª Parte — n. 673)

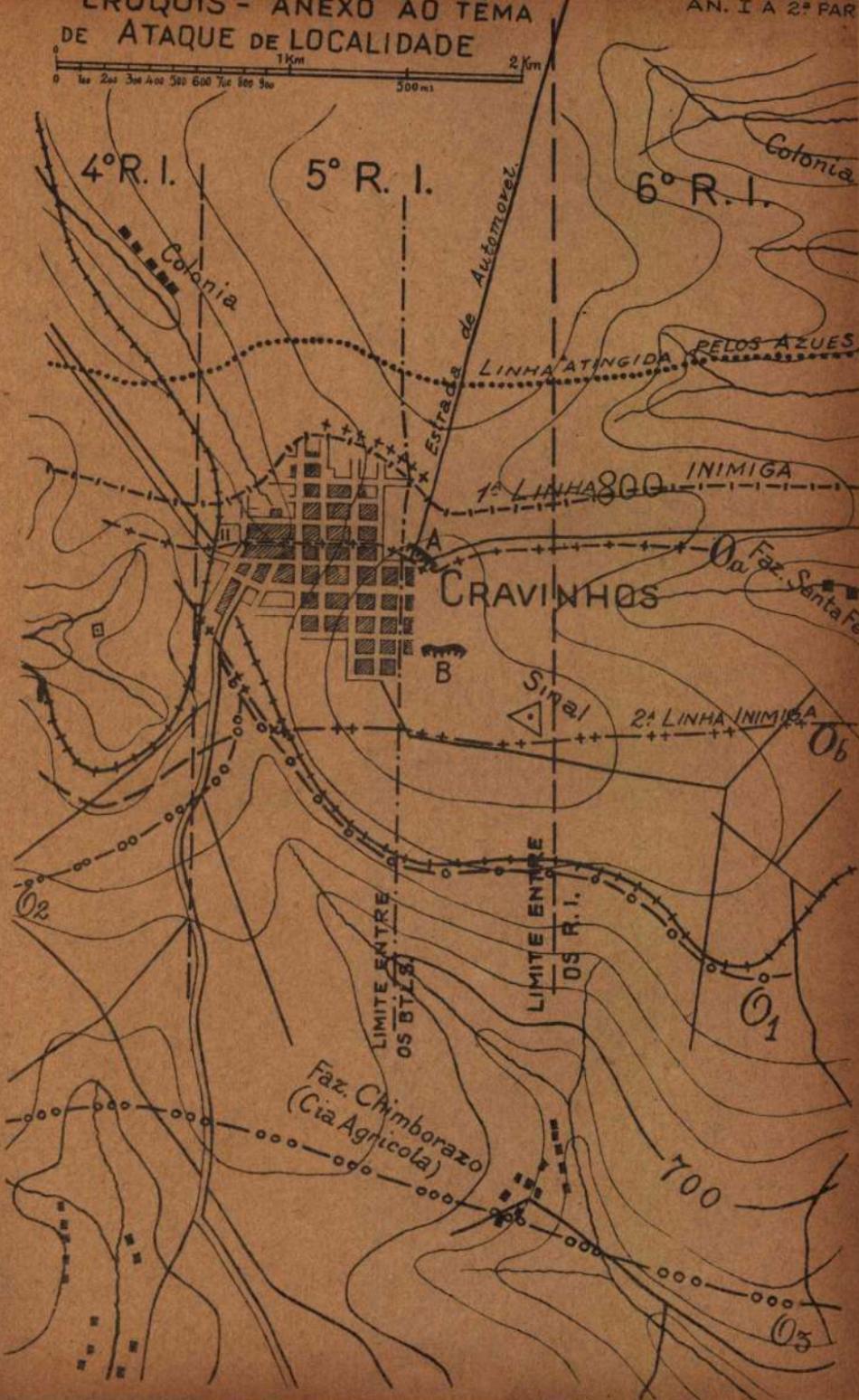
(Vide R.I.F. — 2.ª Parte — n. 477).

Os defensores dos muros das casas, dos abrigos, são reduzidos a granada sufocante ou incendiária.

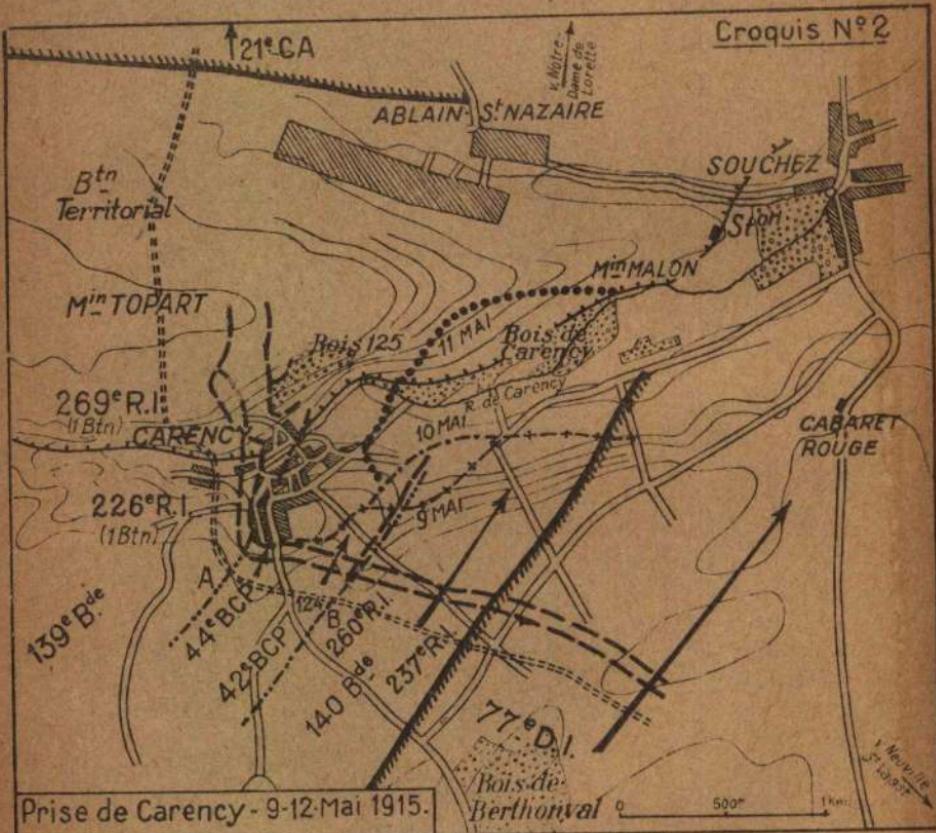
(1) Isto no caso em que o R. I. não disponha, organicamente, dum Bateria de Canhões de Infantaria.

CROQUIS - ANEXO AO TEMA
DE ATAQUE DE LOCALIDADE

AN. I A 2º PAR



Croquis N°2



Em certos casos, NUCLEOS DE RESISTENCIA PARTICULARMENTE TENAZES, empregam-se a MINA e o CA-NHÃO no tiro ao alvo, vista direta.

Ao cair da noite, mesmo que a limpeza não esteja terminada interrompe-se o combate para continuá-lo no dia seguinte.

DURANTE TAL OPERAÇÃO O EXERCÍCIO DO COMANDO DIFICILMENTE SE MANTEM.

O SUCESSO depende dos comandos subordinados, EM PARTICULAR, os COMANDANTES DE PELOTÃO.

São, na verdade, os subalternos que dirigem a luta no interior da localidade. E a REPARTIÇÃO DAS MISSÕES não deve ir abaixo deste escalão, sob pena de dissociar a infantaria e causar balbúrdia. Cada sub-unidade (Pelotão pelo menos) recebe um eixo de progressão bem definido (orla ateral de rua).

Os COMANDANTES DE COMPANHIA, ULTIMO ESCALÃO DE COMANDO que poderá seguir de perto o combate, limitam sua AÇÃO TÁTICA A MANUTENÇÃO E AO RESTABELECIMENTO DAS LIGAÇÕES e da ordem, aproveitando ruas transversais e praças.

(R. E. C. I. — 2.^a Parte — h.^o 674)

(R. I. F. — 2.^a Parte — n.^o 478).

O COMANDANTE DE BTL., apenas pode — construir NO EXTERIOR DA LOCALIDADE, a uma distância media, segundo o terreno, de 200 a 300 metros, uma FORTE RESERVA, pronta, seja para reforçar, seja para acolher as frações empenhadas no interior e limitar o recuo. Disposta na distância acima citada, esta RESERVA PODE INTERVIR eficazmente PELO FOGO contra a orla frontal, ao mesmo passo que se mantém livre das flutuações da luta travada no interior da localidade. Pode, enfim, completar a limpeza, em caso de sucesso.

Finalmente, o escalão de comando acima do Btl., que nada pode fazer DURANTE A EXECUÇÃO DO ATAQUE À LOCALIDADE, tem papel capital a desempenhar, ANTES MESMO, na sua PREPARAÇÃO.

Esta comprehende:

- ESTUDO minucioso da planta, da forma, da situação, modo de construção e dimensões da localidade e de fotografias;
- PREVISÕES JUDICIOSAS quanto aos apoios a pedir aos carros e à artilharia;
- DISPOSIÇÕES A TOMAR APÓS A CONQUISTA DA LOCALIDADE, conforme a progressão se limite à tomada da mesma ou deva ultrapassá-la.

No primeiro caso, tais disposições são idênticas às já estudadas na primeira parte, sobre defesa de localidades.

No segundo caso, "deve-se deixar na localidade uma PEQUENA GUARNIÇÃO, "PARA EVITAR QUALQUER SURPRESA proveniente da existência de subterrâneos ou abrigos que não tenham sido suficientemente inspecionados". (R. E. C. I. — 2.^a Parte — n.^o 674).

II — DESBORDAMENTO (1)

Já vimos que o DESBORDAMENTO PARA DAR BOM RESULTADO, EXIGE NEUTRALIZAÇÃO EFICAZ E DURAVEL DOS ORGÃOS INIMIGOS DE FLANQUEAMENTO EXTERIOR.

O estudo desta ação deve ser feito como se segue:

(1) Em bom português: TORNEAMENTO.

DESBORDAMENTO

DESBORDAMENTO

- DESBORDAMENTO** } **Proteção e apoio do desbordamento feita pelos seguintes MEIOS:** }
- 1.º — ARTILHARIA (Ação que será tratada mais adiante).
 - 2.º — BASE DE FOGOS DE INFANTARIA (compreendendo a.a., canhão de Inf. e Morteiros) que, de sua POSIÇÃO INICIAL ou de outras a conquistar em seguida, terá como MISSÃO PRINCIPAL fazer a NEUTRALIZAÇÃO MACISSA dos órgãos de flanqueamento exterior inimigos. Atuará também como BASE DE FOGO LATERAL, contra pontos suspeitos da orla e engenhos anti-carros que se revelem.
 - 3.º — CARROS (Ação a tratar mais adiante em parágrafo especial).

Execução propriamente dita do desbordamento }

A unidade de infantaria designada, depois de ter tomado pé na ORLA LATERAL sob a proteção dos carros que até então a tenham precedido como no ataque frontal, — progride ao longo desta ORLA LATERAL ESCALONADA PARA O LADO DA LOCALIDADE, com o triplo objetivo de:

- 1.º — REPELIR TODA AÇÃO DE SURPRESA vinda do interior (por exemplo, contra-ataques imediatos) e atingir, sem perda de tempo, no mínimo, uma faixa correspondente ao prolongamento lateral da orla posterior da localidade);
- 2.º — FACILITAR a tarefa das unidades engajadas no ATAQUE FRONTAL;
- 3.º — MANTER AS SAIDAS, À PROPORÇÃO QUE SÃO CONQUISTADAS.

O Cmt. da unidade, Cia. ou Btl., constitue sempre uma reserva que se desloca bem junto a si, em vista de atender aos imprevistos ou de manobrar resistências tenazes.

§ 3.º — TRAÇADO DAS ZONAS DE AÇÃO NO ATAQUE DE LOCALIDADES

Em virtude dos processos de execução do ataque, os LIMITES ENTRE UNIDADES NÃO DAVEM PASSAR RENTE AS ORLAS LATERAIS.

Quer dizer, a zona de ação da unidade que ataca uma localidade deve englobar o terreno dos arredores onde se supõe a existência de órgãos de flanqueamento exteriores da defesa.

Além disso, — como na defensiva, — é sempre vantajoso encarregar uma só unidade do ataque a uma localidade.

Se a extensão da localidade exige que a operação seja confiada a duas unidades (dois batalhões, por exemplo), ainda neste caso, o LIMITE ENTRE ELES NÃO DEVE PASSAR RENTE DE UMA ORLA LATERAL; pelo menos uma FAIXA DE LOCALIDADE abrangendo esta orla, e mais o terreno de desbordamento, deve ser confiada a uma das unidades, sendo o limite traçado no interior da localidade, levadas em conta as ruas.

§ 4.º — EMPREGO DOS CARROS NO ATAQUE DE LOCALIDADES

Os carros INTERVÊM em proveito da infantaria tanto na AÇÃO FRONTAL, quanto na AÇÃO DESBORDANTE. Suas MISSÕES são definidas como se segue:

a) Na ação frontal (missões)

1.º — PERMITIR ao assaltante tomar pé na ORLA FRONTAL, precedendo-o na chegada a esta orla;

2.º — ACOMPANHAR as frações de infantaria encarregadas da ocupação rápida das saídas opostas, se necessário FORÇANDO AS PASSAGENS DIFICEIS;

3.º — PARTICIPAR da limpeza, neutralizando órgãos ativos dos redutos interiores ou constituindo escudo contra o seu fogo. (Esta última missão é de caráter eventual).

1.º — Permitir à unidade encarregada do desbordamento, TOMAR PE' NA ORLA LATERAL; em seguida, APOIA-LA e PROTEGE-LA durante a progressão ao longo desta orla;

2.º — ABAFAR (eliminar) DESDE O INICIO OS ORGÃOS DE FLANQUEAMENTO EXTERIORES, com o fim de COMPLETAR O TAR O TRABALHO FEITO PELA ARTILHARIA durante a progressão e conseguir assim uma NEUTRALIZAÇÃO EFICAZ E DURAVEL.

Por sua vez, À INFANTARIA, cabe o dever imperioso de PROTEGER A TODO INSTANTE OS CARROS que atuam em seu proveito.

Esta proteção consiste:

— em atuar, POR PRIORIDADE, com suas BASES DE FOGOS contra as armas anti-carros que se revelem (caso da progressão dos carros no exterior da localidade);

— em auxiliá-los nas passagens dificeis de OBSTACULOS ACUMULADOS (caso da progressão dos carros no interior da localidade).

— (Embora a nossa organização ainda não cogite dos modernos carros de combate, continuamos com objetivo de instrução, à maneira da nossa conferência, "A infantaria e os

carros", feita no C. I. M. M., a fazer a hipótese de se contar com CARROS LEVES e CARROS MEDIOS (estes de maior poder combatente).

Nesta hipótese, o emprego util dos dois tipos será o seguinte:

CARROS — para atuar no interior e no exterior das localidades.

CARROS MEDIOS — para atuar no exterior:

- contra os órgãos de flanqueamento exteriores;
- para dominar os PONTOS DE APOIO da retaguarda;
- para dificultar ou deter a partida de contra-ataques tentados pelas reservas exteriores do inimigo.

§ 5.º — AUXILIO QUE AS OUTRAS ARMAS PRESTAM A INFANTARIA NO ATAQUE DE LOCALIDADES

I — ARTILHARIA

Limitamo-nos à exposição dos pedidos expressos ao artilheiro pelo infante encarregado do ataque.

Atuar contra:

PEDIDOS ED FOGOS FEITOS AO ARTILHARIA
RO PELO INFANTE ENCARREGADO DO
ATAQUE A UMA LOCALIDADE

1.º) — Durante a preparação do ataque

- as ORLAS FRONTAL E LATERAIS, visando em particular as SAÍDAS, os SALIENTES e sobretudo os REINTRANTES no fundo dos quais encontram-se geralmente órgãos de flaqueamento ocultos às vistas das bases de fogos;
- os GRUPOS DE CASAS que circundam as PRAÇAS e os CRUZAMENTOS importantes, onde é comum a existencia de REDUTOS INTERIORES;
- os ORGÃOS DE FLANQUEAMENTO exterior, quando referidos com aproximação suficiente;
- certos OBSERVATÓRIOS NAS PROXIMIDADES da localidade.

- 1.º — ANTES DA INFANTARIA PENETRAR NA LOCALIDADE, atuar:
 — os REINTRANTES, OS SALIENTES, as SAÍDAS e principalmente AS ARMAS ANTI-CARROS assinaladas (neutralização) de maneira a COBRIR A PARTIDA e a PROGRESSÃO DOS CARROS até a orla frontal.
- 2.º — UMA VEZ A INFANTARIA ENGAJADA NA LOCALIDADE (1) atuar contra:
 — os PONTOS DE APOIO DA RETAGUARDA da defesa e as ZONAS SUPOSTAS DA RESERVA EXTERIOR, afim de dificultar a partida de contra-ataques. (R.E.C.I. — 2.ª Parte — n. 673).

AÇÃO VIGOROSA CONTRA OS ORGÃOS DE FLANQUEAMENTO EXTERIOR, quando bem conhecidos.

AÇÃO SISTEMÁTICA com PROJÉTEIS FUMIGENOS (vento favorável), se os locais destes órgãos são mal conhecidos.

PROTEÇÃO CONTRA OS PONTOS SUSPEITOS DE ARMAS ANTI-CARROS E CONTRA OS OBSERVATÓRIOS, quando a NEUTRALIZAÇÃO dos órgãos de flanqueamento exterior, puder ser confiada a CARROS DE COMBATE.

(1) A partir do momento em que toma pé na localidade, o INFANTE NAO DEVE CONTAR COM O APOIO IMEDIATO DO ARTILHEIRO.

As razões são as seguintes:

- 1.ª — o APOIO A VISTA não é mais possível;
 2.ª — o APOIO A HORÁRIO é um processo contra-producente porque pode impedir ou perturbar a infantaria na CORRIDA PARA AS SAÍDAS OPOSTAS;

3.^a — Finalmente, O APOIO COM LEVANTAMENTO DOS TIROS A PEDIDO DA INFANTARIA, único processo TEORICAMENTE admissível, é arriscado porque a fumaça e a poeira produzidas na localidade bombardeada, podem impedir que o artilheiro veja o SINAL FEITO PELO INFANTE.

— Como vimos no parágrafo anterior, o emprego dos carros leves pode servir para ATENUAR este inconveniente.

Em suma, verificamos que, NA EXECUÇÃO DO ATAQUE, a ação da artilharia, além dos fogos iniciais de pequena duração feitos contra as ORLAS FRONTAL E LATERAIS, reveste a forma de ENJAULAMENTO DE FOGOS, NO INTERIOR DO QUAL OPERA O CONJUNTO INFANTARIA-CARROS.

II — ENGENHARIA

Não podíamos terminar este estudo teórico, sem aludir à engenharia, cujo auxílio prestado à infantaria, é precioso.

Colabora com esta arma NA REDUÇÃO DE RESISTENCIAS TENAZES REVELADAS NO INTERIOR DA LOCALIDADE, ATUANDO COM PETARDOS, MINAS E MATERIAL DE Parque.

Pois é sabido que a luta nas localidades muitas vezes se processa com dificuldades sensíveis, PALMO A PALMO, tais sejam a TEMPERA e a TÉCNICA DOS DEFENSORES.

De posse das noções teóricas indispensáveis ao estudo do ataque a uma localidade, abordemos o caso concreto (Anexo n. I desta 2.^a Parte) e um caso vivido (Tomada de CARENCY pela 70.^a D.I. francesa em 1915), com o objetivo de salientar DOIS PONTOS particularmente importantes:

1.^o — Nem sempre o desbordamento de uma localidade conduz à decisão imediata; necessário se torna ainda combinar o desbordamento com um ataque frontal.

2.^o — O desbordamento de uma localidade só é possível em terreno favorável e, mesmo assim, para sortir efeito, deve ameaçar diretamente o defensor.

(Continua)

OS BOTES DE ASSALTO DO EXÉRCITO DOS EE. UU.

Condensado do Standard Stream Crossing Equipment

Trad. do Cap. NEWTON FARIA FERREIRA

Na primeira fase de uma transposição de curso d'água, o principal elemento de assalto, o escalão de combate, que deverá estabelecer a cabeça de ponte, necessita transpor o rio utilizando outros meios que não a ponte de equipagem. Esta, que permitirá a travessia contínua dos demais elementos da Divisão, só poderá ser lançada após a conquista da margem oposta. Daí a necessidade de pequenas embarcações, leves, de fácil manejo e transporte, que possam ser impulsionadas com rapidez e em silêncio, que assegurem a surpresa



Fig. 1 — Caminhão de 1,5 Ton. com sua carga normal de botes de assalto.



Fig. 2 — Bote de assalto em posição de carregamento

da operação, enfim, que se adaptem perfeitamente às necessidades duma travessia forçada. Foi o que se procurou realizar com a construção dos botes de assalto.

Dado o seu pouco peso, eles poderão facilmente ser carregados até a margem do rio, lançados náguia e levados para a outra margem, pelos próprios elementos do escalão de combate, sem grande dispêndio de energia pelos homens que efetuam a operação. A travessia efetuar-se-á numa larga frente, não canalizando o avanço como fazem as passadeiras. E' bem verdade que os pontões também permitem a dispersão. No entanto, eles têm o inconveniente de ser muito pesados, de difícil manejo e transporte, pois a sua finalidade principal não é a navegação, e sim servir de suporte flutuante à ponte de equipagem. Além disso, a inutilização dos pontões poderia resultar em sérios danos e perdas para a equipagem, prejudicando a próxima construção da ponte. A utilização dos botes de assalto não exclui a de outros meios, tais como bal-

sas, bôtes encontrados no local da travessia, ou mesmo pontões, mas tornam possível adiar o uso desses meios de maior capacidade, porém mais volumosos e vagarosos, até que as tropas em primeiro escalão tenham repelido o inimigo e assegurado desse modo alguma proteção para o emprego com êxito daqueles elementos. Eles continuam mesmo a ser utilizados até que a passagem contínua esteja assegurada.

Os bôtes de assalto são da dotação normal das tropas de engenharia, sendo que os pontoneiros os possuem em maior número. A "Lighth ponton Company", correspondente à nossa Cia. de Equipagem de Pontes, possue 120 bôtes.

Os bôtes de assalto são semelhantes aos "skiffs" dos esportes náuticos. Têm fundo chato, popa réta, e sua prôa é levemente mais elevada. Embora satisfaçam quanto às necessidades do emprego a que se destinam, dado o seu peso, são mais frágeis que os ordinariamente usados, pelo que, principalmente em instrução, quando não há elementos de emergência, requerem cuidados especiais. São construídos em madeira de lei — carvalho — e metal leve — duraluminio. Suas dimensões são: comprimento — 4 metros; pontal — 50 centímetros; boca — 1,3 metro; peso — 90 quilos.

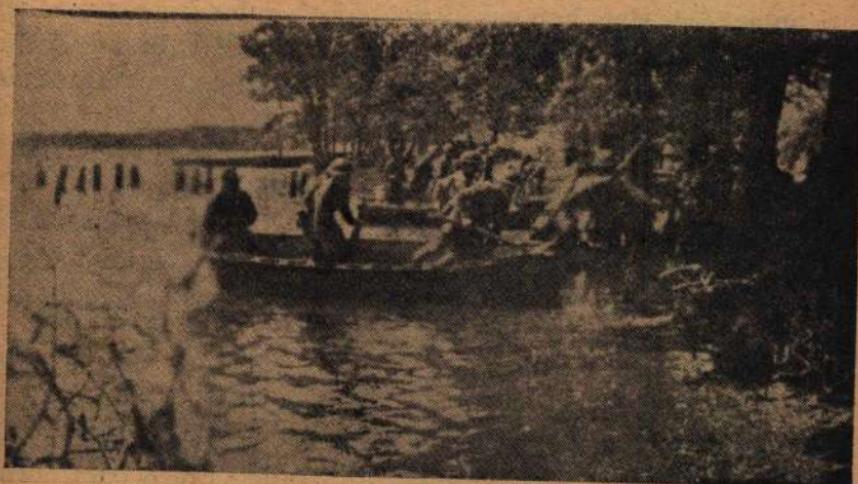


Fig. 3 — Fuzileiros desembarcando dum bote de assalto.



Fig. 4 — Bote de assalto com sua carga completa de 10 homens e equipamento.

Sua capacidade permite o transporte de, além duma tripulação de dois homens: 9 soldados equipados e armados, ou, 8 soldados equipados e armados e uma Mtr. Pesada, com seus cofres de munição, ou sejam, aproximadamente 1200 quilos.

Cada bote possue 7 remos pequenos, podendo ser adaptado ao bote, um motor de popa de 4,5 H.P.

Para a sua conservação é suficiente a pintura, desde que o mesmo permaneça pouco tempo fóra dágua. Nos depósitos devem ser guardados em pilhas de 10 botes, ao abrigo do sol ou chuva.

O transporte é efetuado em caminhões de 1,5 ton., em pilhas de 10 botes, podendo este número ser elevado para 14, em situações especiais. Qualquer caminhão de requisição, de 1,5 ou mais toneladas, pôde ser adaptado para o transporte dos botes de assalto.

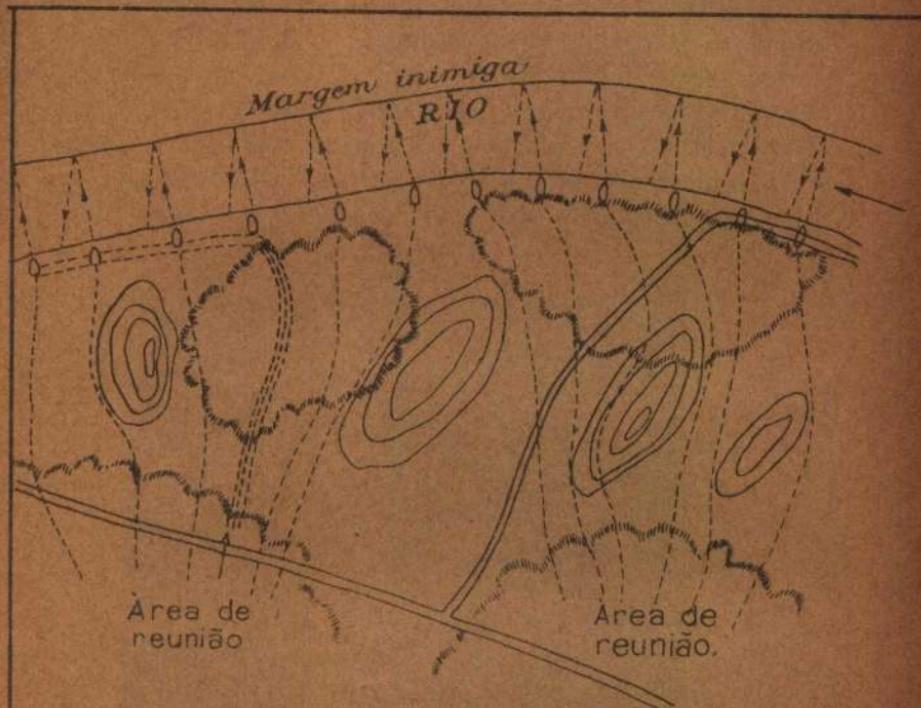


Fig. 5

Movimentos dos botes de assalto, das
áreas de reunião a margem do rio,
1ª travessia e retorno.

A operação da travessia processa-se normalmente do seguinte modo:

Escolhidas as áreas de reunião das tropas a serem transportadas, os botes sempre que possível, são aí levados em seus caminhões e aí descarregados.

Nessas áreas são designadas as tripulações e os elementos a serem conduzidos em cada bote. O tripulante mais antigo, ou mais graduado, dirige o movimento do bote até a margem do rio, seu lançamento náqua, carregamento, travessia de retorno à primeira margem, sendo responsável por todos os movimentos do bote, desde o inicio do transporte até o seu recolhimento e substituição por outros meios de transposição.

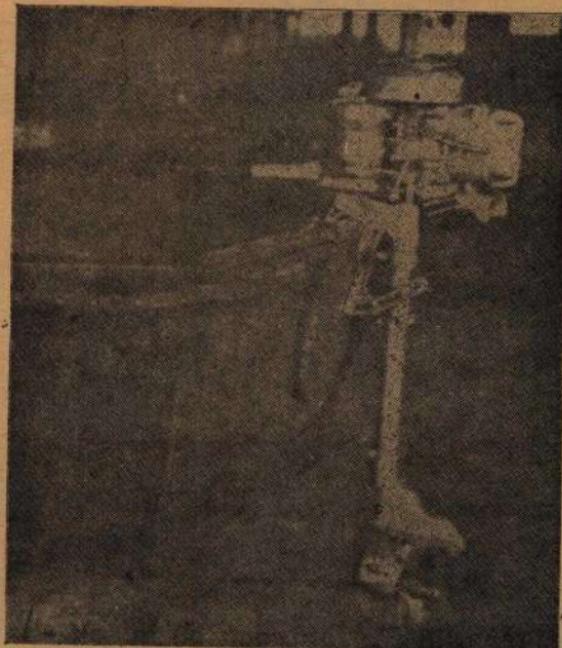


Fig. 6 — Motor de proa de 4,5 HP adaptado ao bote de assalto.

Os elementos designados para cada bote, máximo de 10 homens, transportam o bote sob a direção do tripulante mais antigo, até a margem do rio, onde embarcam. Todos os ca-

minhos de acesso à margem deverão ser obrigatoriamente utilizados, pois o agrupamento de colunas num só caminho poderá resultar desastroso. O deslocamento deverá ser iniciado a uma mesma hora, debaixo do mais rigoroso silêncio, pelo caminho mais curto de modo que as margens sejam atingidas mais ou menos simultaneamente.

O croquis da figura 5 ilustra os movimentos dos botes de assalto na operação de travessia.



Fig. 7 — Vista interior
de um bote de assalto

ELEMENTOS DE PEDAGOGIA MILITAR

Pelo Cap. GERARDO L. AMARAL

A falta de um compêndio de Pedagogia Militar nos tem feito procurar, no assunto exposto segundo seu aspecto comum, elementos para uma aplicação militar. De outra feita já abordamos o assunto nesta Revista usando ainda de maiores cautelas. (1)

Há, nas poucas páginas que se seguem, uma tentativa de apresentar, sob aspecto didático, uma aplicação da Pedagogia comum à instrução militar. Será, talvez, um esforço de Pedagogia Militar.

* * *

PEDAGOGIA

O nosso R. I. Q. T. (ns. 12, 13 e 14) diz que "para ensinar bem é preciso o emprego das regras comuns de pedagogia". As regras são enunciadas e nada mais. Não há dúvida que é muito pouco, mórmente para quem não dispõe de tempo para estudos mais demorados fora dos regulamentos.

A pedagogia é hoje considerada como a "ciência da educação" e dividida em

- pedagogia propriamente dita ou tratado da educação,
- didática ou metodologia ou arte de ensinar.

Somente esta última, por menos complexa, abordaremos neste trabalho. Divide-se a didática em

- geral,
- especial.

(1) "Introdução à Pedagogia Militar" — A DEFESA NACIONAL
— Novembro, 1937.

A primeira cuida dos métodos e processos comuns a qualquer ensino e a segunda dos que se referem em particular a cada uma das disciplinas. Ambas serão necessárias aos nossos estudos.

MÉTODOS

O "método em geral" define-se como "a ordem que a nossa mente põe numa série seguida de pensamentos ou raciocínios". O "método didático" é definido como "a arte de conduzir o aluno a aprender as verdades que lhe são ensinadas". "O método didático presupõe diversos princípios entre si relacionados e que se reduzem todos ao grande princípio da ORDEM, o qual assim se enuncia: — "O ensinamento deve seguir a ordem natural, deve ser dado de uma maneira conveniente à natureza humana". O método é, pois, ORDEM. Será **analítico** ou **sintético** segundo parta do composto para o simples ou do simples para o composto.

A análise é a decomposição do todo para chegar-se ao princípio.

A síntese é a composição.

Para que o instrutor possa seguir o método colhendo seus benefícios ha-de preparar sua instrução, portanto "conhecer a fundo o que quer ensinar" (R. I. Q. T.). Essa preparação consiste em seriar os ensinamentos, usar clareza nas idéias que serão expostas em linguagem apropriada (ao alcance do instruendo) e ilustrar o ensinamento para despertar o interesse.

De nada vale "conhecer a fundo o que se quer ensinar" quando não se sabe interessar o instruendo na lição. Ha que criar-se o interesse pedagógico, princípio máximo do ensino. Para isso é preciso que ponhamos em tudo profundidade e clareza. Profundidade explorando o assunto em toda sua extensão sem ultrapassar a capacidade de apreensão do instruendo. Nada de exagerada demonstração de sapiência a quem nada entende. Clareza, pela exposição acessível, ní-

tida. O dogmatismo, na instrução, é profundamente pernicioso.

O instrutor levará sempre em conta que "todo indivíduo embora adquira noções pelos três caminhos sensoriais mais importantes, — tacto, vista e ouvido, tem um deles mais acentuado". Em todas as classes recrutadas encontramos indivíduos pertencentes a esses grupos psicológicos mas o ensino não pode ser exclusivamente de modo motor, visual ou auditivo. Temos que atender à maioria, geralmente do tipo motor — que aprende fazendo, sem desprezar a minoria, essa composta dos auditivos e visuais (tipos intelectuais) que serão aproveitados segundo suas aptidões nos cursos de graduados, especialistas, etc.. Esse o lado psicológico da questão e do qual não nos podemos descuidar.

APLICAÇÃO

Isto posto, exemplifiquemos: — na instrução de tiro adotamos o método sintético. Queremos que o recruta realize exercício de tiro de instrução e de combate. Esse é pois, o TODO ao qual devemos chegar seguindo uma **ordem** de ensinamentos segundo as conveniências da natureza humana. Quais essas conveniências? A aprendizagem rápida e fácil. O **princípio** será, praticamente, a tomada da linha de mira, depois de conhecidas indispensáveis noções teóricas. Há exercícios preparatórios que não necessitam um logar determinado na sequência dos ensinamentos. A ginástica do atirador, por exemplo, pode ser iniciada concomitantemente com a tomada da linha de mira. Os exercícios de carregamento da arma em qualquer ocasião, depois que o homem conheça as posições do atirador, por exemplo, pode ser iniciada concomitantemente com a tomada da linha de mira. Os exercícios de carregamento da arma em qualquer ocasião, depois que o homem conheça as posições do atirador.

Na instrução de combate, tendo em vista que "as situações mais variadas que se podem apresentar na guerra re-

sumem-se sempre, para o soldado, na missão e ação do seu grupo", adotaremos o mesmo método — o sintético.

Partindo do **início** com o recruta bisonho temos que chegar a fazê-lo apto a agir no âmbito de uma pequena unidade e em proveito da arma coletiva. Há então uma ordem a pôr nos ensinamentos para tingir aquele objetivo. São muito interessantes os métodos preconizados pelos Cmt. Guigues e Lt. Moreau os quais julgamos desnecessário recordar.

Quando empregaremos o método analítico? — De início, muito dificilmente teremos ocasião de fazê-lo. No decurso de grandes manobras, de exercícios de combinação de armas, ou mesmo fortuitamente, podemos encontrar ocasião para empregá-lo. Se nos achamos em um terreno onde haja evidentes sinais de que ali estacionara antes uma tropa temos, nesse fato evidente, o **TODO** de que partiremos num trabalho analítico. Buscaremos saber que tropa esteve ali, de que arma, qual seu efetivo, qual seu destino posterior e até, por que não? qual seu estado moral. Se a tropa esteve acampada é bastante contar o número de barracas para saber seu efetivo; comparado este ao de animais, deduzido dos vestígios de potreiros, saberemos a que arma pertence; os sinais das viaturas serãometiculosamente estudados afim de que tiremos conclusão segura sobre se pertencem ou não à Art.; rebuscando detidamente o solo encontraremos distintivos, papeis e outras pequenas coisas que nos podem ser de real utilidade. Tratando-se de um bivaque as dificuldades serão maiores e teremos que estudar ainda mais detidamente os vestígios encontrados. Sinais de corpos sobre terreno macio ou capim, a área do estacionamento, papeis, distintivos, etc., darão ao instrutor elementos suficientes para a aplicação de suas qualidades analíticas.

Outra aplicação comum do método analítico é a que se faz quando uma escola de recrutas assiste a um exercício de demonstração. O instrutor chamará a atenção para o conjunto do exercício e passará a analisar a ação de cada fração e de cada homem, no âmbito da tropa de exercício. Essa análise será uma ponte de grandes ensinamentos. Impõe-se, po-

rém, que o instrutor seja capaz de focalizar os erros e acertos com rapidez para ocupar-se do maior número possível. Exercícios desta natureza devem ser muito bem preparados para surtirem o desejado efeito.

Vimos, pois, que aos instrutores sobrarão ocasiões de aplicar ora um método, ora outro. Não devem esquecer-se nunca do princípio da ORDEM acima enunciado e tão pouco de aliá-lo à procura do interesse do instruendo pelo ensinado. E isto só será conseguido pela ação, senão atração pessoal do instrutor.

MÉTODO E PROCESSO

Frizemos agora a diferença entre **método e processo**, definindo-os:

“método é o caminho seguido pelo mestre... segundo uma dada ordem e princípios logicamente combinados”;

“processos são os meios peculiares empregados na aplicação de um método”.

Temos então que MÉTODO é a ORDEM no ensino; PROCESSOS são os MEIOS que facilitam a aplicação do método. Infelizmente ainda há muita gente que confunde um com outro...

De todos os processos de ensino o mais produtivo é a palavra quando é fácil, clara e convincente. A palavra é o preâmbulo da ação. Exposto o assunto o instrutor indica como se faz e depois passa a execução pelos instruendos. Exposição, demonstração, execução.

São processos de ensino o cinema, o plano relevo, as figuras inimigas e as de fogos, cartas, quadros, gráficos, granadas inertes, cartuchos de manejo, etc., etc..

Ainda uma vez — Não confundir **método com processo**.

FORMAS DE ENSINO

A instrução pode ser ministrada quer sob forma **explicativa**, quer sob forma **interrogativa**.

Excluidas as preleções sobre educação moral e cívica que podem ser **algumas vezes** apenas expositivas (caso de comemoração cívica), os demais assuntos devem ser ministrados sempre que possível sob forma interrogativa-catequística, isto é, feita ligeira explanação do assunto o instrutor passa a dialogar com os instruendos por meio de perguntas e respostas. A interrogação é excelente meio de manter viva a atenção e, portanto, memória receptiva.

Quando, porém, as perguntas têm por fim despertar o raciocínio conduzindo o instruendo a descobrir novas verdades, recebem o nome de socráticas. Haverá sempre ocasião para o emprego de ambas as formas interrogativas (ou combiná-las), mas é essencial que as perguntas sejam bem encadeadas, claras, precisas e exijam um exercício cerebral por mais simples que seja.

MODOS DE ENSINO

Há três modos de instruir: — o individual, o simultâneo e o mútuo.

No primeiro o instrutor ensina a cada instruendo separadamente; no simultâneo a instrução é dada a todos os instruendos a um tempo e no mútuo o instrutor emprega auxiliares (monitores) para transmitir a lição à escola sub-dividida em pequenas turmas.

Afastado o primeiro por impraticável, ficam-nos os dois outros que serão aplicados conforme o caso e os recursos em auxiliares (monitores).

O modo mútuo todos nós já o temos aplicado com as oficinas de instrução. O oficial instrutor prepara de véspera os monitores recordando-lhes os assuntos do quadro diário e distribuindo-lhes as tarefas; durante a instrução percorrer as diversas turmas intervindo no ensino sempre que necessário.

Quando o assunto é de mais importância e os monitores não são muito capazes (regra geral), é indicado o instrutor ministrá-lo inicialmente, adotando a **forma** apropriada, afim de orientar os monitores; em seguida aplicará o modo mútuo

e, antes de esgotar o tempo, reune novamente a escola e procede a uma "tomada de pulso".

Na falta de monitores capazes resta o modo simultâneo que exige do instrutor excepcionais qualidades. E' preciso que ele conheça a fundo o que vai ensinar, saiba transmití-lo e ilustrar a lição. A essas qualidades há-de se juntar a atração pessoal que aumentará o interesse pela instrução. Esse interesse deve ser explorado ao máximo afim de que toda a escola se mantenha atenta.

* * *

Ensina o Cmt. Lafargue que será bem sucedido o emprego do método quando se conseguir do instruendo:

a participação no ensinamento, isto é, que o homem se entregue todo inteiro, de corpo e alma, ao que lhe é ensinado;

a assimilação do ensinamento, isto é, que o homem se impregne tão bem do ensinamento que ele se torne, naturalmente, parte de seus atos e pensamentos;

a fixação do ensinamento, isto é, que ele permaneça gravado na sua memória e se torne ato reflexo.

* * *

Para que uma instrução seja proveitosa é necessário o exato emprego de método, processos, formas e modos indicados pela natureza do ensinamento que se deseja transmitir. Esse emprego exato será decorrente de meditação, de preparação...

Guiamos-nos, nesta ligeira exposição a que procuramos ar forma didática, pelo TRATADO DE PEDAGOGIA de autoria do Mons. Pedro Anisio. Valemos-nos, também, da TÉCNICA DE PEDAGOGIA MODERNA, do Prof. Everardo Ackheuser.

CARTILHA DA MOCIDADE

Noções de Higiene e Primeiros Socorros
Educação Moral - Civismo

Publicação autorizada pelo E. M. E. e aprovada pela Diretoria de Saúde do Exército

Capitão MICALDAS CORRÊA

Biblioteca de "A Defesa Nacional"

PREÇO 6\$000

•

OPINIÃO:

"A linguagem simples e a boa orientação deste trabalho tornam-no acessível ao ensinamento de nossas praças, que encontrarão ainda uma boa leitura quando regressarem aos seus lares.

Recomendo, por isso, aos Srs. Cmto. das Unidades do Distrito de Defesa de Costa, o uso da "CARTILHA DA MOCIDADE" como livro de leitura nas Escolas Regimentais e sua distribuição como prêmios aos que melhor aproveitamento demonstrarem na instrução, em provas físicas ou outras atividades da vida da caserna".

(a) Gen. Sebastião do Rego Barros

Cmto. do D.D.C.

Reflexões sobre a Doutrina do emprego dos Carros de Combate

Pelo Major Olympio Mourão Filho

Discute-se acaloradamente sobre a doutrina do emprego dos carros e a discussão gira quasi invariavelmente sobre as "doutrinas francesa e alemã".

Afirmam uns que a francesa é má, está errada e levou a França à derrota; que a alemã foi sagrada pela vitória e assim devemos adotar essa. Outros dizem que não podemos abandonar abandonar a francesa porque é a doutrina do nosso Estado Maior e, sem que este alto orgão a modifique, não é lícito, nas escolas, o estudo da outra.

* * *

A discussão não tem a menor base, nenhuma razão de ser, porque, em verdade, não há duas doutrinas.

Quem estuda com atenção os regulamentos franceses verifica que os alemães empregaram seus carros de acordo com o que lá está escrito.

A única causa que se pode constatar (baseado naturalmente em informes de jornais, revistas e outras fontes pouco seguras) é que o Alto Comando da França não fez o emprego estratégico dos carros, seja porque não os possuia em quantidades suficientes, tendo-os divididos pelas várias G. U., seja por falta de uma Aviação adequada, ou outro motivo qualquer. Mas, o estudo dos regulamentos põe em evidência os princípios do emprego, exatamente como parece ter sido feito pelo Exército Alemão.

Passemô-los em rápida revista, dentro dos limites possíveis em um artigo.

O emprego dos carros comporta:

- 1) Emprego estratégico
- 2) Emprego tático

E' necessário não se confundir o que está minutado no número 2) com a tática dos carros de combate no âmbito de suas unidades.

EMPREGO ESTRATÉGICO

a) CARACTERÍSTICAS:

— Surpresa, massa, grande profundidade, cooperação intensa e imediata da Força Aérea (também empregada estrategicamente) e das tropas motorizadas;

b) OBJETIVOS GERAIS:

— Abertura de uma brecha na frente, em ataque frontal, ou manobra de envolvimento de grande envergadura, penetração profunda no dispositivo estratégico do inimigo e, em certas circunstâncias, mais além, isto é, no interior do país, desorganização da retaguarda, abrindo sempre o caminho para as tropas de todas as armas que seguirão na esteira das G.U. moto-mecanizadas, cooperação na retirada estratégica.

c) UNIDADES DE EMPREGO:

— Divisão ou Divisões, Exércitos ou mesmo grupos de Exércitos moto-mecanizados.

Os últimos comunicados alemães, antes do início do inverno, falavam francamente em Exércitos Couraçados.

d) MECANISMO GERAL DAS OPERAÇÕES:

— E' lógico que, num estudo esquemático, cartesiano como este, só cuidamos do caso geral que, todavia, frequentemente comporta um sem número de variações. Mas, pode-se considerar o seguinte mecanismo:

1.^a fase — **Ataque**, num ponto da frente; apoio de Artilharia do Exército e outras em condições de cooperar; apoio da Aviação em prolongamento ao da Artilharia.

Rutura — Aberta a brecha, as G.U. por ela se precipitam e, daí em diante, agirão, apoiadas pela Aviação, com seus próprios meios. Atingido o primeiro objetivo marcado — função do raio de ação do material e das unidades motorizadas — segue-se a ocupação pela Brigada de Reconhecimento e ocupação do terreno, elemento integrante da Divisão Couraçada; é necessário notar-se que a capacidade de ocupação do elemento supra-citado, é muito limitada, quer no tempo quer no espaço e daí, a necessidade das tropas motorizadas sobre estradas. Os elementos de ocupação do terreno, de uma Divisão Couraçada, são transportados em viaturas todo-terreno, o que limita muito seu efetivo e potência de fogo, devido ao preço exagerado das máquinas, ao consumo enorme de essência e óleo e, ainda devido à necessidade de diminuir o quanto possível a aglomeração de veículos, cujo conjunto é muito vulnerável à Aviação.

2.ª fase — As tropas motorizadas alargam a brecha, substituem as tropas de Brigadas de Ocupação, que ficam libertadas. A Divisão Couraçada pode, se for o caso, retomar seu movimento para a frente, ou mesmo retirar-se para posições à retaguarda (caso de missão terminada).

3.ª fase — Chegada das tropas a pé; substituição das motorizadas na ocupação do terreno conquistado, com as operações complementares tais como ampliação das brechas, formação de bolsas, limpeza da zona e um sem número de outras.

e) COOPERAÇÃO DA AVIAÇÃO:

— A Força Aérea que coopera nas operações acima descritas, é, em geral, além da Aviação do Exército ou Grupo de Exércitos na frente onde operam uma ou mais Divisões Couraçadas, a Força Aérea Geral, também em emprego estratégico. Seu papel é da mais alta importância e, em certas circunstâncias, o serviço de Aviação funciona como abastecedor das Divisões empenhadas.

A cooperação pode ser esquematizada como se segue:

— **diréta, imediata** — pelo ataque a bomba dos objetivos que se apresentam na frente das Divisões, especialmente a Artilharia (inclusive a anti-tanque) inimiga, baterias, P. O. etc., etc., e bombardeio contra os carros inimigos que porventura apareçam no campo de batalha;

— **indiréta ou mediata** — pelo bombardeio intenso dos pontos importantes da retaguarda ainda não atingidos pelas tropas moto-mecanizadas.

Quanto ao apoio direto ou imediato dado pela Aviação, há que considerar a espécie do material aéreo a ser empregado.

Assim é que no ataque a certos objetivos tais como carros inimigos, P. O. assinalados, etc., isto é, objetivos de reduzidas dimensões e fóra do alcance da Artilharia própria das Divisões, o bombardeio, de vôo horizontal é de eficácia muito duvidosa, sendo necessário o emprego do avião em "pique", o mais capaz de obter impactos precisos para a destruição dos objetivos citados. O bombardeio em vôo horizontal pôde conferir uma boa neutralização mas, não se pode esperar do mesmo certas destruições.

Sem uma Aviação dotada de bombardeiros em "pique" fica muito prejudicado o emprego estratégico das unidades couraçadas visto como seu raio de ação estará quasi limitado ao apoio da Artilharia do Exército ou grupo de Exércitos, apoio não tão profundo e eficiente quanto o da Aviação.

2 — EMPREGO TÁTICO

a) CARACTERÍSTICAS:

Surpresa — A massa é relativa à profundidade e esta é função do apoio de artilharia que as unidades de carros podem receber da G. U. à disposição da qual vão agir. Em alguns casos, pôde haver apoio da aviação até um determinado limite, e por um tempo determinado, seja dobrando a ação da artilharia, seja prolongando-a. Pode-se dizer, além disto, sem erro, que a diferença essencial entre o emprego estratégico

gico e o tático é que o primeiro é uma operação específica desencadeada e dirigida pelo Alto Comando, visando um proveito geral, de ordem estratégica, no conjunto das operações; ao passo que o segundo é uma operação de comando de G.U. (Exército, Divisão) e visando um proveito local, no âmbito limitado de suas operações.

b) OBJETIVOS GERAIS:

Abrir uma brecha na posição inimiga, atacando-a até uma profundidade determinada pelo apoio da Artilharia da G. U. em proveito da qual trabalha; cooperar no combate em retirada ou no retraimento sistemático; executar contra-ataques preparados e outras operações de caráter tático, tudo em estreita ligação com as G.U. à disposição das quais se acham.

c) UNIDADE DE EMPREGO:

1 — À disposição de um Exército, até o valor de uma Divisão;

2 — À disposição de uma D. I., até o valor de um Regimento.

d) MECANISMO GERAL DAS OPERAÇÕES:

Há uma gama variadíssima de mecanismos, dependendo da missão, terreno, inimigo e várias outras circunstâncias.

Todavia, normalmente ofensiva, no âmbito da Divisão (no presente trabalho não estudaremos o emprêgo no âmbito de um Exército) o mecanismo pode ser esquematizado como se segue:

1.º — Aos Regimentos de primeiro escalão são atribuídos, pelo Comandante da D. I., elementos de carros leves em proporções variáveis com os recursos disponíveis, a situação, frente a atacar, etc.

Constituem-se, deste modo, os grupamentos mixtos, cujo comando pertence ao Comandante do Regimento. Ao Cel. cabe o emprego dos Grupamentos Mixtos.

O Comandante da Divisão, com o grosso, geralmente formado de elementos médios, constitue o Grupamento de Ação de Conjunto.

2.º — Estabelecidas as linhas de objetivos a atingir pelo Cmt. da D. I., **linhas que definem o apoio de Artilharia** da D. I., o Gen. Comandante determina em que condições, desde a partida, cada linha deverá ser atingida pelo grupamento de Conjunto que sempre precede os Grupamentos Mixtos que se beneficiam da ação do mesmo.

3.º — O Comandante do Grupamento Mixto, em função das linhas definidas pelo Gen. Comandante da D. I., determina as linhas intermediárias a atingir pelo seu grupamento e as condições de partida, velocidade de marcha e outras medidas necessárias para articular a ação da Infantaria com os carros.

Nos contra-ataques, no combate em retirada e no retrairoamento sistemático, cada caso tem um mecanismo particular não sendo possível traçar qualquer esquema que possa abranger a generalidade. Necessário se torna sempre ter em vista as caracteristicos dos carros, suas qualidades e pontos vulneráveis, isto é:

- emprego deve sempre com o máximo de meios disponíveis, sem idéia de reserva;
- sempre que possível, de surpresa;
- o carro é cégo e muito vulnerável à artilharia;
- as unidades de carros não podem ocupar o terreno, nem tampouco vasculhá-lo — operação só possível de ser executada pela Cavalaria ou patrulhas de Infantaria;
- o carro não é uma arma de choque, mas age pelo fogo e especialmente para **produzir a destruição**, sendo pouco eficiente na neutralização, missão que lhe deve ser eventual e rara e só em condições especiais;
- para fazer a destruição o carro deve se aproximar do objetivo o mais possível, afim de obter um fogo certeiro;
- o carro não é a melhor arma para combater o carro, mas sim, a Artilharia e as armas anti-tanques, combinadas com os obstáculos.

COM A MANDIÓCA PODEMOS FABRICAR O MAIS BARATO DE TODOS OS EXPLOSIVOS PODEROSOS

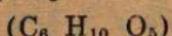
Pelo Cap. ALFREDO FAURCUX MERCIER

No decurso do ano próximo findo, quando a navegação brasileira ainda gozava de livre trânsito para os países Norte-Americanos, diariamente podíamos ler nos jornais alguns dados estatísticos assinalando a exportação vultosa da mandioca. Não passavam despercebidas essas notícias aos espíritos mais observadores que, naturalmente, faziam perguntas, tais como: quais as causas determinantes dessa tão grande procura de mandioca? — Será que esses povos estão usando nossa farinha de mandioca no seu feijão? Porventura estarão usando o pão mixto? (na gíria dos estudantes de explosivos — “pão base-dupla” = trigo + mandioca). Não; a fabricação do amido é a causa primária de tal acontecimento, pois, a secundária é a fabricação do explosivo — de amido nitrado.

NITROAMIDOS O UNITROFÉCULAS

Na mesma época (1832-1833) o químico francês **Bra-cannot**, teve a prioridade no fabrico da **nitrocelulose** e do **nitroamido**; desde então soube-se que o amido reage com o ácido nítrico dando-nos os nitratos de amido, conhecidos por nitroamidos ou nitroféculas. As propriedades da nitrocelulose superaram as do nitroamido de maneira que ficou, aparentemente, relegado este explosivo. A falta de matéria prima, no entanto, obriga ao aproveitamento e experimentação de muitas substâncias, assim, privados da matéria prima por excelência — o algodão, os fabricantes de polvoras e explo-

sivos de certos países, sabendo que o amido é um polisacárido da seguinte composição:



$n = 2$

começaram a produzir amido oriundo de: trigo, arroz, milho, batata, mandioca, etc....

NITRAÇÃO E SECAGEM

Obtido o amido entra-se na fase de nitração que, nos centros mais adiantados no assunto, é feita por um processo contínuo muito semelhante ao usado para a nitração da glicerina (**Schmid-Meissner**); faz-se a nitração por meio de: — ácido nítrico, — misturas sulfonítricas, — ou do anidrido nítrico. A **percentagem de azoto** muito influí na qualidade do nitroamido (13 % é boa percentagem); assim, sua hidroscopidade varia conforme o teor de azoto e também diminui muito, quando se o mistura com nitroglicerina, com estearina ou com parafina. Os experimentadores têm chegado às seguintes conclusões:

- a) a elevação do teor de azoto, aumenta a força explosiva dos nitratos de amido;
- b) com teor de azoto superior a 12,5 %, os nitroamidos têm força explosiva semelhante a do tótil, a do ácido picrício e a do tetril;
- c) com teor de azoto abaixo de 10 %, teremos explosivos muito fracos.

Procedida a liberação dos ácidos e feita a mistura com água e respectiva peneiração pois, formam-se aglomerados de pequenissimas partículas de nitroamido, passando sómente a emulsão dos pequenos grãos de nitroamido à água, faz-se a recuperação do nitroamido que não atravessou a peneira e entra-se na fase da secagem. A eliminação da água é feita de início, por meio da prensagem a 400 atmosferas e, com o uso posterior de ar quente durante 3 a 4 horas, o teor final de umidade obtido varia de 0,3 a 1 %.

O nitroamido pode ser facilmente gelatinizado, granulado ou prensado e, fleugmatisado sem dificuldade, é possível obterem-se explosivos de nitroamido com sensibilidade de explosivos de segurança. Segundo Charles E. Waller, apresentamos o quadro comparativo abaixo.

EXPLOSIVOS	Temperatura de explosão (t) em graus centígrados	Volume gássoso a (1°) p/1 grama (em litros)
Nitroamido (Az = 12,75 %)	2205	8,168
Trotol	2217	6,764
Ácido picrício	2599	8,727
Nitroglicerina	3158	8,8328
Tetranitrometilanilina	3126	9,81
Tetranitroanilina	3238	10,55

EMPREGO DO NITROAMIDO, DE ACORDO COM SUAS VARIAS ESPÉCIES

Nitroamido utilizado nas granadas de mão, nas minas e petardos de engenharia, composição:

Nitroamido - nitroglycerina	94 %
Estearina	5 %
Difenilamina	1 %

Nitroamido utilizado no carregamento de granadas de artilharia (cargas de arebentamento), composição:

Nitroamido - nitroglycerina	84 %
Estearina	15 %
Difenilamina	1 %

Nitroamido sem nitroglycerina utilizado no carregamento de granadas de artilharia, composição:

Nitroamido (a 13% de Az)	83 %
Amilol	8 %
Estearina	8 %
Difenilamina	1 %

Há estudos recentes cujo objetivo é obter um tipo de nitroamido, sem nitroglicerina, e que possa ser usado para todas as finalidades, evitando-se também o emprego do amilol.

O VALOR DA INDUSTRIA CIVIL NA PRODUÇÃO DO AMIDO E A LOUVAVEL AÇÃO DO CONSELHO FEDERAL DE COMÉRCIO EXTERIOR

Sob o ponto de vista político-econômico-financeiro, é perfeitamente louvável a proteção à indústria da mandioca. Há belicosos menos avisados que alegam com enfase: óra, se temos tanto algodão, para que vamos cuidar de mandioca!? A esses, lembramos que os E. U. A., também produzem, em muita quantidade duas matérias primas notáveis na produção de polvoras e explosivos: — o algodão e o toluol; no entanto, já por ocasião do armistício de 1918, nesse país, a produção anual de nitroamido era de 50.000.000 de libras-peso (na Pensilvânia e na Califórnia). Da utilidade do amido nas suas múltiplas aplicações civis, seria demais qualquer palavra, apenas diremos que são necessárias instalações capazes de produzi-lo; assim, consideramos muito feliz a ação do Conselho Federal de Comércio Exterior, ventilando ali a fundação de uma entidade cujo objetivo é criar grandes fábricas para as quais possam convergir as dádivas das feracíssimas terras brasileiras, aos esforços de nossos agricultores.

“Quando a Pátria precisa ser defendida e o Exército tem por divisa — Independência ou Morte — a Pátria descansa tranquila e os inimigos assustam-se, são vencidos, e a glória da Nação redobra o brilho.

D. PEDRO I

TIRO DE ACÓRDO NA ARTILHARIA DE COSTA

HERMES GUIMARÃES

Cap. Cmt. da 2.^a Bia. do 2.^o G.A.C.
e Fortaleza de S. João

O regime relativo das peças de uma bateria é deduzido dos des-
íos em alcance dos centros de impactos de cada peça, relativamente ao
centro de impactos da peça diretriz, ocorridos nos diversos exercícios
e tiro da bateria e em tiros especiais chamados *tiros de acordo*.

Deste modo, referem-se os *desvios em alcance dos centros de im-
pactos das peças da bateria* ao desvio do centro de impacto da peça dire-
riz" (do Manual de Técnica de Tiro).

Para se executar o tiro de Acordo na Artilharia de Costa, são ne-
cessárias uma preparação e organização de cálculos que, sómente de-
ois de se o fazer, poderemos avaliar a facilidade em se determinar o
regime relativo dos canhões. Ao contrário, seria difícil, por este
motivo, raras são as Baterias regimadas.

Não precisamos, recordar que uma Bateria regimada tem mais pro-
babilidade de acertos, portanto de destruição, o que significa: — *cum-
prir a missão com grande economia de munição*.

O trabalho que apresentamos, não é teórico, é o resultado do tiro
acordo *feito*, na 2.^a Bia. do 2.^o G.A.C. e Fortaleza de São João, "Ba-
ria Mallet", com oficiais do Grupo e Cálculos dos oficiais da Bia., por
o, registramos e publicamos a organização, o método de trabalho e
ensinamentos.

ORDEM DE TRABALHO

- Medir e anotar os azimutes de seis tiros, de cada canhão, em
cada Estação de Observação.
- Ampliar em 1/500 ou 1/100 a zona de impactos.
- Traçar as visadas de cada observador — o centro do triângulo
será um impacto.

- 4 — Tirar da ampliação as coordenadas dos impactos.
- 5 — Calcular as distâncias dos impactos com as coordenadas do canhão e impacto.
- 6 — Calcular o C_1 (centro de impacto) da série de seis tiros, de cada canhão.
- 7 — Escolher a peça diretriz (ou peças diretrizes).
- 8 — Determinar a variação de alcance em relação a P.D.
- 9 — Calcular a correção correspondente ao ângulo de elevação a P.D.
- 10 — Escrever no escudo a correção a aplicar em cada canhão ou construir uma escala removível, correspondente a regime relativo.

DESENVOLVIMENTO E QUADROS DE TRABALHO EXPLICITOS

Fim do tiro Recorde — Determinar as correções entre as peças da 2.^a Bia. para manter o *centro do retângulo de dispersão da Bateria* numa mesma distância, sempre que se atirar com os mesmos elementos.

CONDIÇÕES DO TIRO

- 1 — O alvo de tiro deve ser um ponto fixo, de coordenadas conhecidas que esteja no último quarto do Alcance do material.
- 2 — As peças devem apontar para o alvo escolhido.
- 3 — A elevação do canhão correspondente à distância de tiro deve ser feita com *arco nível*.
- 4 — Cada peça deve dar seis (1) tiros, na ordem, 1.^a, 2.^a, 3.^a e 4.^a, com intervalo de 30 a 60 segundos entre uma peça e outra.
- 5 — O tiro não deve ser feito com um vento de intensidade maior que 5m/sec.
- 6 — As folgas do material que possam prejudicar a precisão do tiro devem ter sido eliminadas.
- 7 — O paralelismo das visadas da luneta e eixo da alma deve ser perfeito.
- 8 — A munição escolhida deve ser do mesmo lote e conservada nas mesmas condições.

(1) 6 tiros para o calibre 150 m/m; 8 tiros para o calibre e 150 e 105 m/m; 12 tiros para o calibre 105 m/m.

- 9 — Devem ser três, no mínimo, as estações de observação, e localizadas lateralmente.

PREPARAÇÃO DO TIRO

- 1 — O alvo escolhido é o painel de retificação do telemetro que está a x metros; servirá propriamente de Ponto de pontaria em direção porque serão levantadas as coordenadas de todos os impactos; ou um ponto de coordenadas conhecidas.
- 2 — Os elementos de tiro são: Direção: Ponto acima referido — Ângulo de elevação: X (2).
- 3 — O Cmt. da linha de fogo dará ordem de fogo, por peça, com intervalo de 30 segundos, assinalados pelo toque de campainha.
- 4 — A sondagem será feita para se verificar a sondagem do vento.
- 5 — Todo cartucho deve ter sido rigorosamente examinado e experimentado na sua câmara de explosão.
- 6 — As estações de observação e os observadores são:

- A — Praia de Itaipú — Ten.: A₁
- B — Praia de Itaipú — Ten.: B₁
- C — Praia de Itaipú — Ten.: C₁

Os observadores fazem o seguinte:

- a) — instalam e orientam o teodolito no ponto já conhecido (coordenadas conforme de Gauss);
- b) — comunicam pela estação rádio que está pronto;
- c) — medem e registram os azimutes do painel e as colunas dágua, para isso, serão advertidos que a peça vai atirar ou receberá hora H+30 segundos;
- d) — registram a hora da observação, tendo antes aferido os seus relógios com o do Capitão, Diretor do Exercício.

Cmt. da Linha de Fogo — Além das funções normais deve ter dois anotadores da ordem em que são desencadeados os tiros.

(2) Como vão ser levantadas as coordenadas dos impactos, escorremos um ângulo que nos dê impactos aquém do Ponto de Pontaria.

Importante — O Cmt. da Bia. deve estar junto à estação radio para controlar as observações e ordenar mais tantos tiros para tal peça, afim de ter 6 tiros de cada peça observados, em cada estação de observação.

DETERMINAÇÃO DA d_1V_0

- 1 — Com as observações reunidas no quadro 1, são levantadas as coordenadas dos impactos, com auxilio do quadro 2, para os cálculos, e da ampliação da zona dos impactos, numa escala de 1:500 ou 1:1000.
 - 2 — Com as coordenadas das Peças e impactos, temos as distâncias exatas de cada impacto, calculadas com auxilio do quadro 3.
 - 3 — No quadro 4 relacionamos as coordenadas dos impactos, distâncias e Peça correspondente.
 - 4 — Com o quadro 5, determinamos o C. I. de cada peça.
 - 5 — A peça que tiver o C. I. mais próximo do elemento de tiro com que se atirou, será escolhida para a diretriz, ou a que facilitar mais a introdução de correção.
 - 6 — As diferenças dos CC. II. com relação à diretriz divididas pela correção de dV_0 em metros darão a variação de V_0 em m/s.
 - 7 — Construir uma curva de correções calculando-se os pontos de 100 em 100 metros.
- Para isso, calcula-se:
- a) — Com o dV_0 em m/s as correções em alcance e para os alcances de 100 em 100 metros.
 - b) — Com auxilio da tabela de tiro e por meio da variação em metros para a variação de 1 graduação da alça, calculam-se as correções da alça em ângulos de 100 em 100.
 - c) — Com esta correção na unidade correspondente e os alcances 100 em 100 m, constroi-se uma curva que permitirá, por interpolação gráfica, calcular as correções de 100 em 100 m ou de 500 em 500 m.
 - d) — Organizar a tabela de correção.
 - e) — Escrever no escudo de cada canhão a correção de d_1V_0 com os ângulos de elevação limites, ou construir uma escala removível

TIRO DE ACORDO

Ficha de registro das observações do tiro

Local:

Estação:

Coordenadas planas conformes de Gauss

$$\left\{ \begin{array}{l} X = \\ Y = \\ Z = \end{array} \right.$$

Fortaleza de São João, de de 194

Operador

Nota — Todo trabalho foi feito utilizando-se as Coordenadas Planas informes de Gauss.

CALCULO PARA LEVANTAMENTO DAS COORDENADAS DOS IMPACTOS

Tiro n.º: Peça: Peça: Peça:

QUADRO 2 Tiro n.º:

ESTAÇÃO	A	B	C	A	B	C
X ₀						
Y ₀ (Coordenadas do centro)						
Az. Observ.						
V						
Figura elucidativa						
Meridianos escolhido						
Y						
Y - Y ₀						
l _g (Y - Y ₀)						
l _g t _g V						
l _g (X - X ₀)						
X - X ₀						
X						
						X - X ₀

NOTA: a) É a disposição para o cálculo da fórmula tg V = $\frac{\Delta_y}{\Delta_x} = \frac{Y - Y_0}{X - X_0}$, dentro da ampliação da Zona dos impactos.

CALCULOS DAS DISTÂNCIAS DOS IMPACTOS

do ro	Operações	Cálculos	Operações	Cálculos	Observ.
	X		Y		X ₀ =
	X ₀		Y ₀		Y ₀ =
	D _x		D _y		lg Δ _y
	l _g D _x		l _g D _y		colg Δ _x
	l _g sec. V		l _g cosec. V		lg tg V
	l _g d		l _g d		V
	d		d		
			Y		lg Δ _y
	X ₀		Y ₀		colg Δ _x
	D _x		D _y		lg tg V
	l _g D _x		l _g D _y		V
	l _g sec. V		l _g cosec. V		
	l _g d		l _g d		
	d		d		
	X		Y		lg Δ _y
	X ₀		Y ₀		colg Δ _x
	D _x		D _y		lg tg V
	l _g D _x		l _g D _y		V
	l _g sec. V		l _g cosec. V		
	l _g d		l _g d		
	d		d		
	X		Y		lg Δ _y
	X ₀		Y ₀		colg Δ _x
	D _x		D _y		lg tg V
	l _g D _x		l _g D _y		V
	l _g sec. V		l _g cosec. V		
	l _g d		l _g d		
	d		d		

a) E' a disposição para o cálculo das fórmulas:

$$\cos V \text{ donde } d = \frac{\Delta_x}{\cos V} \text{ como } \frac{1}{\cos V} = \sec. V \text{ temos } d = \Delta_x \sec V$$

$$\sin V \quad d = \frac{\Delta_y}{\sin V} \quad \frac{1}{\sin V} = \cosec. V \quad d = \Delta_y \cosec V$$

duas colunas dão resultados iguais.

2.º GRUPO DE ARTILHARIA DE COSTA

QUADRO N.^o 4

Relação das coordenadas e distâncias dos impactos

NOTA — As ordens dos tiros devem corresponder à ordem da peça que atirou, identificada com os anotados da Linha Fogo, encarregados desse serviço.

2.º G. A. C. e F. S. J.

QUADRO N.º 5

TIRO DE ACORDO

Determinação do C. I.

NOTA — As correções de $d_1 V_0$ e correções do ângulo de elevação são feitas à parte, com auxílio da tabela de tiro do material.

EXEMPLO — Determinar as correções de d_1 Vol do ângulo de elevação:

1.^a Peça
7330 m

2.^a Peça
7270 m

3.^a Peça
7225 m

4.^a Peça
7260 m

Os elementos de tiro são:

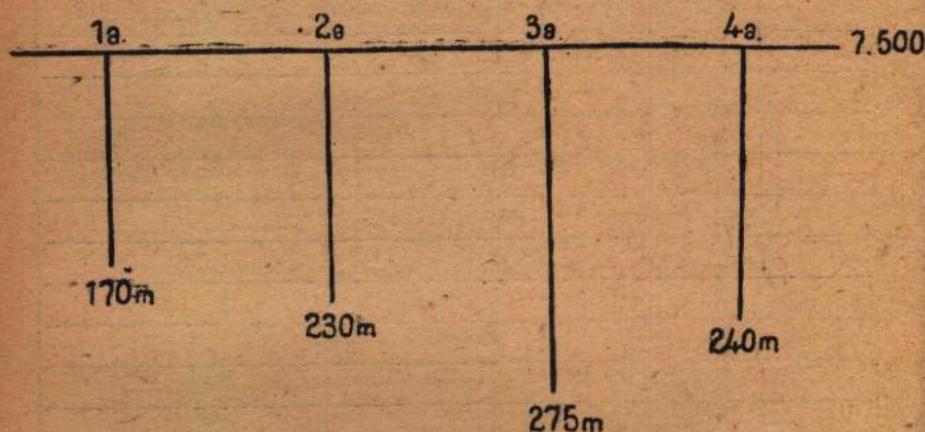
Direção — O painel de retificação do telemetro a 8000 m todos os canhões).

Elevação — Para 1.^a, 2.^a e 3.^a Peças; Ângulo 12°17' correspondente a 7.500 m.

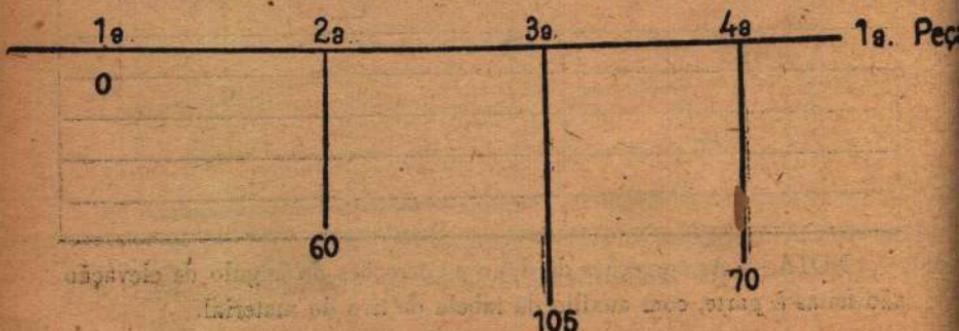
Para 4.^a Peça — ângulo 12°20' correspondente a 7.500 m.

Observação — A 4.^a Peça está em nível inferior às demais, por isso, se acrescenta a correção de sitio.

As diferenças de alcance dos CC II, em relação ao ângulo comandado são:



Escolhemos a 1.^a Peça como diretriz e as diferenças relativas são:



Da tabela de tiro achamos que estas diferenças de distâncias, correspondem as seguintes d, vo.

1a.	2a	3a.	4a.	
0	- 5	- 9	- 5	- efeito
0	+ 5	+ 9	+ 5	- correção

Exemplo: em 7.270:10—120m

(2.º Peça) $X = 60$ $X = 5$

Ainda da tabela, tiramos que estas dd, VVo, correspondem às seguintes correções em elevação:

2.ª e 4.ª Peças

Ângulo $Tg \times 1000$	Correção
34 a 243	+ 2
244 a 381	+ 4

3.ª Peça

Ângulo $tg \times 1000$	Correção
69 a 146	+ 2
148 a 302	+ 4
304 a 381	+ 6

Nota — ($tg \times 1000$) E' a graduação do arco graduado do canhão, correspondente à tangente do ângulo de elevação multiplicado por 1000, o que permite pequenas variações no alcance.

Exemplo — Determinar as correções na alça correspondente a $d, Vo=5$ (2.º e 4.º Peças).

Para 4000°: ângulo ($\text{tg} \times 1000$) = 69

Para 4100°: ângulo ($\text{tg} \times 1000$) = 73

4

Em 100m	4
60m	x

$$x = 2, \quad 4 \approx 2$$

Para 6000 3

Para 8000 3.6. \approx 4

Para 10000 4.2 \approx 4

IMPORTANTE

a) — Uma das peças estando em plano inferior às outras, há uma correção de sitio em relação às demais peças. A correção de sitio diminue quanto maior for o alcance.

A correção d, Vo aumenta quanto maior for o alcance.

Somando as duas correções, pode dar um valor constante que corresponde à correção do regimen relativo e do sitio.

b) — As correções do regimen relativo são escritas num quadro no escudo do canhão e o *apontador em elevação*, recebendo o ângulo, soma a correção correspondente. Após vários treinos, o aontar faz isso naturalmente. Pode-se também, construir uma escala removível com as correções introduzidas.

c) — O arquivo de Tiros de Artilharia da Bia, deve estar em ordem, controlado, para que sejam aproveitados os tiros anteriores, pesando-se o valor dos tiros, teremos um regimen relativo mais preciso ainda. Os tiros de registo para a Análise do Tiro dão boas informações sobre o material.

d) — É muito importante determinar-se o regimen relativo dos canhões e, só iremos reconhecer o valor de uma bateria regimada, na guerra.

Aqui fica este trabalho para que tenhamos um dia, todas as nossas baterias regimadas.

CAVALARIA EM Creta

Major R. L. HOWZE

Tradução do 1.º Ten. FERNANDO BELFORT BETHLEM

Para os estudiosos de operações militares a captura de Creta apresenta-se como a mais interessante campanha da segunda guerra mundial. Entretanto nenhuma novidade foi introduzida ali; os paraquedistas e a infantaria do ar já haviam obtido sucessos nas campanhas da França e dos Países Baixos, Holanda e Belgica. A aviação de combate, desempenhando o papel de artilharia de longo alcance e em apoio às tropas de terra, já se tinha mostrado eficiente desde a campanha da Polonia. Em Creta, porém, um destacamento transportado pelo ar e apoiado por uma poderosa frota aérea, conquistou uma ilha ocupada por forças numericamente superiores e suportadas por uma possante frota naval.

O objetivo principal deste artigo é o de salientar o que poderia ter acontecido se os ingleses possuissem, nesta ilha, cavalaria hipomóvel reforçada por artilharia à cavalo. Uma brigada de cavalaria reforçada teria influido de muito sobre a decisão final.

Creta é uma ilha de 260 Kms aproximadamente: seu eixo maior corre geralmente na direção este oeste. O centro da ilha é montanhoso e possui elevações cujas altitudes variam de 200ms a 235ms. A costa não favorece operações de desembarque em grande escala; a rede de estradas é muito pobre e as comunicações fazem-se, geralmente, por meio de trilhas nas montanhas.

Canéa, Retimo, e Heraklion são as principais cidades, todas na costa norte, assim como a baía de Suda é o melhor ancoradouro, existente na ilha. Existiam aeródromos em Maleme e Heraklion e campos de pouso em Retimo e Kastelli; todos em pobres condições.

O domínio de Creta apresentava várias vantagens. Para os britânicos ela se apresentava como a única base aérea, após a queda da Grécia, de onde os mesmos podiam bombardear os campos petrolíferos da Rumania.

O eixo desejava a ilha afim de prover a segurança da navegação nos mares Adriático e Egeu, para restringir os movimentos da frota britânica no Mediterrâneo Oriental assim como para apossar-se de uma base aérea que lhes permitiria agir contra a zona Cairo-Alexandria-Deserto Ocidental. Sua posição em relação à Turquia e ao Oriente próximo era também importante.

Em Novembro de 1940, a guarnição britânica de Creta consistia em uma brigada de infantaria; com a queda da Grécia, esta brigada foi reforçada com elementos evacuados da terra helênica atingindo, então ao efetivo de 37.500 homens. A maioria das tropas gregas, porém chegou à ilha completamente desprovida de equipamento. Existiam na ilha 16 aviões, 16 carros leves e 10 tanques de infantaria (velocidade de 12 Kms por hora); havia algum material anti-aéreo e alguma artilharia, mas em número irrisório.

Os naturais objetivos de um invasor seriam os campos de pouso de Kastelli, Maleme, Retimo, Heraklion e a base naval na baía de Suda. As disposições aliadas eram mais ou menos as seguintes: 7800 homens na área Maleme-Kastelli; 4.400 homens na área Suda-Canea; 760 entre a baía de Suda e Retimo; 6.000 na vizinhança de Retimo e 6.000 em Heraklion. **Não havia reservas moveis.** Poucos tanques foram distribuídos entre as guarnições; contudo, eles não apareceram durante a luta.

Os alemães, como de usual, fizeram um completo e detalhado preparativo para a operação. As forças que tomaram parte na invasão eram formadas pelo oitavo corpo aéreo, com base na Grécia, e por três divisões de efetivo reduzido. O oitavo corpo aéreo possuía 360 bombardeiros pesados e de mergulho, 465 caças e 650 aviões de transporte. As forças de terra constavam de uma divisão de paraquedistas (4900 homens), uma divisão de infantaria do ar (5600) e dois regi-

mentos da divisão de montanha (5.000 homens). Além disso, possuíam eles unidades motociclisticas e anti-aéreas; o armamento consistia em canhões contra-carro, de 37 mm., morteiros de 81 mm e canhões de 75 mm.

Em síntese, o ataque germanico consistiu em 3 operações ofensivas, com tropas paraquedistas, sobre os campos de pouso de Maleme, Retimo e Heraklion; estes ataques deveriam ser seguidos, logo que obtivssem êxito, pela aterrissagem da infantaria do ar e da artilharia leve.

HISTÓRICO DO ATAQUE

A preparação alemã foi conduzida em três fases. A primeira, de 1 a 10 de maio, resumiu-se em reconhecimentos fotográficos e bombardeios de mergulho. O plano grmânico foi baseado nos resultados desse reconhecimento.

De 11 a 15 de maio, os bombardeios e os ataques à metralhadoras foram aumentando em frequência e em intensidade. Comunicações, concentrações e posições anti-aérea foram atacadas repetidamente; a 15 de maio, a RAF retirou-se para o Egito.

Na terceira fase, os ataques foram dirigidos, principalmente contra os abastecimentos vindos pelo mar; os ataques aos campos de pouso foram intensificados e abateram a moral inglesa.

O verdadeiro ataque começou, porém, a 20 de Maio, começando com um ataque aéreo de intensidade incomparável. Até 8 horas da manhã, cerca de 2.000 paraquedistas foram lançados na zona Canea-Maleme; estes paraquedistas foram atirados em ondas de 600 homens cada uma, dos quais apenas 200 conduziam armamento. No aeródromo de Maleme a guarnição zeelandesa foi bombardeada e metralhada durante 90 minutos e, antes de ter desaparecido a nuvem de poeira e fumaça, cerca de 50 planadores aterraram no leito de um arroio seco. Os tripulantes alemães, imediatamente, tomaram contacto como os ingleses cobrindo, dessa maneira, a aterrissagem dos paraquedistas. Os defensores desta zona foram

logo dominados e alguns paraquedistas interromperam as comunicações da estrada Maleme-Canea.

Ao anotecer, logo após a captura de Maleme, os transportes começaram a aterrissar neste campo, apesar das perdas sofridas, pela ação da artilharia britânica.

A 21 de maio, os germanos começaram a calar as baterias inglesas, o destacamento de paraquedistas entre Maleme e Canea, e na parte central da ilha, continuaram a interromper as comunicações. Destacamentos de motociclistas foram lançados nas direções ao sul e a oeste de Maleme.

A 22 de Maio, motociclistas capturaram Palaikhora na costa sudoeste, e o campo de pouso de Kastelli. Movimentos preliminares para um ataque na direção geral este de Maleme foram continuados. As posições inglesas em torno de Galatas, posição chave para a defesa de Canea, foram rompidas. No dia seguinte a este rompimento, a brecha foi bastante alargada e as tropas de montanha alemãs continuaram um movimento de flanco para o sul, através os caminhos montanhosos de Galatas para o sul da baía de Suda. Este movimento foi completado a 27 de maio, forçando a queda de Canea, e a retirada inglesa para a costa sul de Creta. O contacto com grupos isolados de paraquedistas na parte central da ilha, era estabelecido por unidades de motociclistas nazistas, apoiadas por infantaria transportada em veículos capturados. Uma forte luta entre unidades de retaguarda britânicas e tropas alemãs tinha lugar em Sfakia, no momento o principal ponto de embarque britânico. Afinal a 30 de maio os ingleses escaparam para o Egito.

O QUE PODERIA TER ACONTECIDO

Sabemos que o melhor processo para combater forças transportadas pelo ar é negar-lhes um lugar para aterrissar. A conquista de campos de pouso é, inicialmente, empreendida por paraquedistas e passageiros de planadores. O melhor método de derrotá-los consistirá em atacá-los, ou ainda no ar, ou imediatamente após a aterrissagem, impedindo-os, as-

quislada por um regimento de paraquedistas e poucas tropas em planadores, ambos sofrendo grandes perdas na operação. Dessa maneira, eles não teriam resistido a um ataque desencadeado de duas direções.

Em correlação com o movimento desta reserva, o outro regimento (menos uma ala), reforçado por uma bateria de artilharia, deveria mover-se para a área primitivamente ocupada pelo grosso da brigada, e, dessa maneira, uma nova reserva seria constituída na zona do ataque principal, num espaço aproximado de seis horas. Logo após ter sido solucionada a situação em Maleme seria prestada atenção aos grupos isolados existentes em Retimo e Heraklion. Ali as guarnições controlavam a situação; assim, poderia ser estabelecida uma ação coordenada tendente a derrotar os paraquedistas, já um tanto enfraquecidos pelas perdas.

Após cada contra-ataque, a cavalaria deveria ser reorganizada e passaria novamente a constituir uma reserva móvel; somente em circunstâncias excepcionais poderia ela reforçar as guarnições.

Naturalmente se os ingleses tivessem mais infantaria e transporte motorizado, suficiente para mover uma reserva, talvez os alemães tivessem sido repelidos. O movimento com veículos teria de ser, porém, forçosamente, subordinado às estradas e, assim, sujeito aos ataques por parte dos bombardeiros de mergulho.

Para terminar, diremos que Creta estava guarnecida por tropas britânicas desde Novembro de 1940 e acreditamos que nestes sete meses forças de cavalaria podiam e deviam ter sido mandadas para lá.



EFEITOS DAS BOMBAS EXPLOSIVAS

Uma bomba explosiva tem simultaneamente os efeitos seguintes:

- I — Penetração.
- II — Explosão.
- III — Sopro.

Aos efeitos principais adicionam-se: os estilhaços da bomba e de algum metal atingido, e os destroços dos objetos alcançados. Devemos considerar também o efeito tóxico dos gases, algumas vezes de efeitos incendiários.

I — PENETRAÇÃO

A profundidade de penetração de uma bomba explosiva é expressa pela fórmula:

$$h = \frac{W M V^2}{2 \times S} \quad (1)$$

W — Resistência linear do objetivo.

M — Massa do projétil.

V — Velocidade de queda, variando de 250 a 500 m/s.

S — Secção do projétil.

Experiências alemãs, apoiadas por informações americanas e francesas dão para W os seguintes valores:

Terra comum	W = 1/150
Concreto simples	W = 1/750 a 1/2000
Concreto armado	W = 1/1500 a 1/2250
Aço	W = 1/50000

I — EXPLOSÃO

Sob o efeito da expansão do gas, a bomba explosiva arrebenta, cavando uma cratera. É um efeito impossível de se

avaliar com precisão, pois que todos os aparelhos de medida direta seriam destruídos. Calcula-se porém o raio da cratera, em função da carga **c** do projétil, da resistência característica do material **b** e de um coeficiente **g** de valor variável e crescente com a profundidade de penetração.

A existência deste coeficiente explica a importância das bombas providas de espoletas de retardo.

Eis a fórmula que dá o valor do raio da cratera:

$$r = \sqrt[3]{\frac{C}{b \times g}} \quad (2)$$

Por ela podemos concluir: quanto maiores forem os coeficientes **b** e **g**, menor será o raio do efeito superficial, ao que corresponderá um arrebentamento em grande profundidade, com resultado de destruição potente.

Considerando-se entretanto, somente o caso em que podemos contar com pequenos retardos de explosão, essa expressão (2) toma a forma

$$r = \frac{1}{5} \sqrt[3]{C} \quad (3)$$

obtendo-se com a sua aplicação resultados bastante precisos.

E assim teremos para

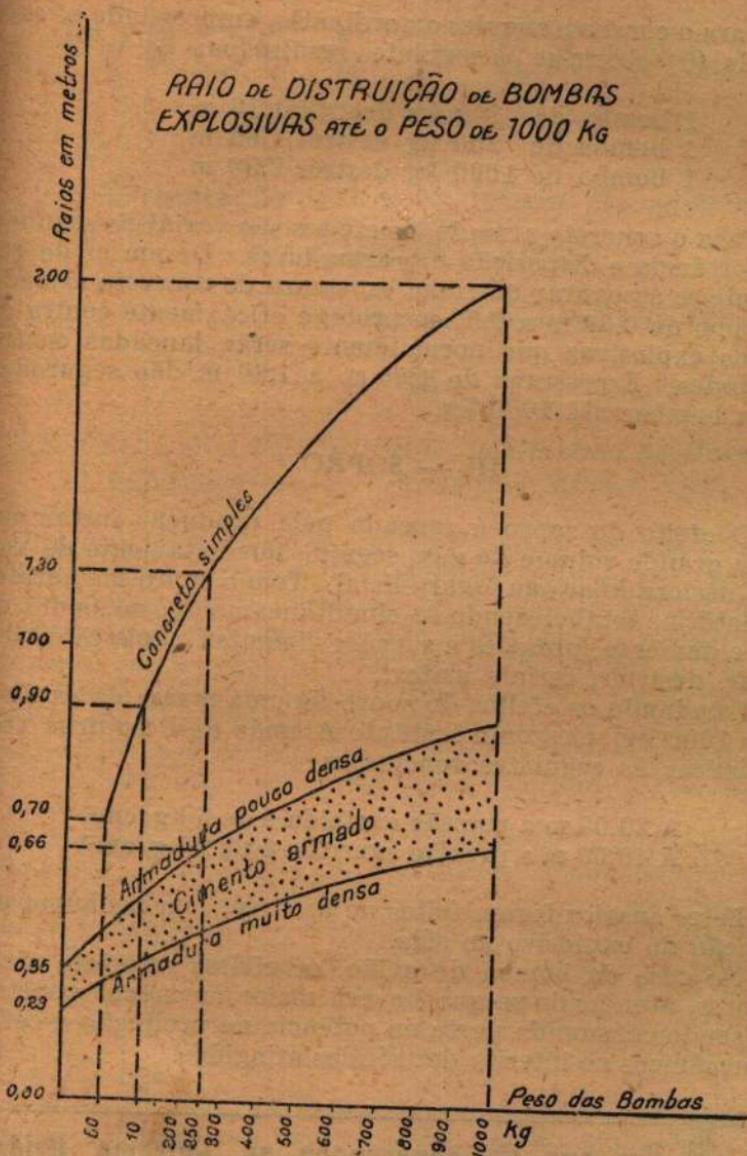
- 1 bomba de 50 kg um raio de destruição de 0,70 m
- 1 bomba de 100 kg um raio de destruição de 0,90 m
- 1 bomba de 250 kg um raio de destruição de 1,30 m
- 1 bomba de 1000 kg um raio de destruição de 2,00 m

A profundidade eficaz de proteção é expressa pela fórmula

$$H = \frac{h}{2} r \quad (4)$$

Substituindo na fórmula (4) **h** e **r** pelos seus valores (1) e (3), respectivamente, teremos:

$$H = \frac{W M V^2}{4 S} + \frac{1}{5} \sqrt[3]{C} \quad (5)$$



Para o concreto armado os efeitos são reduzidos a $\frac{1}{3}$ a $\frac{1}{2}$

Para o concreto simples ou ordinário, empregando-se essa fórmula (5) obtem-se os seguintes resultados:

1 bomba de 100 kg destrói 1,16 m
 1 bomba de 250 kg destrói 1,68 m
 1 bomba de 1000 kg destrói 2,53 m

Para o concreto armado, os efeitos são variáveis segundo a importância e disposição das armaduras. De um modo geral pode-se assegurar que uma espessura de concreto armado da ordem de 0,30 m a 0,50 m protege eficazmente contra as bombas explosivas que normalmente serão lançadas contra as cidades. Espessuras de 1,00 m a 1,20 m dão segurança contra bombas até 1000 kg.

III — SOPRO

O efeito do sopro é causado pela produção instantânea de um grande volume de gás, seguido imediatamente da volada de ar deslocado ao seu lugar inicial. Tem o sopro um caráter ondulatório, estabelecendo-se simultaneamente, no ponto de arrebatamento, pressões e sucções violentas, capazes de danificar, destruir, ferir e matar.

Estudando os efeitos do sopro de uma massa de explosivo de 1000 kg., chegou o Instituto Alemão de Pesquisas Técnicoquímicas às seguintes conclusões:

A 20,00 m a pressão exercida é de 5 kg/cm^2
 A 40,00 m a pressão exercida é de 2 kg/cm^2

Estes ensaios foram feitos ao ar livre, sem nenhuma penetração do explosivo no solo.

No caso da bomba de avião, os efeitos referidos serão menores, atendendo-se que haverá maior ou menor penetração, sendo consumida parte da potência na produção de efeitos mecânicos no interior dos sólidos atingidos.



Um ano de observação no Extremo Oriente

Ten. Cel. LIMA FIGUEIRÉDO



Sem o porte - 13\$500

LIVROS DO EXÉRCITO

AUTORES MILITARES

Orientação sobre o futuro da guerra no Extremo Oriente

Pelo 1.º Ten. UMBERTO PEREGRINO

III

TEN.-CEL. LIMA FIGUEIREDO — **Um Ano de Observação
no Extremo Oriente** — Biblioteca Militar, 1941.

Retomando o estudo da organização militar japonesa, através dos amplos dados e penetrantes observações do Ten.-Cel. Lima Figueirêdo, vejamos o que é a sua Infantaria, “viga mestra do exército, podendo-se mesmo dizer que o Japão tem uma única arma — a infantaria, sendo as demais seus acessórios”. (“Um Ano de Observação”, p. 138). Sente-se, depõe o nosso observador, militar, “através dos textos regulamentares como da execução, o cuidado de assegurar à Infantaria os meios para resolver sem qualquer auxílio todos os problemas apresentados. Tudo se passa como se a artilharia e as outras armas não existissem” (p. 160).

E eis imediatamente, como em todo o correr do livro, a interpretação lúcida: “Pode-se dar a este fato, bastante surpreendente, um grande número de explicações. Primeiramente a lembrança das condições do campo de batalha da guerra russo-japonesa, onde a artilharia japonesa de tipo antigo e sem freio podia sómente, pelo seu tiro lento, exercer uma ação fraca sobre o combate. Em seguida a mediocridade do adversário encontrado depois daquela data e a fraquesa das suas organizações defensivas. Por último a insuficiência numérica e o valor técnico reduzido da artilharia atual”.

Mas o fato é que a Infantaria tem uma “importância excepcional” no exército japonês, no qual “por seus efeitos, suas tradições e suas qualidades morais, ela é mais ainda do que na Europa, o núcleo vivo das forças terrestres”. (p. 169) Nessas condições o Ten.-Cel. Lima Figueirêdo estuda-a exaustivamente. Da organização vale a pena destacar alguns elementos: composição do R. I. — 1 estado maior, 1 secção de transmissões, 3 batalhões idênticos a 400 homens, 1 bateria de Art. (4

canhões de 75 m/m); composição de cada Batalhão — 3 Cias. de fuzileiros-volteadores a 3 secções, 1 Cia. de Metr. a 4 secções de 2 peças sobre cangalhas, 1 Cia. de acompanhamento a 3 secções, 1 secção de 2 canhões de 70, 1 secção anti-carro de 2 canhões de 37, 1 secção de 2 morteiros de 70; composição da secção: 1 G. de fuzileiros servido por dois F.M. normais e 1 fuzil automático, 2 G. de volteadores sem armamento coletivo, 1 G. de 4 lança-granadas. Inventariando a potência de fogo do R. I. observa o Ten.-Cel. Figueirêdo que “há uma proporção de armas automáticas menos forte do que nos exércitos europeus, mas que pelo contrário há um grande número de lança-granadas, arma leve, robusta e muito eficaz no combate da Infantaria e uma forte Artilharia de acompanhamento imediato”.

Sobre o fuzil automático cumpre informar que é uma arma antiga e “muito mediocre”, cujo aproveitamento decorre de “deficits” em armamento”. (p. 139) No tocante ao armamento anti-carro, representado pelo canhão de 37 mm não haverá propriamente o que objetar. Reconhece-se que nesta nova fase da luta entre o canhão e a couraça, a peça anti-carro já se encontra muito próxima do seu limite de potência prática, em razão das servidões a que está sujeita. Com efeito, as peças atuais não asseguram, com certeza, sob uma incidência de 30° a perfuração de todas as blindagens em serviço. Pode-se, naturalmente, melhorar a potência da arma, mas a majoração de peso aumentará mais as dificuldades de uma arma que deve estar nas primeiras linhas da Infantaria. A velocidade prática do tiro (6 a 7 por minuto, em tiro ajustado sobre alvo móvel) deve ser considerada no máximo. E o campo de tiro horizontal de 60° estará longe de satisfazer plenamente em face dos carros modernos, surgindo de todas as direções, e diante dos quais se contam os segundos. Enquanto isso o carro tem ainda largas possibilidades de aumento da proteção e da potência. As blindagens veem sendo constantemente melhoradas pela constituição química, pelo tratamento térmico, pelas soluções mecânicas. Dessa forma não será muito o que se poderá ainda fazer, nas condições atuais, pela arma anti-carro. Variam-se os calibres de 20 a 47 mm, mas sem resultado decisivo. Qualquer deles, entretanto, satisfaz, até onde se pôde contar com a peça anti-carro. Parece, todavia, que mais importante que as ligeiras variações das características dessas armas, vem a ser a dosagem delas. E sob esse aspecto não é boa a situação da Infantaria nipônica, que dispõe apenas de 2 canhões de 37 mm por batalhão. Antes de rebentar esta segunda guerra mundial, aí por volta de 1935, já os especialistas consideravam insuficiente a conta de 2 a 3 armas por batalhão. E estamos vendo que tinham toda razão. A densidade dos carros nas operações atuais excede os cálculos mais audaciosos.

O equipamento “é similar ao do combatente dos outros exércitos modernos: capacete de aço monobloco, ferramenta portátil copiada nas

suas características principais da do soldado francês no fim da guerra e mochila do alemão" (p.147).

De particular há "uma capa de tela impermeável, com capús, muito eficaz contra os aguaceiros e pouco volumosa; e uma rede de camuflagem de 1,50 m X 1,50 m feita d cordeis formando malhas de 5 cm."

Quanto ao material de transmissões, que representa, por assim dizer, metade da eficiência dos exércitos de hoje cujas características de combate são sobretudo rapidez e coordenação, depõe o Ten.-Cel. Lima Figueiredo que é "extremamente despresado". A T.S.F., por exemplo, maneja material "antigo, frágil e pesado", e sua utilização é "difícil e lenta". (p. 147) Em suma, os meios mecânicos e elétricos de transmissões são, na expressão do nosso autorizado observador militar, apenas "mediocres".

A "qualidade marcante" da infantaria japonesa vem a ser a resistência física, que o Ten.-Cel. Lima Figueiredo explica pelos "habitos de extrema frugalidade da raça" e também (veja-se que observação agudíssima) por "uma aptidão toda oriental dos esforços musculares moderados e prolongados, dos quais o sistema nervoso não participa em nada — o que diminue muito a fadiga". (p. 150)

Ligando tudo isso vem a definição da pequena unidade de infantaria japonesa: uma "mascota brava, resistente e sem iniciativa". (p. 151)

A arma está por seu turno definida nesta síntese: "a infantaria japonesa apoiada sobre um fundo de bravura e solidez, sofre duma certa debilidade numérica e intelectual de seus quadros, duma doutrina envilecida e duma falta absoluta de cooperação com as outras armas". (p. 170) "Resulta disso — diz o Ten.-Cel. Lima Figueiredo, numa oportuna observação que é também um modelo de sutileza estilística — uma fraqueza material que a fragilidade do adversário chinês não tem inteiramente revelado, mas que é certa".

E a Cavalaria japonesa? Não são muitos os dados propriamente ditos fornecidos pelo autor de "Um ano de observação no Extremo Oriente". Todavia, o que nos conta sobre o seu desempenho na China permite seguras conclusões no tocante à organização e aparelhamento da tradicional arma no exército amarelo.

Esta informação geral é bastante expressiva: "A Cavalaria está passando por grande transformação. Pensam mecanizá-la na proporção de 4 por 1, isto é, um regimento terá 4 esquadrões de cavalaria para um esquadrão de carros". (p. 315) As armas anti-carros (canhões) são 12 por esquadrão, o que nos parece uma dotação prodigiosamente copiosa. Vão em viaturas puxadas por quatro cavalos, "sobem e descem facilmente mercê da articulação da flexa do engate que abre, formando uma rampa". (p. 315) É difícil, porém, conciliar esse sistema de transporte com as excepcionais qualidades de mobilidade que deve ter a peça anti-carro, como condição mesma do seu êxito. As operações de

atrelagem e a localização dos animais de tração constituem problemas ponderáveis.

As informações sobre o trabalho da Cavalaria na campanha da China são sempre desta ordem: "A cavalaria japonesa não podia ser empregada em missões de larga envergadura. No fim de oito meses de guerra já estava exausta e apresentando fraco rendimento. Era sómente utilizada para a guarda de um flanco, ou na perseguição". (p. 252) "A Cavalaria esgotou-se depois de alguns meses de guerra. Apesar de eficiente, o serviço veterinário nipão nada pôde fazer em favor dos animais. Imbuidos das doutrinas européias de lançar a cavalaria em ações afastadas, cedo chegaram os nipões, à conclusão de que não poderiam contar com a sua arma ligeira. Quando as comunicações são dijiceis, o transporte de forragem cede lugar às munições, essencia e generosa para a tropa". (p. 198) Essa última parte denuncia um fenômeno que pode considerar-se geral e elucida muito. As munições, o combustível e as provisões para a tropa pereterão fatalmente a forragem na máquina de guerra atual, o que corresponde à preterição da propria Cavalaria. E' justo? E' certo? E' vantajoso! Não é o que está em discussão. Apenas deve ficar assinalado esse forte motivo de desgaste da Cavalaria.

A propósito da marcha para Cantão vem a seguinte notícia: "Os animais sentiram muito na viagem marítima e com a carga e descarga, dependurados nos guinchos, muito haviam sofrido. Os cavalos das metralhadoras e dos canhões também pregaram e, desta maneira, os homens tiveram que carregar, outrrossim, o armamento pesado, envidando esforços e sacrifícios notáveis. A mesma cousa sucedeu com a Cavalaria, que recebendo ordem para vir na frente com a vanguarda, resolveu marchar a pé, deixando suas montadas para trás" (p. 150)

Em determinada passagem surge outra face das dificuldades da Cavalaria nipônica: "Chamou-me também a atenção a dificuldade do serviço de remonta, quando o teatro de operações oferece grandes frentes e profundidade. Vi uma coluna de cavalos doentes sendo escoada para Hankou. O aspecto era comovedor. Animais em pleno esqueleto, estropiados, cheios de feridas, caindo aos pedaços". — "No norte da China, onde os japoneses acharam os poneis mongois e os camelos, a questão da remonta ficou em parte facilitada". (p. 199)

Em presença de tudo isso a conclusão é pela precariedade da Cavalaria japonesa. A guerra da China consumiu a que existia e a capacidade de recomposição afirmou-se inferior às necessidades. Os chineses também não possuem Cavalaria apreciável. Assim, a deficiência sendo comum apaga-se no quadro geral da campanha. Entretanto, é prudente refletir no perigo dessa omissão. Os americanos preparando um gigantesco exército moderno não esquecem a Cavalaria a cavalo. Dizem que ela será, no mínimo, uma preciosa reserva. E a qualquer instante pode

surgir a sua oportunidade de emprego, levando vantagem quem possua maiores e melhores disponibilidades, como tem acontecido com os russos, em certas fases da luta na frente oriental.

Em suma, voltando ao eixo das nossas considerações, os cavaleiros não terão o que aprender ou imitar na Cavalaria japonesa. Apenas surgem, como vimos, alguns argumentos em favor da natural e universal preferencia pelo motor.

(Continua)

À margem dos combustíveis

DR. PIRES DO RIO — **O Combustivel na Economia Universal**

— Livraria José Olimpio — 1942.

A reedição desse estudo, que data de 1916, chega num momento oportuníssimo. O combustível vem comandando despoticamente a humanidade desde o advento da máquina. E partindo daí o Dr. Pires do Rio demonstra que a "superioridade de meia duzia de grandes potências sobre as cinco duzias de nações caudatárias" tem explicação nessa "razão natural", isto é, nas disponibilidades de combustível.

Aponta, exemplificando, "o papel criador da Grã-Bretanha na revolução econômica"; o esforço da Russia que elevou a sua produção carbonífera de trinta milhões de toneladas em 1913, para cento e quarenta milhões em 1940, salto "pelo qual se afigura o desenvolvimento industrial do país"; a situação das nações latinas que, "pobres de carvão, ficaram naturalmente entre as de menor indústria e maior agricultura".

No quadro de combustíveis o Dr. Pires do Rio confere o primado ao carvão, argumentando que "com ele se faz petróleo sintético, ao passo que o natural, será de efemera duração, dizem os geólogos. Quer tão de vinte anos, o petróleo de muitos poços desaparecerá, deixando lugar para o petróleo fornecido pelas hulhas, cujas camadas terão séculos ou milênios de duração".

Naturalmente, em que pese a autoridade do autor, tal assertiva assim absoluta, definitiva, torna-se discutível. As grandes vantagens do motor a explosão determinaram uma crescente importância do combustível líquido, e, sabidamente, a gasolina sintética é de difícil e cara obtenção. Assim, observamos que os que têm dificuldades de combustível líquido, embora possuindo carvão, não se orientam francamente no sentido do petróleo sintético, mas buscam a posse de campos petrolíferos (Alemanha, Japão), ou se lançam ao aperfeiçoamento dos sucedaneos, sobretudo por intermédio do gasogênio.

De outra parte lembramos que as usinas hidro-elétricas assumiram um papel preponderante no acionamento das indústrias e na tração das estradas de ferro.

A navegação marítima também vem fazendo cada dia menor apelo ao carvão, que é substituído pelo óleo.

Naturalmente as nações ricas em carvão insistem no seu uso, de preferência, e fazem muito bem. O que desejamos, porém, esclarecer, nesse superficial apanhado, é que o combustível líquido, em virtude das imensas vantagens dos motores a explosão e Diesel, possue atualmente muito maior valor que a hulha.

Em verdade, ao tempo em que foi escrito o trabalho do Dr. Pires do Rio (1916) não era assim. Predominava o carvão porque predominava a máquina a vapor.

Quanto ao esgotamento mundial das fontes naturais de petróleo no prazo de 20 anos seria coisa realmente alarmante e de repercussões imprevisíveis na vida da humanidade, que se encontraria subitamente privada de uma fabulosa parte dos seus recursos de produção, de circulação e conforto. Mas devemos admitir que esses cálculos sejam precários... Compreende-se que há forte margem de erro nas previsões geológicas dessa natureza, e por outro lado não estarão computadas na estimativa as reservas petrolíferas ainda por descobrir...

De qualquer forma, porém, o livro do Dr. Pires do Rio, tem, além de outros méritos, um grande interesse atual. Nele encontrar-se-á desenvolvidamente tudo que há sobre o carvão nacional. A sua história, desde que entre 1808 e 1811, Antônio Xavier de Azambuja remeteu para o Rio Grande três sacas de carvão colhido na sua fazenda em São Jerônimo, no Rio Grande do Sul. Vemos por volta de 1846 o Governador da Província, conde de Caxias, incumbido ao engenheiro Feliciano Prater o estudo das jazidas do Curral Alto, de Candiota e Capelinha. Por aí vai. Com pouco já surge o inglês James Johnson dado como "o verdadeiro fundador da mineração de hulha no Brasil", pois que descobriu em 1853 a bacia carbonífera do Herval, obteve o privilégio da exploração e moveu-a. Vem, por fim, um extrato dos estudos de White, que são considerados, inda hoje, a melhor orientação sobre a qualidade e possibilidades industriais das nossas jazidas hulhíferas.

Nessa altura são estudadas as características dos diversos carvões brasileiros (poder de vaporização, porcentagem e caráter das cinzas, poder calorífico), assinalando-se que a eficiência do carvão nacional não atinge, na prática, os limites indicados na experiência de laboratório, que são de 75 % em relação ao estrangeiro, enquanto o valor comercial fica em 50 %. O autor lata-se, então, por uma solução que não se baseie no barateamento do transporte ou da mineração, mas no melhoramento do combustível. E opina que "esse melhoramento pode consistir ou no tratamento do carvão (quebra, lavagem, aglomeração) para que

se preste a melhor emprego nas fornalhas comuns, ou na transformação destas fornalhas para mais eficiente aproveitamento do carvão, tal como vem da terra ou depois de pulverizado". Examina demoradamente, à luz de ponderações técnicas, esses dois casos, e por fim aponta as vantagens do carvão nacional em determinadas aplicações, sobretudo nos gasogenios. "Os combustíveis — afirma o Dr. Pires do Rio — carregados de cinzas e de enxofre, como o carvão do Brasil, por exemplo, sem inconveniente algum, poderiam ser empregados nos gasogénios com vantagem sobre as máquinas a vapor. O enxofre não prejudica o produto explosivo e as cinzas, desde que se tenha um adequado tipo de gasogénio, não oferecem os inconvenientes que apresentam nas fornalhas da máquina a vapor, onde o mal da retirada das escorias está na dificuldade de se manter a pressão do vapor quando se faz a limpeza do fogo. O rendimento do emprego do carvão nacional nos motores a gás é igual ao rendimento do carvão inglês na máquina a vapor".

"O Combustível na Economia Universal" surge em boa hora. Estamos juntamente a braços com graves dificuldades ligadas ao problema dos combustíveis. Mas parece chegada a vez do carvão nacional. A necessidade veio acelerando ultimamente o seu triunfo. E do nosso consumo anual de 2.500.000 toneladas, em 1940 1.336.301 toneladas já eram de carvão brasileiro. Agora esses números devem estar ainda mais favoráveis ao produto nacional. A siderurgia, em vespertas de instalação, consolidará a situação, pois está destinada a utilizar o "coke" fornecido pela nossa hulha.

Todas essas questões tem um alto interesse para nós militares, ligadas que são, fundamentalmente, à defesa nacional. O livro do Dr. Pires do Rio, que as apresenta, discute e soluciona tão autorisadamente, será um precioso orientador de todos nós.



LIVROS RECEBIDOS:

"Barão do Rio Branco" — CORONEL F. DE PAULA CIDADE e TENENTE-CORONEL JONAS CORREIA — 191.

"A verdade sobre a tragédia da França" — ELIE BOIS — Livraria José Olimpio, 1942.

"Outros ceus, outros mares" — HERMAN LIMA — Liv. José Olimpio — 1942.

"Curso de Topografia Militar" — CAP. OLIVIO GONDIM DE UZEDA.

FÁBRICA DE MÓVEIS
- DECORAÇÃO GERAL
DE INTERIORES
ARTÍSTICOS

Carlos Laubisch & Hirth

RIACHUELO, 81-87

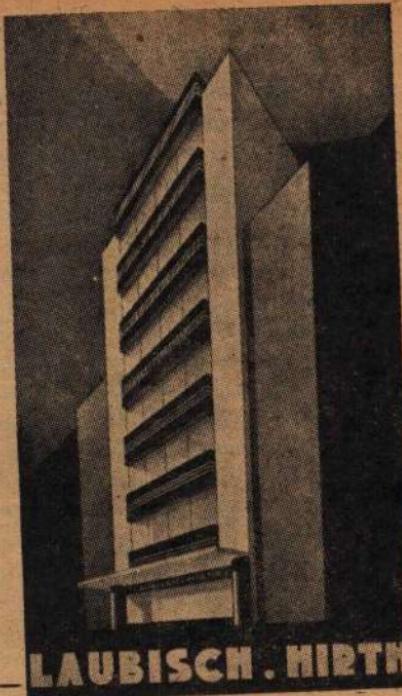
OUVIDOR, 186

SEÇÃO JUNTO A FÁBRICA

GUARDA-MÓVEIS

Porto Alegre

Recife



EMOINGT & CIA. LTD.

Fábrica Metalúrgica Brasileira

Especializados em iluminação e Artigos de Utilidade
para Presentes

Fillai e Fábrica :

Rua da Carioca, 53 - Tel. 22-7570

Loja e Escritório:

Rua 7 de Setembro, 75 - Tels. 23-5643/23 3945

Cobertores e Agasalhos

Camisaria Progresso

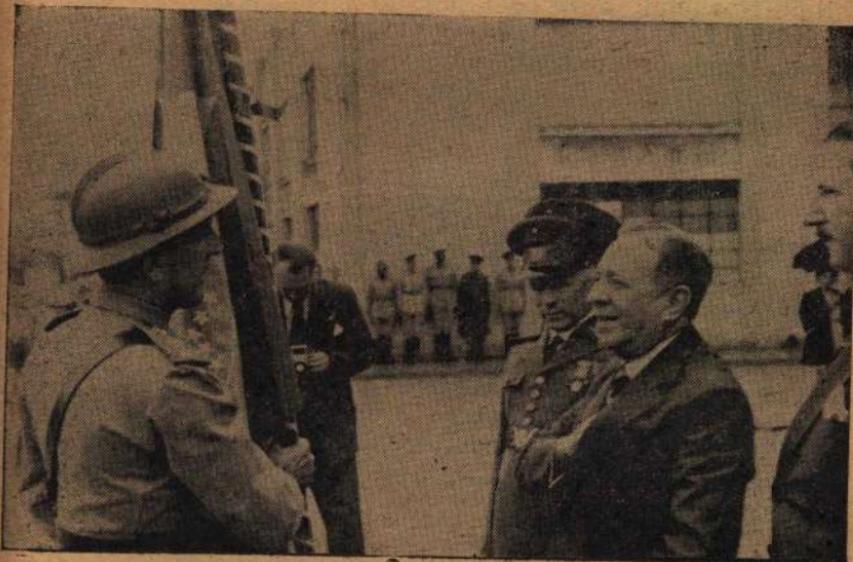
2/4, Praça Tiradentes, 2/4

BIO DE JANEIRO

NOTICIÁRIO & LEGISLAÇÃO

Primeiro aniversário do 1/2.º R.A.Ae.

Discurso pronunciado pelo
1.º Tenente OCTAVIO ALVES VELHO,
a 4-IV-1942.



Inauguração do Grupo

Cumpre hoje o **Primeiro Grupo do Segundo Regimento de Artilharia Anti-Aérea** seu primeiro ano de vida.

A repercussão externa de tal data, será, quiçá, bem reduzida. Para nós, porém, que a ele dedicamos diariamente o melhor de nossos esforços e para quem ele é um segundo lar — miniatura concreta e expressiva da grande família militar — para nós, afirmo, será um dia festivo, de grande júbilo e de satisfação incontida.

Dia após dia, o cronômetro do Tempo marcou implacavelmente os segundos que nos separam das festividades com

que a 2 de abril de 1941 foi inaugurado o Grupo como Corpo de-tropa do Exército Brasileiro.

Muitos dentre vós aqui estáveis naquele dia e bem sabéis que os soldados presentes a tal solenidade já não eram recrutas na legítima expressão da palavra. Sí lhes faltavam ainda muitos dos requisitos técnicos que fazem do artilheiro anti-aéreo um soldado de escól, sobravam-lhes, em compensação, graças ao rude e laborioso período de organização e instalação, as viris qualidades de energia, disciplina, dedicação ao serviço, bom-humor e camaradagem, sem as quais resulta inútil a mais sólida preparação profissional.

Recebemos então das mãos desse ilustre homem público e dinâmico patriota que é o Sr. Dr. ELOY CHAVES, o Pavilhão Nacional. E as suas palavras de fé e estímulo, a par da brilhante exortação, síntese dos princípios de emprego da nossa Arma, pronunciada pelo nosso primeiro Comandante, o preclaro Senhor Tenente-Coronel AGENOR LEITE AGUIAR, deram-nos, a todos, a convicção profunda de que, com a mesma matéria-prima de que se forjara outrora o bronze invencível da artilharia-de-campanha de MALLET e da artilharia-de-costa de PORTOCARRERO, saberíamos nós, brasileiros de hoje, extraír dentro em pouco, o aço inquebrável da Artilharia Anti-Aérea do Brasil, de rendimento inegualável.

Na presença das mais representativas figuras da guarda federal e do Governo do Estado de S. Paulo, Suas Excelências os Srs. General MAURÍCIO JOSÉ CARDOSO, Comandante da Segunda Região Militar, e Dr. ADEMAR DE BARROS, Interventor Federal, nascia assim, oficialmente, a primeira Unidade de D.C.A. deste formoso e fecundo rincão da terra brasileira.

* * *

Com reduzido material e quadros ainda mais diminutos, puzemos mãos-à-obra. O que nos faltava em meios, sobravam-nos, porém, em firme vontade de vencer todas as dificuldades e cumprir fielmente nossa árdua e honrosa missão. Aquilo que não nos foi possível solucionarmos sozinhos, teve nas autoridades superiores a mais decidida acolhida. E — fato importante — encontramos naqueles a quem viéramos, por força de ordens superiores, prejudicar sensivelmente em seu aquartelamento, a mais cordial simpatia e o cavalheirismo de todos os instantes: refiro-me aos caros companheiros do Estabelecimento de Subsistência de São Paulo, que desde

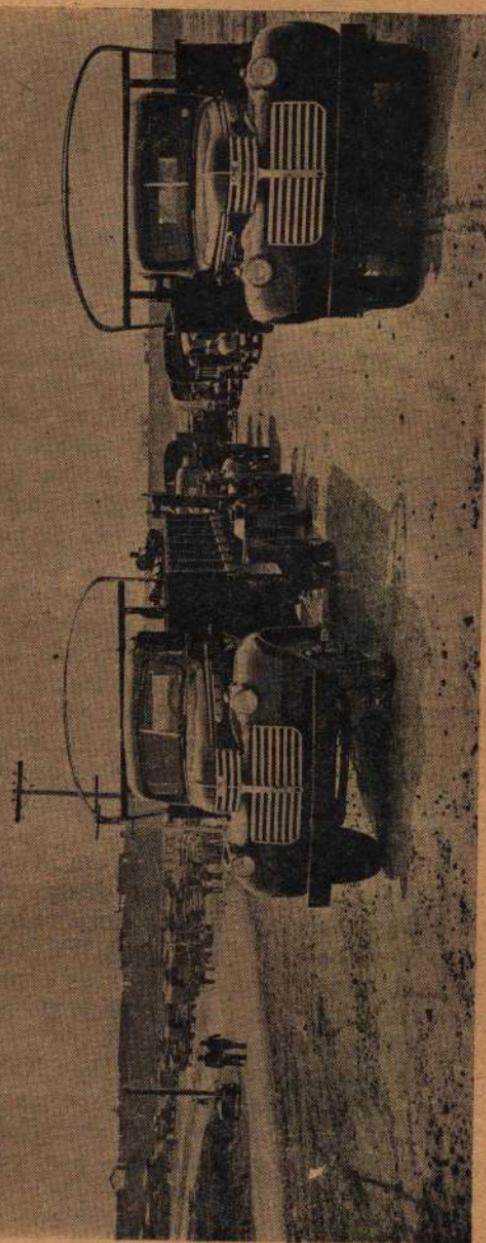
seus chefes até os mais humildes serventes, provaram-nos, na difícil situação de quartel-comum, que são aptos a fornecer não só o pão material, sustentáculo de nossos corpos e da saúde física, como também o sublime pão espiritual da amizade e da fraternidade, sem o qual a alma fenece e o coração míngua.

Obstáculo apôs obstáculo, tudo foi felizmente transposto. Dez viaturas era o que tínhamos a-princípio, pois este mundo de material moderno e eficiente que hoje vedes veio bem aos poucos, e não de-vez. Malgrado isso, em pouco tempo dispunhamos de sessenta motoristas e, mal findara o primeiro 25 de agosto, nesta Capital, e na da Semana da Pátria, no período do ano de instrução, tomávamos parte na parada de Rio de Janeiro. Ombreando galhardamente com nossos irmãos maiores, as unidades antigas e tradicionais de ambas as guarnições e até algumas de outras Regiões Militares, em nada lhes ficamos a dever e recebemos os mais francos aplausos das autoridades e do povo.

Graças aos esforços de todos e sobretudo à admirável compreensão do dever dos recrutas que hoje constituem a primeira turma da reserva anti-aérea de São Paulo, rapidamente o Grupo conquistou renome e impôz-se no conceito geral.

Os constantes exercícios das Baterias de Artilharia e da Bateria de Projetores; um honrosíssimo 4.º lugar na Temporada Desportiva Regional, conquistado exclusivamente devido ao vigor físico e ao excepcional devotamento de sua representação; manobras de guarnição na região da Penha; o brilho especial com que cooperou nas homenagens prestadas ao Exmo. Sr. Presidente da República, quando de sua visita a esta Capital, merecendo de S. Excia. as mais calorosas felicitações; e, como fecho-de-ouro, os primeiros exercícios de "black-out" realizados no Brasil e que foram levados a efeito pelo Curso de Candidatos a Sargento nas vizinhas cidades de JUNDIAÍ e CAMPINAS, com resultados notáveis sob todos os pontos de vista — tudo isto, e mais alguma coisa, são fatos de ontem que já enchem a curta história de nossa Unidade, caracterizando-lhe a personalidade inconfundível e despertando incondicional entusiasmo entre quântos, militares e civis, testemunham seu labor.

Não menos generosos foram os louvores que recebemos de quantos estiveram aqui em nosso quartel, que, apezar da precariedade de suas instalações, em breve transformou-se em verdadeira sala-de-recepção da Guarnição. Oficiais da



Primeira marcha do Grupo — Aéroporto de Congonhas

ativa e da reserva de corpos desta e de outras Regiões, os inspetores da Guarda-Civil de S. Paulo, e, por fim, as embaixadas especiais que os países irmãos da Argentina e do Paraguai enviaram ao Brasil em setembro último, foram unâimes em suas preciações elogiosas.

* * *

O ano corrente iniciou-se auspicioso. O Grupo melhorou bastante no ponto-de-vista material com a construção de novo pavilhão de viaturas-automóveis e o recebimento de uma série de novos aparelhamentos, indispensáveis a seu bom funcionamento, e que são algo do que há de mais moderno no mundo, bem como com o início da instalação de sua oficina-mecânica.

Foram transferidos, é bem verdade, 9 dos Oficiais que iniciaram a vida da Unidade. Mas, se foi com sincero pezar que vimos o afastamento de tão dignos e valorosos companheiros, tivemos a ventura de acolher, logo em seguida, seus substitutos, que em breve se impuseram integralmente ao nosso respeito e estima.

Sob a orientação de nossos chefes, entrámos já, francamente, nos exercícios de aplicação no terreno de tudo quanto se ensina e aprende no interior do quartel. Disso tivemos prova no recente acampamento realizado na região de CARAPICUIBA.

Eis, porém, que nos chega, há poucos dias ainda, a nova da transferência da sede do Grupo para o território sob a jurisdição da Sétima Região Militar — o Arquipélago de FERNANDO DE NORONHA.

Um ponto foi colocado em nossa tarefa. Novo parágrafo, mais fascinante e objetivo ora se inicia para todos nós.

E sob as ordens de nosso novo Comandante, o Senhor Tenente-Coronel SOLON LOPES DE OLIVEIRA, que hoje assume suas funções, daremos começo agora a uma fase decisiva na história do Primeiro Grupo do Segundo Regimento de Artilharia Anti-Aérea.

A confiança em nós depositada pelo Alto-Comando do Exército é a mais bela recompensa a que poderíamos almejar. Ela nos paga de todos os sacrifícios pessoais e de todos os interesses particulares que por ventura teremos de sacrificar nesta eventualidade.

Iremos ser, daqui a pouco, parte integrante do posto mais avançado da linha de defesa do Brasil e da América, nas freguesias e escarpadas penedias do arquipélago que é o

último expoente da terra e da civilização do Novo Mundo, balisa colocada pela Natureza para indicar aos navegantes a proximidade da Terra-da-Promissão.

No extremo contraforte do Continente, pois, sobre um só vulcânico e em meio do Atlântico, "VIGIAS ATENTOS A NÃO DESCUIDAR O NOSSO CEU UM SÓ MOMENTO", frente-a-frente com o maciço africano e bem próximos à rota que liga a América à Velha Europa, teremos em nossos ombros peso da responsabilidade de impedir a-todo-custo que as trevas trágicas da Guerra caiam sobre nossas cidades e sobre nossos campos. Mas seremos também os primeiros — suprema das honras! — a dar o sangue e imolar a vida em defesa da integridade do sólo, da inviolabilidade dos lares e da intangibilidade das tradições de nosso muito querido Brasil, quando o Destino assim o impuser.

VIVOS SEREMOS A SENTINELA INDÔMITA E ALERTA ANTE OS PERIGOS QUE AMEAÇAM A PÁTRIA; MORTOS, REPRESENTAREMOS UM BRADO ETERNO DE HEROISMO E DE ABNEGAÇÃO, A GUIAR OS PASSOS DOS QUE VIRÃO DEPOIS, DOS QUE HÃO-DE NOS VINGAR!

•

"Este é o pensamento da maioria dos brasileiros"

(1)

Drew Pearson é um dos mais famosos jornalistas da língua inglesa. Basta que se diga que ele escreve, diariamente, um comentário político para seiscentos grandes jornais. E ele próprio vai ao microfone e irradia uma crônica diária que é saboreada deliciosamente por milhões de radio-ouvintes. Pearson acaba de promover uma "interview" pelo rádio com o chanceler Oswaldo Aranha, de quem é um velho amigo pessoal, para os Estados Unidos. E' essa entrevista palpitantíssima que proporcionamos, linhas abaixo, aos nossos leitores.

(1) Esta entrevista foi publicada no "O Globo" que se edita nesta Capital, na edição de 21.1.1942. Desejámos que ela ficasse registrada nas nossas páginas para futura consulta. E' um documento importante.

UMA ENTREVISTA SENSACIONAL

"Alô Nova York! Aqui Drew Pearson falando do Rio de Janeiro, onde os ministros do Exterior dos países pan-americanos estão reunidos na mais importante conferência da história para alinhar a solidariedade americana.... 100% contra o Eixo !!!

E é meu grande prazer apresentar a vocês esta noite, pelo ar, o presidente desta importante conferência, o ministro das Relações Exteriores do Brasil, Dr. Oswaldo Aranha. Aliás, ele não precisa ser apresentado ao povo americano porque viveu quatro anos entre nós, como embaixador do Brasil. Durante esse tempo, viajou todo o país, conhecendo as nossas fazendas, porque ele é fazendeiro, as nossas indústrias, especialmente, familiarizando-se com o nosso povo. Creio que é acertado quando digo que foi o embaixador mais popular visto em Washington, há muito tempo. E desde que voltou para o Rio de Janeiro como ministro das Relações Exteriores ganhou por si o nome de "o melhor amigo dos Estados Unidos".

Certamente, ele tem sido o melhor amigo nesta conferência, pondo seu dinamismo de energias em se persuadir diversos ministros a se alinharem contra o Eixo.

(É coisa interessante: no Brasil o ministro Aranha é popularmente conhecido não somente pelo seu último nome como pelo de Oswaldo, da mesma forma que o presidente Vargas, popularmente conhecido como Getúlio e também como Vargas).

Eis aí, meus amigos, Oswaldo Aranha, ministro das Relações Exteriores do Brasil.

ARANHA — Obrigado Drew, por tudo que vocês americanos chamam de "baloney".

Tenho imenso prazer em cumprimentar os meus velhos amigos dos Estados Unidos e dizer-vos qualquer coisa que há de interessante nesta conferência e sobre o Brasil.

Agora sobre a conferência — Creio que estamos deixando de lado a fala sobre flores e árvores como a União Sul-

Americana fazia em Washington; e estamos falando sobre DEFESA COMUM. Estamos fazendo panamericanismo para trabalhar realmente.

Pearson — Como deduzirá o trabalho mais importante desta conferência?

DOUTRINA DE MONROE PARA A AMERICA INTEIRA ?

ARANHA — E' muito simples. Vocês têm, desde cem anos, a doutrina de Monroe para nos proteger. Agora talvez a doutrina de Monroe protegerá a todos — a vocês e a nós. Em outras palavras, a doutrina de Monroe era uma voz unilateral — o decreto de uma nação. Agora, vamos fazê-la multilateral — o decreto de muitas nações.

Pearson — Quando você fala de uma frente unida contra a agressão, Dr. Aranha, que é que você pensa de agressão dentro das Américas? Summer Welles fez o elogio da sua grande tentativa de ajustar a reclamação do Equador quando invadido pelo Perú. Que tal criar uma frente AMERICANA contra toda a espécie de agressão dentro das Américas?

O CONFLITO ENTRE O PERU' E O EQUADOR

ARANHA — Isso é muito importante. Tenho certeza de que Perú e Equador serão razoaveis. E' uma disputa sobre uma grande floresta longe de toda a civilização. Porem, ela esclarece o mais importante objetivo que o mundo encara atualmente — como se prevenir contra todas as guerras — aqui e no estrangeiro. Tenho certeza de que, nos Estados Unidos, milhares de pessoas estão pensando como se pode prevenir contra a guerra e anarquia mundial em cada vinte anos. Tenho certeza de que este é o sentir dos povos em todos os países. Eles não querem a guerra. A última coisa que o povo brasileiro quer é guerra. Porem, a guerra é começada por um homem na longinqua Alemanha e depressa ela se alastra por todo o mundo, mesmo a este hemisfério. Assim

devíamos achar um sistema de prevenções contra as futuras guerras — prevenção até antes que ela possa começar. E não é cedo de mais para nós começarmos a pensar sobre isso agora mesmo.

Pearson — Há muita gente nos Estados Unidos que enfaticamente concorda com você neste ponto. E penso que muitos dos isolacionistas que tanto criticaram Woodrow Wilson agora concordam que ele deveria ter tido uma fórmula de paz de post guerra. Aí está uma pergunta em que toda a população dos Estados Unidos está interessada. Pode o Brasil remediar nossa desesperada falta de borracha ?

O QUE O BRASIL PODERA' VENDER AOS ESTADOS UNIDOS

ARANHA — Sim, isso queremos fazer. Já resguardamos uma pequena parcela de borracha que a Argentina e o Uruguai queriam comprar-nos. Estamos reservando isto para vocês.

Pearson — Que tal recomeçar a sangria dos milhões de árvores de borracha no Amazonas ?

ARANHA — E' a única maneira de se extrair rapidamente a borracha. A sua nova borracha sintética custará mais ou menos um dolar e vinte centavos por libra, depois de pagas as despesas das novas fábricas. Mas Leon Henderson quer que nós sustentemos o preço da borracha a trinta centavos por libra. Se vocês querem borracha rapidamente a coisa é altear os preços. Assim começará uma invasão de trabalhadores para esses campos similarmente à invasão dos campos do Amazonas quando da descoberta de ouro no Klondike.

Pearson — Quanta borracha poderá o Brasil fornecer aos Estados Unidos ?

ARANHA — Umá sessenta mil toneladas imediatamente. Mas com a alta dos preços poderemos fornecer cinco vezes mais. Mas lembre-se que estou falando das produções das nossas arvores selvagens. Estas são as únicas do mundo e estamos ansiados de ajudar-vos nesta preente emergência. Mas

o que interessa ao Brasil é o que acontecerá depois da guerra. Queríamos construir e cultivar plantações de borracha, mas é difícil inverter grandes capitais neste sentido, se vocês derem preferência às Indias Holandesas, depois da guerra.

Pearson — Sim, lembro-me que quando você era embaixador em Washington sempre se esforçava no Departamento de Estado para que os Estados Unidos adquirissem sua borracha do Brasil e não dando meia volta ao mundo para trazê-la de Singapura.

ARANHA — Sim, nas minhas contestações era ainda mais ampla que isso. Não era meramente borracha, nem meramente Brasil.

O que eu tentava dizer ao Departamento de Estado era que na América do Sul nós temos todas as produções que vocês adquirem da África e da Ásia. A Bolívia tem bastante estanho, mas vocês davam meia volta ao mundo para trazê-lo da Malaia. Equador tem coco mas vocês traziam-no da África. O Brasil tem café e borracha mas vocês adquiriam toda a sua borracha em Java e em Singapura. Você se lembram das nozes de babassú?

Pearson — Nozes de babassú? Sei o que elas são, mas o que quer dizer sobre elas?

ARANHA — Você se lembram que, quando Alf Landon era candidato à Presidência, ele começou o grito sobre as nozes de babassú e censurou Cordell Hull por ter reduzido a taxa sobre a importação desse produto do Brasil? Bem, nozes de babassú produzem óleo vegetal e substituem o óleo extraído das nozes de coco que hoje vocês não podem obter, nem das Filipinas, nem das Indias Holandesas.

Pearson — Assim, apesar do Alf Landon, hoje estamos implorando por nozes de babassú.

ARANHA — Sim, vocês estão usando estas nozes para fazer sabão e vocês delas extraem a glicerina para fabricar sua pólvora. E da casca do babassú, vocês fabricam as suas máscaras contra gás.

Pearson — E tudo isso, apesar dos gritos de Alf Landon.

ARANHA — Sim, meu amigo, quando era embaixador em Washington, sempre dizia aos meus amigos que deveríamos fazer a política de boa vizinhança, trabalhando por intermédio da econômia. Precisamos fazer o intercambio dos Hemisférios. A Grã-Bretanha, os holandeses, os belgas, todos têm suas colônias na África e na Ásia e favorecem suas colônias no intercambio. Mas vocês nos Estados Unidos, eu dizia, tem os seus amigos na América Latina que produzem o mesmo cacau e café que vocês deviam favorecer no intercâmbio. Há mais: vocês não precisam dar meia volta ao mundo para obtê-los, especialmente em tempo de guerra, quando as águas estão infestadas de submarinos.

Pearson — E qual foi a reação de Washington às suas idéias?

ARANHA — Bem, não entraremos nisso. Não adeante chorar sobre o leite derramado. O que atualmente interessa aos latino-americanos é o futuro. Depois que as Índias Holandesas e Singapura sejam salvas — e todos nós o esperamos muito — será que os Estados Unidos voltarão aos grandes "trusts" britânico-holandeses de borracha e estanho? Ou será que farão suas compras na América do Sul? Esta é uma das importantes questões que os latino-americanos perguntam. Faremos tudo para ajudar na presente emergência mas queremos ter alguma segurança em relação ao futuro.

Pearson — Acho que o povo dos Estados Unidos concordará com você sobre este ponto. Agora, Dr. Aranha, uma ou duas perguntas sobre a defesa brasileiro-americana: — qual é o "status" dos "destroyers" que vocês estão construindo — aqueles cujos motores e maquinário vocês encomendaram nos Estados Unidos?

MAIS NAVIOS PARA A NOSSA DEFESA!

ARANHA — Eles já estão prontos e queremos construir mais. Porque se cortarmos relações diplomáticas com as potências do Eixo, temos que estar preparados para nos defender. Mas para construir mais navios de guerra, precisamos

de aço dos Estados Unidos e até agora não pudemos adquirí-lo. Compreendemos a sua grande necessidade de aço e podemos fornecer o minério de ferro de melhor qualidade do mundo — minério que pode substituir refugos de ferro dos quais, compreendo, vocês tem necessidade. Mas, em troca disso, gostaríamos de obter aço acabado para poder proteger o Hemisfério do Oeste.

Pearson — Sei que vocês têm uma montanha inteira do minério de ferro que nós precisamos para nossas indústrias de defesa.

ARANHA — Sim e melhor do que o minério da Suécia. Mas, Warren Pearson, do Export and Import Bank, veio aqui e recomendou que nós gastassemos vinte milhões de dólares para construir uma ferrovia — dez milhões nossos e dez milhões que os Estados Unidos nos emprestarão. **Embora nós precisemos reembolsar esta quantia, ele não quis nos dar garantias de que vocês continuarão a comprar nosso minério de ferro, depois de terminada a guerra** (2).

Pearson — Vocês estão mandando para nós muito manganês?

ARANHA — Sim. Vocês não podem mais obter manganês da Russia; assim, estamos carregando as nossas estradas de ferro para acumular manganês para vocês. Mas não podemos comprar trilhos ou aço de vocês para fortalecer as nossas estradas de ferro. A desculpa que vocês nos dão é aquela palavra de evasiva: "prioridade". Nós damos prioridade a vocês, na defesa política do Hemisfério. Porem, não podemos obter prioridade sobre os materiais necessários à defesa do Hemisfério.

Pearson — Dr. Aranha, qual a situação das linhas aéreas alemães que operavam no Brasil?

ARANHA — Elas estão fechadas. Não operam mais. Foram substituídas por aviões brasileiros e americanos.

Pearson — E quanto à linha italiana da "Lati", para a Europa?

(2)... O grifo é nosso.

ARANHA — Esta também foi fechada. O grande "clipper" americano que trouxe Sumner Welles para o Rio substituirá agora a "Lati". Tudo isso foi feito a pedido dos Estados Unidos. Creio que o Brasil têm cooperado em tudo.

Pearson — Sim, tenho ouvido das mais altas autoridades em Washington expressões de gratidão por esta cooperação e de Sumner Welles, no Rio. E isso lembra-me que lhe quero fazer a última pergunta: — Dr. Aranha, todo o mundo sabe que o Brasil há muitos anos tem sido o melhor amigo dos Estados Unidos, mas recentemente vocês têm ido mais longe e demonstraram realmente que bons amigos são. Alguns outros países, infelizmente, não sentem da mesma forma. Poderá explicar a posição do governo e do povo brasileiros em relação a isso?

ARANHA — Penso que sim. E deduzo desta forma: — há menos de duzentos anos atrás, os Estados Unidos criaram neste Continente um país novo, cujos fundamentos eram liberdade política e liberdade de religião. Desde a criação deste país, sua influência tem sido enorme — no campo das artes, ciência, medicina — em todo o mundo. Mas particularmente a sua influência tem sido grande neste Continente onde vinte outros países têm seguido o seu exemplo, onde o facho da liberdade tem vivido animado pelos Estados Unidos e pela Doutrina de Monroe. Somos prósperos e felizes, em parte porque os Estados Unidos são os nossos melhores fregueses e têm cooperado, enviando-nos missões médicas para lutar contra as moléstias tropicais, técnicos para melhorar a nossa aviação, oficiais navais para construir a nossa esquadra e de muitas outras maneiras HOJE ESTAMOS UNIDOS NESTA CONFÉRENÇA QUANDO O NOSSO MELHOR AMIGO FOI ATACADO POR UM INIMIGO CUJA UNICA FINALIDADE É A VIOLENCIA BARBARA. Assim, precisamos agora mostrar que estamos fortes, que podemos ajudar a sustentar a liberdade que os Estados Unidos nos auxiliaram a construir.

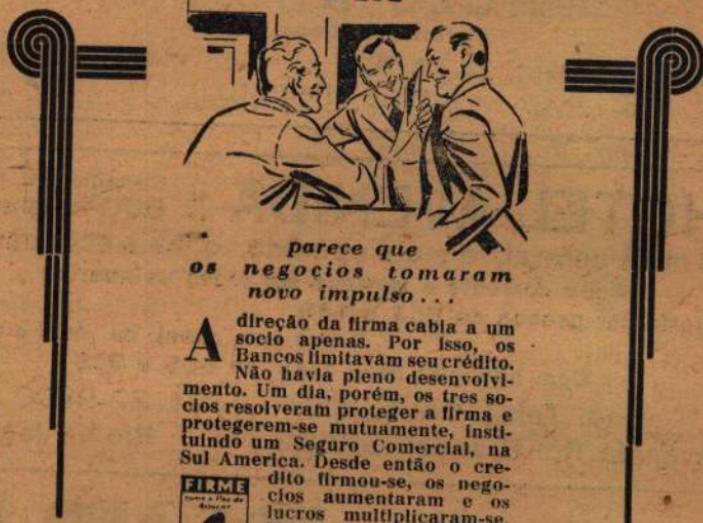
Este é o pensamento da maioria dos brasileiros. Também sentimos que seremos fortes.

Person — Obrigado, Dr. Aranha. Tenho certeza de que os milhares de americanos que o estão ouvindo nos Estados Unidos, esta noite apreciarão esta vibrante mensagem. Será para eles uma inspiração. Espero que todos os nossos ombros serão fortes..

E encerrando sua transmissão para a América do Norte, declarou Drew Pearson:

— Vocês acabam de ouvir a palavra do famoso ministro do Exterior do Brasil, Dr. Osvaldo Aranha.

DESDE AQUELE DIA



A direção da firma cabia a um sócio apenas. Por isso, os Bancos limitavam seu crédito. Não havia pleno desenvolvimento. Um dia, porém, os tres sócios resolveram proteger a firma e protegerem-se mutuamente, instituindo um Seguro Comercial, na Sul America. Desde então o crédito firmou-se, os negócios aumentaram e os lucros multiplicaram-se. Siga este exemplo, o Sr. que também é comerciante!



SUL AMERICA

Companhia Nacional de
Seguros de Vida

CAFÉ E BAR S. JOÃO - Figueiredo & Filho
PRAIA DE SÃO CRISTOVÃO, 362 - TELEFONE 28-2742

Indústria Brasileira de Diamantes Ltda.

Oficinas :

RIO DE JANEIRO,
Rua Senador Dantas, 15 - 4.^o
Tel. 22-8537
Petrópolis, Rua Riachuelo, 146
Tel. 43-44

Matriz: RIO DE JANEIRO
Rua Senador Dantas, 15-4.^o
Tel. 22-8537

End. Telegráfico "IBEDE RIOJANEIRO"

Fábrica de Pastas GEKA

Livros de folhas soltas, Pastas para cima de mesa,
Guias e "Files" para arquivos de aço, Classificadores
e registradores "GEKA"

PAULO BASILIO

Sucessor de Georg Kaden

Rua do Costa, 124 a 128

Telefone 23-1183

RIO DE JANEIRO

HOTEL AVENIDA ::

Capacidade para
500 hóspedes

O mais central, o mais comodo, o mais economico

Água corrente e telefone em todos os quartos

Diária por pessoa de 35\$ a 45\$

Diária por casal de 60\$ e 70\$

Com banheiro para casal de 80\$ e 90\$

End. Teleg. "AVENIDA" - Telef. 22-9800

Avenida Rio Branco, 152/162

Rio de Janeiro



ATOS OFICIAIS, RELATIVOS AO MINISTÉRIO DA GUERRA, PUBLICADOS NO "DIARIO OFICIAL", NO PERÍODO DE 20 DE MAIO A 20 DE JUNHO DE 1942

ALISTAMENTO DE RESERVISTAS — (autorização)

E' autorizado o alistamento de reservistas de 1.^a categoria, com vencimentos correspondentes às respectivas graduações (soldados com vencimentos de mobilizáveis), com destino às unidades abaixo:

Na 1.^a Região Militar: 5.^º e 7.^º Grupos de Artilharia de Dorso e 9.^º Grupo de Artilharia Auto-Transportado;

Na 2.^a Região Militar: II/4.^º Regimento de Artilharia Montado (Itú);

Na 4.^a Região Militar: II/8.^º Regimento de Artilharia Montado (Pouso Alegre);

Na 6.^a Região Militar: 5.^º Grupo de Artilharia de Dorso;

Na 7.^a Região Militar: 9.^º Grupo de Artilharia Auto-Transportado; e 9.^a Região Militar: II/5.^º Regimento de Artilharia de Divisão de Cavalaria (II/5.^º R. A. D. C.).

Os reservistas deverão satisfazer todas as exigências para o alistamento de voluntários, ficando autorizados os comandantes de Regiões Militares a extender a medida aos reservistas de 2.^a categoria da arma de artilharia e aos de 3.^a, artífices e especialistas.

E' autorizado o alistamento de voluntários na 2.^a Região Militar, para o preenchimento de claros no 4.^º Regimento de Artilharia Montado (Itú).

E' autorizado o alistamento de voluntários, na 1.^a Região Militar, para preenchimento de claros nos 5.^º e 7.^º Grupos de Artilharia de Dorso, em organização nesta Capital, destinados às 6.^a e 7.^a Regiões Militares (São Salvador e Recife, respectivamente).

E' autorizado o alistamento de voluntários na 6.^a Região Militar, com destino ao 5.^º Grupo de Artilharia de Dorso.

E' autorizado o alistamento de voluntários na 7.^a Região Militar.
(Avisos n.^o 1415-1418-1419-1420-1421, de 2 — D. O. de 4-6-942).

AUTONOMIA ADMINISTRATIVA — (passa a ter)

Os 2.^º/8.^º R. A. M. — 9.^º G. A. T. — 2.^º/4.^º R. A. M. — 1.^a Bia.

I. M. A. Ae. — 5.^º G. A. Do. — 2.^º/5.^º R. A. D. C. — 7.^º R. A. Do. — D. U. S. da 8.^a R. M. — e E. S. da 8.^a R. M., passam a ter autonomia administrativa, de conformidade com o disposto no artigo 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado por Decreto n. 3.251, de 9 de Novembro de 1939.

(Avisos de 2 — D. O. de 4-6-942).

CAIXA DE CONSTRUÇÕES DE CASAS — (contratos)

Em solução ao ofício n. 282, de 7 do corrente, dessa instituição, fica autorizada a suspensão, a título provisório, da lavratura de novos contratos pela Secção de Construção, admitindo-se apenas as construções sob empreitada e mediante a fiscalização da Caixa.

Semelhante medida, que visa acautelar os interesses da Caixa de Construção de Casas, deverá perdurar enquanto não for possível à Secção de Construções referida, enfrentar a instabilidade dos preços correntes do mercado, em relação ao material de construção.

(Aviso n. 1.232, de 16 — D. O. de 21-5-942).

CENTRO DE PREPARAÇÃO DE OFICIAIS DA RESERVA — (curso)

Atendendo a conveniência da instrução, os atuais alunos do 2.^º ano do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva da 1.^a Região Militar cur-

Leitaria e Sorveteria URUGUAIANA

Creme de leite, queijos e manteiga das melhores procedências
Completo serviço de refeições e lanches — Especial fabrico
de bolos e empadas

ALBINO C. GONÇALVES

Rua Uruguaina, 144

Fone 23-4439

(Entre Buenos Aires e Alfandega)

Pan Americana de Representações Ltda.

Rua, Araujo Porto Alegre, 70 - 1.º - Sala 111
Telefone 22-4399 Rio de Janeiro Caixa Postal 1831

DISTRIBUIDORES DOS APARELHOS

“TELESPEAKER”

O mais completo sistema de intercomunicação
interna

Patente Brasileira N.º 28.511

LAURO COELHO

ENGENHEIRO-ARQUITETO

Edifício Porto Alegre

R. Araujo Porto Alegre, 70-3.º A - S. 301

Fone 42-9076

ESCRITÓRIO TÉCNICO

Raja Gabaglia

Engenheiros Civis

EDIFÍCIO “COMERCIAL RIO”

Avenida Graça Aranha, 416 - 2.º

Fone 42-6080 (Rêde Interna)

RIO DE JANEIRO

sarão o referido ano até 31 de julho e o 3.º ano de 3 de agosto a 31 de dezembro, tudo em 1942, sem prejuízo da execução dos programas constantes do Regulamento vigente para os Centros de Preparação de Oficiais da Reserva.

(Aviso n. 1.464, de 6 — D. O. de 9-6-942).

CIRCUNSCRIÇÃO DE RECRUTAMENTO — (certidão)

Os chefes de Circunscrição de Recrutamento, quando tiverem de fornecer certidões de quitação com o serviço militar, em substituição a certificados de reservista ou cadernetas militares, devem fazer constar das mesmas:

- 1) a conduta dos interessados durante o tempo em que permaneceram nas fileiras do Exército, solicitando, para isso, informações às Unidades em que os mesmos serviram;
- 2) o número do certificado ou caderneta extraviados.

(Aviso n. 1.368, de 29-5-942 — D. O. de 1-6-942).

COMISSÃO BRASILEIRA DEMARCADORA DE LIMITES —

(solução de consulta)

O chefe do Serviço de Fundos da 8.ª Região Militar, em ofício n. 21-S.F., de 30 de abril último, consulta se deve atender às requisições de numerário do chefe da Comissão Brasileira Demarcadora de Limites, 1.ª Divisão, para pagamento adicional de 20 % aos oficiais e praças que prestam serviços à mesma Comissão, durante os períodos em que esta opera em pontos que não são exatamente as sedes das Guarnições dos Estados do Amazonas e do Pará.

Em solução, declara o snr. Ministro, que os militares do Exército, que prestam serviços à Comissão Brasileira Demarcadora de Limites, 1.ª Divisão, são considerados como pertencentes às guarnições de Belém ou Manaus, para efeito de percepção da quota adicional de 20 %, segundo a Comissão referida exerça sua atividade nos territórios do Pará ou do Amazonas, cabendo-lhes receber a referida quota, visto estar sendo a mesma paga a todas as unidades sediadas nesses dois Estados, ainda quando a dita Comissão opere fora das cidades citadas.

(Aviso n. 1.455, de 4 — D. O. de 6-6-942).

CONSELHO DE JULGAMENTO DE OFICIAIS — (Regulamento)

O Diário Oficial de 20-5-942, publica na íntegra, o Decreto n. 9.400, de 18-5-942, que aprova o regulamento para o funcionamento do Conselho de Julgamento do oficial afastado das funções, por incapacidade para seu exercício, de que trata o § único do artigo 33 do Decreto-lei n. 3.864, de 24-11-1941 (Estatuto dos Militares).

CORPOS DE TROPA — (organização)

E' organizado para instalação, a partir de 1 de junho do corrente ano, o 5.º Grupo de Artilharia de Dorso, com sede em São Salvador.

E' organizada, para imediata instalação, a 1.ª Bateria Independente de Metralhadoras Anti-Aéreas, com sede em Recife.

E' organizado, para instalação a partir de 1 de junho do corrente ano, o 9.º Grupo de Artilharia Auto-Transportado, com sede em Olinda, Estado de Pernambuco.

E' organizado, para instalação a partir de 1 de junho do corrente ano, com sede em Recife, o 7.º Grupo de Artilharia de Dorso.

(Decreto n. 4.339, 4.340, 4.341 e 4.342, de 26 — D. O. de 28-5-942).

CORPOS DE TROPA MOTORIZADOS — (recomendação)

Em aditamento ao Aviso n. 1.192, de 12 do corrente e ao que se refere o inciso da letra b das Instruções aprovadas por Portaria n. 3.241, de 13 do corrente, determina que nos corpos de tropa motorizados ou motome-

FORNOS: METALURGIA CERAMICA LABORATORIO

PROJETO E EXECUÇÃO
POR PROFISSIONAIS



ARCO CALEFACÃO INDUSTRIAL
R DA ALEGRIA 584 - TEL 28-8390

Almeida Loureiro & Cia.

Recebimentos diretos de Frutas, Legumes e demais
gêneros do País

RUA XIII ns. 37 e 39

Mercado Municipal

Tel. 42-0715

Oficinas Mecânica, Metalúrgica e Galvânica Reparações e Concertos - Grande e perfeita cromagem

Cromagens, douração, prateação, bronzeação e oxidação
Estilos diversos — Niquelagem com banho de espessura

Concertos de autos, rodas, motores, dinâmicos, ventiladores, etc.
Concertos e carga de bateria — Ralos e "nipples" novos

MEGA & CIA. LTDA.

Avenida Mem de Sá, 31

Telefone 22-1403

CASA SANO S. A.

Tem a honra de comunicar que acaba de inaugurar
uma secção modernizada para a fabricação de postes de
concreto armado, vibrado, para luz e força.

Está, assim, aparelhada para poder fornecer postes de
todos os tipos e cargas diferentes com comprimentos de
5,000 até 12,000m. — Consultem a nossa Secção Técnica, à

Rua Miguel Couto, 40 - Fone 23-4838 - Caixa Postal 1924 - Telegr.: "SAMOS"
RIO DE JANEIRO

carizados o consumo de gasolina se reduza ao estritamente necessário à instrução, evitando-se os deslocamentos da sede dos corpos.

(Aviso n. 1.344, de 28 — D. O. de 30-5-942).

CURSO PARA APERFEIÇOAMENTO DE SARGENTOS — (funcionamento)

Aprova o ato do comandante da 4.^a Região Militar que determinou o funcionamento de um Curso para Aperfeiçoamento de Sargentos de Engenharia, anexo ao Centro de Preparação de Oficiais da Reserva daquela Região Militar.

Autoriza os comandantes da 1.^a e 2.^a Regiões Militares a abrir, no corrente ano, Cursos Regionais para aperfeiçoamento de Sargentos de Engenharia, os quais deverão, igualmente, funcionar, se possível, anexos aos Centros de Preparação de Oficiais da Reserva respectivos.

Para matrícula nesse Curso os candidatos deverão satisfazer as seguintes exigências:

a) ter, no máximo, trinta anos de idade referidos a 1 de janeiro de 1942 e, no mínimo, dois anos como sargento; b) ter saúde comprovada em inspeção de saúde; c) ter no mínimo, boa conduta; d) ter sido aprovado em prova de seleção prévia realizada no Corpo (Aviso n. 4.353, de 28 de novembro de 1940).

(Aviso n. 1.367, de 29-5-942 — D. O. de 1-6-942).

CURSO DE PREPARAÇÃO DE OFICIAIS DA RESERVA —

(solução de consulta)

Consulta o Comandante do C. P. O. R. da 1.^a Região Militar se, em face do artigo n. 45, parágrafo 4.^o, do decreto n. 8.887, de 2 de março último, podem os alunos do Curso Superior de Administração e Finanças ser designados para outro curso que não seja o de Intendência.

Em solução declara que, tratando-se de uma especialidade e por ser reduzido o número de alunos daquele Curso Superior, devem eles compulsoriamente fazer o curso de Intendência, não lhes cabendo escolha de curso de arma.

(Aviso n. 1.305, de 26 — D. O. de 28-5-942)

DEPÓSITOS EM BANCOS — (recomendação)

A fim de evitar irregularidades, no tocante aos depósitos em bancos, de numerário pertencente aos corpos, estabelecimentos e repartições, recomenda aos respectivos agentes diretores que tomem as necessárias provisões, no sentido de ser feito com todo cuidado, pela administração da unidade minucioso exame dos extratos de conta corrente, enviados pelo Banco do Brasil e outros, os quais deverão ser sempre conferidos com o movimento registado nas cadernetas de depósito e com os lançamentos constantes dos canhotos de cheques emitidos.

(Aviso n. 1.265, de 21 — D. O. de 23-5-942).

DEPÓSITO DE MATERIAL SANITÁRIO — (organização)

E' organizado na 3.^a Região Militar, com sede em Porto Alegre, para instalação a partir de 1 de julho do corrente ano, o 3.^o Depósito Regional de Material Sanitário.

(Decreto-lei n. 4.307, de 18 — D. O. de 20-5-942).

DEPÓSITO REGIONAL DE MATERIAL BÉLICO — (contingente)

I — O efetivo do contingente do 3.^o Depósito Regional de Material Bélico, mandado organizar na 3.^a Região Militar, fica constituído dos seguintes elementos:

Auxiliares da administração: Terceiro sargento, 1; Cabos, 3; Soldados, 3 — Soma: 7.

II — Essas praças dependerão da Secretaria Geral do Ministério da Guerra.

(Aviso n. 1.520, de 10 — D. O. de 12-6-942).

Grande Fábrica de Vassouras, Escovas, Brochas e Espanadores - Fundada
em 1890

SIMÕES PEREIRA & CIA.

Especialistas em Escovas para usos industriais - Grande Prêmio na Exp. Nac. de 1908

Fábrica e Escritório: Rua Bento Ribeiro, 70 - (Antiga João Ricardo)

Telefone 43-1434

Rio de Janeiro



Anel de Identidade Militar

Temos a honra de apresentar, com absoluta exclusividade, aos srs.
Oficiais do Exército, uma jóia de real utilidade e bom gosto

Inglese & Lopes

Rua Miguel Couto, 61 - (Antiga Rua dos Ourives)
FONE: 43-3098

F. R. de Aquino & Cia. Ltda.

Administração de Bens — Compra e venda de Imóveis

Avenida Rio Branco, 91 - 6.º - Salas 1, 3, 5, 7 e 9

Agência Copacabana — Av. Atlântica, 554-B

Escrítorio: 23-1838, 23-1830 e 23-1839

Agência: 27-7313 e 47-2001

SALITRE DO CHILE

O Adubo Ideal para todas as culturas

Agentes diretos: Arthur Vianna & Cia. Ltda.

Avenida Graça Aranha, 226 - 3.º and.

Telefone 22-2531

Rio de Janeiro

"DI SARLI" ■ Gerardo Di Sarli

CONFORTO - ELEGANCIA

Calçados de luxo e sob medida

RUA ALCINDO GUANABARA, 15B - CINELANDIA

Telefone 22-3445

Rio de Janeiro

Armazém Plus - Ultra

Líquidos e Comestíveis finos - Preços Baratíssimos

José Ferreira de Oliveira

Rua José Bonifácio, 81-A - Telefone 29-2949

TODOS OS SANTOS

DESTACAMENTO MISTO — (organização)

E' organizado, pela instalação desde já, o Destacamento Misto de Sapadores e Pontoneiros, com sede em Fernando de Noronha.

DESTACAMENTO MISTO DE S. E PONTONEIROS — transferência de praças)

São considerados transferidos dos corpos de origem para o Destacamento Misto de Sapadores e Pontoneiros, as praças do 1.º Batalhão de Pontoneiros (Itajubá) e da 1.ª Comp. do 1.º Batalhão de Engenharia (Natal), destacadas para Fernando de Noronha fazendo parte do Contingente de pontoneiros e pelotão de sapadores dessas unidades, respectivamente.

(Aviso n. 1.430, de 2 — D. O. de 4-6-942)

DIREITO MILITAR — (Publicação)

I — Com o intuito de evitar que se percam vários estudos preciosos de Direito Militar, feitos em projetos de lei, pareceres e relatórios que, ou não foram publicados, ou o foram em edições reduzidíssimas, e estão condenados a desaparecimento fatal, é mandado imprimir no Ministério da Guerra, o "Arquivo de Direito Militar", sob a direção do auditor Mario Tiburcio Gomes Carneiro, obedecidas as normas regulamentares da Secretaria Geral do Ministério da Guerra, para os trabalhos desse gênero.

II — Essa publicação, que deverá sair três vezes ao ano, além dos trabalhos de doutrina, dos estudos de legislação comparada, reproduzirá, em todos os seus números, matéria variada que, sobre Direito Militar Brasileiro, for considerada de interesse para o estudo da sua formação e evolução histórica, reduzindo a matéria relativa à legislação nova e à jurisprudência nova a simples ementas das leis e dos acórdãos que são, na íntegra, publicados em outros órgãos oficiais.

III — A edição de cada número do "Arquivo de Direito Militar", salvo ordem em contrário, dada para atender as eventualidades deverá ser reduzida a quinhentos exemplares, cincuenta dos quais serão doados ao mencionado auditor, fazendo-se a distribuição dos restantes pelas unidades do Exército, da Armada e da Aeronáutica, pelas Bibliotecas Públicas das capitais dos Estados e das Faculdades de Direito do País — cumprindo, porém, reservar um certo número para o Arquivo deste Ministério.

(Aviso n. 1.566, de 15 — D. O. de 17-6-942).

DIRETORIAS DE ARMAS E SERVIÇOS — (requisitos de arregimentação)

As Diretorias de Armas e Serviços remetam ao Gabinete, com urgência, as relações nominais dos oficiais que ainda não satisfizeram os requisitos de arregimentação e zona compulsória estabelecidos por lei, os quais deverão ser aproveitados para o preenchimento de claros decorrentes do acréscimo de efetivo autorizado e nas unidades de nova formação, à medida do desdobramento (passagem ao efetivo-tipo) e da instalação dessas novas unidades.

(Aviso n. 1.261, de 21 — D. O. de 23-5-942).

DIRETORIA DO MATERIAL BÉLICO — (Serviço de Intendência)

N. 1.473 — A chefia do Serviço de Intendência da Diretoria do Material Material Bélico passa a ser exercida, indiferentemente, por major ou tenente-coronel intendente do Exército.

(Aviso n. 1.473, de 8 — D. O. de 10-6-942).

DIRETORIA DE MATERIAL BÉLICO — (Fundo de Reposição de Estoque)

A fim de permitir à Diretoria do Material Bélico do Exército exercer rigorosa fiscalização sobre as arrecadações de importâncias à conta do seu Fundo de Reposição de Estoque, relativas ao pagamento de material fornecido a título reembolsável (revolver, pistola, binóculo, bússola, munição, etc.) ou provenientes de indenizações de material extraviado ou danificado, determina as seguintes providências:

Caixotaria Brasil Ltda.



RUA GENERAL CAMARA 313
Rio de Janeiro

Sars, Oficiais ! Ide viajar ?
Procurai a "Caixotaria Brasil"
Trabalha 98 % para militares
Centenas de atestados.
Engradamento de moveis, cristais, louças etc.
Encarregoa-se de embarque e despache
Sacramento sem compromisso

Rua General Camara, 313

Fone 43-4339

Armazém, Bar e Bazar São Militão

Liquidos e Comestiveis. Béneros de primeira — Ferragens, tintas, louças e artigos de papelaria. — Sorvetes, frutas, Queijos — Picolé e Refrescos de todas as qualidades. Extratos e Remédios. Vandos a Dinhos.

Entregas a domicilio

Vendas a Dinheiro

Militão Gonçalves da Silva

FONE 29-8073

Estrada Monsenhor Felix, 481

Est. de Irajá

Armazem Invicta
Francisco Gonçalves dos Santos
Rua Alvaro de Miranda, 290 - Fone 29-6645 - RIO
Especial CAFÉ INVICTA moido à vista do freguês

ARMAZÉM BRASIL

Líquidos e Comestíveis finos — Preços sem competidores

E. FERREIRA

Rua José Bonifacio, 605

Telefons 29-2268

Todos os Santos

CAFÉ TRAJANO

José Ramos da Conceição

AV. SUBURBANA, 6265
Esquina de José dos Reis

TELEFONE 29-5649

I — O pagamento do artigo fornecido pela D. M. B. Ex. a título reembolsável, deve ser automaticamente iniciado no mesmo mês em que o oficial o receber, tornando-se indispensável a apresentação de conta ou notificação do débito por aquela Diretoria, visto se acharem previamente determinados o preço e forma de indenização de cada objeto. O oficial adquirente fará, para tal fim, as necessárias comunicações à tesouraria do corpo ou repartição.

II — As unidades administrativas devem fazer constar expressamente na coluna "Observações" da guia de remessa a espécie do artigo indenizado e número de ordem da prestação remetida, além de outras indicações indispensáveis e já constantes do modelo indicado no § 8.º, das Normas e Modelos para a execução de contabilidade nas Unidades Administrativas, constantes do Anexo I do R. A. E., isto é, saldo do débito anterior, importância remetida e saldo restante.

III — No caso de remessa de importâncias destinadas à indenização de material danificado, também deve constar na guia de remessa a espécie e valor do artigo substituído ou consertado, além de outras providências indicadas no item acima.

IV — Quando houver a cessação do desconto por motivo de extinção do débito consequente ao falecimento do oficial, exclusão da praça ou outro motivo legal, as unidades administrativas devem fazer constar, ainda, na coluna "Observações" da guia de remessa ou no ofício que a acompanha, essa ocorrência, de modo a poder aquela Diretoria cancelar a dívida nas respectivas contas correntes individuais.

V — No caso de transferência do oficial ou praça, antes do término do pagamento, deve também a unidade administrativa comunicar à D. M. B. Ex. esta alteração, indicando a nova unidade administrativa para onde foi transferido o oficial ou praça em débito.

(Aviso n. 1.387, de 1.º — D. O. de 3-6-942).

EFETIVO DE BATERIA — (Forte de Monduba)

E' mandado dar efetivo, para instalação a partir de 1.º de junho do corrente ano, à 5.ª Bateria Independente de Artilharia de Costa o Forte de Monduba.

(Aviso n. 1.348, de 28 — D. O. de 30-5-942).

EFETIVO DE CONTINGENTE — (Q. G. — 8.ª R. M.)

O efetivo de contingente do Quartel General da 8.ª Região Militar, constante do quadro n. 15 dos aprovados para a organização do Exército no corrente ano, por Aviso n. 3.677-Quad. 63, de 11 de dezembro de 1941, fica aumentado dos seguintes elementos:

Primeiro sargento, 1; Segundo sargento, 1; Cabos, 2; Soldados, 4; — Soma: 8.

(Aviso n. 1.384, de 1.º — D. O. de 3-6-942).

EFETIVO DE GRUPO — (8.º R. A. M.)

E' mandado dar efetivo ao II/8.º R. A. M., para instalação a partir de 1 de junho do corrente ano.

(Aviso n. 1.312, de 27 — D. O. de 29-5-942).

O 7.º G. A. Do. tem efetivo e dotações análogas aos do 1.º G. A. Do..

(Aviso n. 1.440, de 3 — D. O. de 5-6-942).

EFETIVO DE SUB-UNIDADES — (autorização)

E' autorizado o Comando da 7.ª Região Militar a dar efetivo desde já, às terceiras comp. de Caçadores.

E' autorizado o Comando da 3.ª Região Militar a dar efetivo, desde já, aos terceiros esquadrões de fuzileiros dos Regimentos da 1.ª Divisão de Cavalaria.

HISTÓRIA DE AMÉRICA

Em Espanhol

5988 págs.

14 volumes

Uma história completa de todos os países americanos, a única até hoje publicada. Escrita, sob a direção do prestigioso historiador Dr. Ricardo Levene, por um corpo de ilustres intelectuais e escritores, representativos de todas as Repúblicas Americanas, entre os quais o conhecido historiador brasileiro DR. PEDRO CALMON. Esta obra é, ao mesmo tempo, a história da Civilização e da Cultura americanas; de um lado é um estudo das grandeszas técnicas e das conquistas materiais, e do outro, do desenvolvimento institucional e da evolução do espírito — abrangendo os aspectos político, econômico, cultural, militar, religioso e social, acompanhando o processo de formação de cada país americano e as relações entre eles. — Fartamente ilustrada, texto em estilo suave e compreensível. — Vendida em prestações

Para informações dirigir-se a:-

W. M. Jackson Inc.

RIO DE JANEIRO

RUA DO OUVIDOR, 140 - (loja)

Fone 42-0671

Cx. Postal, 360

SÃO PAULO

RUA SÃO BENTO, 250 - (loja)

Fone 2-2348

Cx. Postal, 2.913

PORTO ALEGRE

RUA DOS ANDRADAS, 991 - (loja)

Fone 5736

Cx. Postal, 475

Luiz Campos Filhos & Cia.

Sucessores de LUIZ CAMPOS

Estabelecido em 1887

Rua Visconde de Inhaúma, 51/53

Fones: 43-8016 - 43-8215

Caixa Postal, 45

Teleg. CAMPOS

E. F. LUIZ CAMPOS

Corretor de Navios

Fones: 43-8016 - 43-8215

(Avisos n. 1.236 e 1.237, de 18 — D. O. de 20-5-942).

ESCALA DE SERVIÇO — (solução de consulta)

I — Consulta o segundo tenente da Reserva, convicado, Manoel Bernardes de Medeiros, do Estabelecimento de Subsistência da 5.^a Região Militar, qual a verdadeira interpretação a dar aos preceitos do art. 198, r. 8, combinado com o parágrafo único do mesmo artigo, tudo do Regulamento Interno e dos Serviços Gerais.

II — Em solução, declara que, evidentemente, a disposição do parágrafo único do artigo citado só tem em mira extender aos militares que deem serviço nos sábados, a medida prevista no no. 8 do mesmo artigo — já tradicional no Exército — com relação aos dias não úteis.

Nestas condições, quando um oficial ou praça tiver entrado de serviço num sábado, domingo ou feriado, deve-se evitar, na medida do possível, que sua nova designação para idêntico serviço recaia em qualquer um destes dias.

(Aviso n. 1.293, de 23 — D. O. de 26-5-942).

ESCOLA DAS ARMAS — (ordem)

Tendo em vista o não funcionamento da Escola das Armas no corrente ano, determina o seguinte:

1) As unidades Escolas passam à disposição, até ordem ulterior, da 1.^a Região Militar, para fins de instrução dos Cursos Regionais;

2) Fica o comt. da 1.^a Região Militar autorizado a nomear os oficiais das Unidades Escolas com o curso de Estado Maior ou da Escola das Armas, para instrutores desses cursos;

3) Os oficiais matriculados apenas serão dispensados nos corpos ou repartições, da instrução ou serviços que colidirem com os trabalhos dos cursos;

4) Deverão ser desligados e considerados sem aproveitamento os oficiais que faltarem 1/3 dos dias de trabalho ou deixarem de apresentar um terço dos trabalhos escritos determinados.

(Aviso n. 1.442, de 3 — D. O. de 5-6-942).

ESCOLA DE INTENDÊNCIA — (matrícula)

Em aditamento ao aviso n. 870, de 2 de abril de 1942, declara que só devem ser rematriculados na Escola de Intendência os alunos que não tenham sido reprovados em mais de duas disciplinas.

(Aviso n. 1.224, de 20 — D. O. de 22-5-942).

ESCOLA TÉCNICA DO EXÉRCITO — (efetivo)

Fica aumentado de um segundo sargento o efetivo da Escola Técnica do Exército constante do quadro n. 17, dos efetivos para organização do Exército em 1942, aprovados pelo aviso n. 3.677-Quad. 63, de 11 de dezembro de 1941.

(Aviso n. 1.248, de 20 — D. O. de 22-5-942).

ESCOLA VETERINÁRIA DO EXÉRCITO — (contingente)

O efetivo do contingente da Escola Veterinária do Exército, constante do quadro n. 17 dos aprovados para a organização do Exército em 1942, por Aviso n. 3.677-Quad. 63, de 11 de dezembro de 1941, fica aumentado de 15 (quinze) soldados.

(Aviso n. 1.519, de 10 — D. O. de 12-6-942).

ESTABELECIMENTOS DE INDÚSTRIA CIVIL — (Diretor Técnico)

E' considerado de interesse para o serviço militar o exercício, em comissão, do cargo de Diretor Técnico, no seguinte estabelecimento de indústria civil: "Indústria de Eletro-Aços Plangg Ltd.", com sede em Nova Hamburgo, Estado do Rio Grande do Sul.

(Decreto n. 9.470, de 23 — D. O. de 26-5-942).

Ao Ferro Velho do Cajú

Compra e vende:

FERRO VELHO, CHUMBO, COBRE,
METAL, VIDROS, OSSOS, etc.

JOÃO COLETTA

Rua General Sampaio, 78 - Telefone 28-6355
RIO DE JANEIRO

A GAROTINHA

FERRAGENS, TINTAS E LOUÇAS

Completo sortimento de louças esmalta, fantazias para presentes, artigos elétricos, cristais, brinquedos e grande sortimento de alumínio

A. Carneiro das Neves

54. Avenida Marechal Rangel, 54

Madureira

Telephone 29-8255

Sampaio, Avelino & Cia. Ltda. FAZENDAS POR ATACADO

TELEFONE 23-5637

End-Telegar. ONILEVA

Caixa Postal 603

Côdigos: Ribeiro, Borges e Particular

98 - Rua 1.º de Março - 98
Rio de Janeiro

E' considerado de interesse para o serviço militar o exercício, em comissão, do cargo de Diretor Técnico, na "Companhia Industrial Máquina São Paulo", com sede na cidade de São Paulo.

(Decreto n. 7.476, de 25 — D. O. de 27-5-942).

ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS — (cargos)

Atendendo ao que expõe o diretor do Material Bélico em ofício n. 648-D-1, de 18 de abril findo, declara que, nos Estabelecimentos Industriais, a substituição eventual do cargo de diretor ou fiscal administrativo, enquanto este não for nomeado ou não se apresentar o seu substituto legal, deve ser feita pelo oficial mais graduado ou mais antigo que, na escala hierárquica, se seguir ao diretor técnico.

(Aviso n. 1.385, de 1º — D. O. de 3-6-942).

ESTACIONAMENTO DE GRUPOS — (7.ª R. M.)

O II/8.º R. A. M. deverá estacionar, provisoriamente, na 7.ª Região Militar.

O II/4.º R. A. M. é mandado estacionar, provisoriamente, na 7.ª Região Militar.

(Avisos n. 1.313 e 1.314, de 27 — D. O. de 29-5-942).

ESTAMPILHAS DA TAXA MILITAR — (venda)

Sem prejuízo do que dispõe o capítulo IV do decreto n. 8.981, de 12 de março de 1942, a venda das estampilhas da Taxa Militar poderá ser feita nas Circunscrições de Recrutamento.

Para esse fim, o Chefe da Circunscrição requisitará o suprimento das estampilhas às repartições indicadas no art. 15 do citado decreto.

Semanalmente, a repartição militar recolherá à repartição do Ministério da Fazenda a importância arrecadada, deduzida a comissão de 1 %, que será adjudicada aos funcionários encarregados da venda e escrituração de que trata o parágrafo único do art. 16 do mencionado decreto n. 8.981. (Decreto n. 9.424, de 20 — D. O. de 22-5-942).

ETAPA — (valor)

Aprova a tabela geral de fixação dos valores das rações de etapas, a vigorar no 2.º semestre de 1942.

(Aviso n. 1.543, de 12 — D. O. de 15-6-942).

ETAPAS EM DINHEIRO — (solução de consulta)

Consulta o tesoureiro do 26.º Batalhão de Caçadores se às praças daquela unidade, quando desarranhadas, devem ser pagas etapas em dinheiro, no valor de 385 equivalentes à média orçamentária ou no valor de 387, de acordo com a tabela aprovada pelo aviso n. 3.671-Tabl. 6, de 11 de dezembro de 1941, tendo em vista a divergência existente entre a observação II dessa tabela e a alínea a do § 3.º do art. 144 do Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares do Exército.

Em solução, declara que deve prevalecer, no caso em apreço, o disposto no referido Código cabendo, portanto, aos cabos e soldados, quando desarranhados, o pagamento em dinheiro da etapa fixada semestralmente para a unidade administrativa.

(Aviso n. 1.405, de 2 — D. O. de 4-6-942).

FORTE DE MONDUBA — (alistamento de praças).....

E autorizado o Comando da 2.ª Região Militar a mandar alistar, com destino à 5.ª B. I. A. C. e Forte de Monduba, sargentos, cabos e soldados reservistas, da arma de Artilharia, que satisfaçam às exigências estabelecidas por lei para alistamento.

(Aviso n. 1.347, de 28 — D. O. de 30-5-942).

E autorizado o Comando da 2.ª Região Militar a abrir voluntariado com

FÁBRICA "SILESIA" KARL HÜBNER

Fabricação de canivetes marca "SILESIA" e de cutelaria em geral

RUA FERREIRA DE ANDRADE, 127 - MEIER

Fone 29-0224 — End. Teleg. "SILESIA" — Rio de Janeiro

Tamancaria São Benedito

Especialista em tamancos

José Ruffo Sobrinho

Rua Cons.^o Galvão, 596 Turí-Assú

MOBILIARIA DO Povo

Móveis, Rádios, Polchões e Tapeçarias

Vendas a vista e a prazo

TALBERG & KACZELNIK

Rua João Vicente, 67 Telefone M. H. 376
Referindo-se a este anúncio tem 5%

Armazem São Manoel

Grande variedade de cereais e vinhos

Manoel Francisco Pedro

Estrada da Portela, 257 Madureira

Armazem São Francisco

Líquidos e comestíveis finos — Papelaria

Francisco Costa da Silva (Segundo)

Praça Honório Gurgel, 311-A Estação de Irajá

Casa Yolanda Porto

Eletricidade — Rádios

RUA URUGUAIANA, 145 — TEL. 43-4403

destino à 5.^a Bateria Independente de Artilharia de Costa e Forte de Monduba.

(Aviso n. 1.349, de 28 — D. O. de 30-5-942).

FUNÇÕES ESTRANHAS AO M. G. — (vencimentos)

Os militares do Exército, nomeados para qualquer função em entidade que não pertença ao Ministério da Guerra têm direito, quando a nomeação foi feita sem prejuízo do serviço neste Ministério, a optar entre os vencimentos militares e os atribuídos à sobredita função, aplicando-se ao caso as normas relativas à acumulação de funções.

(Aviso n. 1.449, de 4 — D. O. de 6-6-942).

FUNÇÕES DE TESOUREIRO — (Q. G. da 7.^a R. M.)

As funções de tesoureiro do Quartel-General da 7.^a Região Militar, de acordo com o Aviso n. 2.852-Efeti. 13, de 26 de setembro de 1941, que tornou o mesmo Q. G. idêntico ao da 2.^a Região Militar, são privativas do posto de Capitão.

(Aviso n. 1.438, de 3 — D. O. de 5-6-942).

GERENAIOS DO EXÉRCITO — (promoções)

Por decreto de 24-5-942, foram promovidos:

Ao posto de General de Divisão o General de Brigada João Baptista Mascarenhas de Moraes.

Ao posto de General de Brigada os Coronéis Anor Teixeira dos Santos, João Pereira de Oliveira e Canrobert Pereira da Costa.

(Diário Oficial de 27-5-942).

GRATIFICAÇÃO DE FUNÇÃO — (oficial da Reserva)

O diretor do Campo de Instrução de Gericinó em ofício n. 35-S, de 4 de fevereiro último, consulta se em face das soluções de consulta a que se referem os Avisos 1.523-Ven. 10, de 22-5-41 e 252, de 29-1-42, cabe ao 2.^º Tenente da Reserva, convocado, nas funções de Fiscal Administrativo — Major — a gratificação deste posto.

Em solução, declara o Snr. Ministro que, por se tratar de função privativa de oficial da ativa — (Major) — cabe, consoante a norma fixada pelo artigo 224 do Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares do Exército, ao oficial da Reserva, convocado, que a exercer, o pagamento da gratificação ou os vencimentos, pela forma já estabelecida na legislação vigente, do referido posto superior.

(Aviso n. 1.346, de 28 — D. O. de 30-5-942).

GRUPOS TRANSPORTADOS

Os II/4.^º R. A. M., II/8.^º R. A. M. e II/5.^º R. A. D. C. são grupos autotransportados.

(Aviso n. 1.410, de 2 — D. O. de 4-6-942).

HOSPITAL MILITAR (Contingente).

I — O efetivo do contingente do Hospital Militar de 4.^a classe, com sede em Campina Grande, Estado da Paraíba do Norte, fica constituído dos seguintes elementos:

Primeiro sargento enfermeiro, 1; Segundo sargento enfermeiro, 1; Terceiros, sargentos enfermeiros, 2; Terceiro sargento manipulador de radiologia, 1; Terceiro sargento manipulador de farmácia, 1; Terceiro sargento auxiliar da administração, 1; Cabos auxiliares da administração, 2; Soma 9.

II — Os enfermeiros e manipuladores dependerão da Diretoria de Saúde do Exército; os auxiliares da administração da Secretaria Geral do Ministério da Guerra.

(Aviso n. 1.518, de 10 — D.O. de 12-6-942).

INFANTARIA DIVISIONÁRIA (Q.G.).

— O Quartel General da Infantaria Divisionária da 9.^a Região Militar, com